



O Desafio das Águias

ALISTAIR MACLEAN

Exilado dos livros

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

ALISTAIR MacLEAN
O DESAFIO DAS ÁGUIAS

TRADUÇÃO DE PINHEIRO DE LEMOS

Titulo do original inglês:
WHERE EAGLES DARE

Copyright (C) 1967 by Cymbeline Productions Ltd.

Direitos reservados para a lingua portuguesa por:

DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S. A.
Av. Erasmo Braga, 255, 8.º — Rio de Janeiro — GB

1

A vibração clangorosa dos quatro grandes motores irritava os nervos e agredia intoleravelmente os tímpanos contraídos. Smith calculou que o nível de decibéis devia ser o existente numa fábrica de caldeiras que trabalhasse em ritmo acelerado, ao passo que o frio enregelante naquele convés de voo estreito e atravancado de instrumentos era positivamente siberiano. Feitas as contas, teria preferido a qualquer tempo a fábrica de caldeiras siberiana porque, fossem quais fossem os seus inconvenientes não havia possibilidade de cair-se do céu ou de se bater na encosta de uma montanha o que, nas atuais circunstâncias, parecia uma contingência provável, ainda que não iminente, em vista da importância que parecia dar ao fato o piloto do bombardeiro Lancaster em que estavam. Smith deixou de olhar para o mundo escuro e opaco que se estendia além dos para-brisas onde os limpadores travaram a sua batalha inútil com a neve e voltou-se mais uma vez para o homem sentado à esquerda no lugar de comandante.

O Comandante Cecil Carpenter estava tão completamente à sua vontade naquele meio como uma ostra contente dentro da sua concha no mar. Terá considerado qualquer comparação com uma fábrica de caldeiras siberiana como divagações de um espírito desequilibrado. Era evidente que julgava a alucinante vibração tão calmante quanto a ação do mais gentil massagista, o ronco dos motores como particularmente soporífero e a temperatura ambiente justamente o necessário para um homem dos seus descansados gostos literários. Diante dele, a uma confortável distância para a leitura, um livro descansava num dispositivo com dobradiças que ele puxara do lado da cabina. Do que Smith podia ver de vez em quando da sinistra capa que mostrava uma faca ensanguentada cravada nas costas de uma mulher que parecia estar inteiramente nua, o comandante devia ter solene desprezo pelos romancistas contemporâneos mais sérios. Virou uma página.

— Magnífico! — exclamou ele. Tirou algumas baforadas do velho cachimbo que cheirava como uma usina de desinfecção. — Como escreve bem este camarada. Mas não é para todos, meu jovem Tremayne — disse ele, voltando-se para o moço de rosto liso sentado no lugar do copiloto. — Por isso, só deixarei você ler depois que crescer mais. — Bateu com as mãos o ar carregado de fumo a fim de melhorar a visibilidade e olhou para seu copiloto. — Tremayne, lá está você de novo com esse ar de apreensão estampado no rosto.

— É verdade... Quer dizer não, nada disso.

— Faz parte dos males do nosso tempo — murmurou Carpenter. — Faltam aos moços muitas coisas, como por exemplo uma boa cachimbada ou confiança nos seus comandantes. — Deu um suspiro, fechou o livro, marcando a página e levantou o corpo na cadeira. — Era de esperar que se tivesse direito a um pouco de paz e sossego na sua cabina de voo.

Abriu a janela ao seu lado. Uma lufada de vento carregado de neve soprou na cabina, fazendo ouvir com mais força o barulho dos motores.

Carpenter riu e esticou a cabeça para fora, protegendo os olhos com a mão enluvada. Cinco segundo depois, sacudiu a cabeça desanimadamente, apertou os olhos como se estivesse sentindo alguma dor, afastou a cabeça, fechou a janela, limpou a neve dos cabelos ruivos e dos fartos bigodes e voltou o corpo para olhar para Smith.

— Não é coisa insignificante estar perdido dentro da neve no céu da noite sobre a Europa dilacerada pela guerra.

— Outra vez, Comandante? — exclamou Tremayne.

— Ninguém é infalível, meu filho. Smith sorriu delicadamente.

— Quer dizer que não sabe onde estamos?

— Como é que eu posso saber? — perguntou Carpenter.

— Sou apenas o piloto. Temos um navegador e o navegador tem um radar e não tenho fé nem numa coisa, nem noutra.

— Vejam só, — murmurou Smith. — Como me mentiram no Ministério da Guerra! Disseram-me que você já havia executado

trezentas missões e conhecia mais o continente do que qualquer chofer de táxi conhece Londres.

— Ah! Isso é uma mentira espalhada por alguns inimigos que me querem impedir a marcha para uma boa mesa de escritório. — Olhou para o relógio e disse: — Darei a você exatamente trinta minutos de aviso antes de jogá-lo na zona de lançamento. — Voltou-se para o copiloto: — Sabe, Tremayne, que a sua negligência está pondo em risco a nossa missão?

— Como assim, Comandante?

— Eu devia ter tido o meu café há exatamente três minutos.

— Neste momento, Comandante.

Smith sorriu de novo, levantou-se, saiu da cabina e se moveu para a cauda na fuselagem do Lancaster. Ali, no compartimento frio e nu, que parecia mais do que tudo um túmulo de ferro, a impressão da fábrica de caldeiras siberiana era mais forte. O nível do ruído era tão alto que se tornava quase intolerável, o frio era intenso e as paredes com costelas de metal cheias de condensação não faziam qualquer concessão ao conforto. O mesmo acontecia com as seis cadeiras de lona e metal aparafusadas ao chão, num funcionalismo alucinado. Qualquer tentativa de introduzir instrumentos de tortura como aqueles numa penitenciária produziria um clamor nacional.

Naquelas cadeiras, sentavam-se seis homens, talvez os mais desanimados que Smith já havia visto. Como ele, envergavam o uniforme do Corpo Alpino da Alemanha. Também como ele, cada homem usava dois paraquedas. Todos tremiam de frio sem parar, batendo os pés e agitando os braços, enquanto o hálito deles se congelava no ar pesado e álgido. Diante deles, no alto da fuselagem, corria fio de metal grosso, ao qual estavam ligadas presilhas na ponta de fios que desciam para os paraquedas enrolados, no alto de pacotes de vários tamanhos e formatos, cujo conteúdo só era revelado num caso pelas pontas salientes de vários pares de esquis.

O paraquedista mais próximo, homem nervoso e moreno com feições latinas, levantou os olhos à chegada de Smith. Este pensou que nunca vira Edward Caracciola com ar mais desanimado.

— Então? — disse Caracciola com uma voz tão desalentada quanto o rosto. — Aposto que ele sabe ainda menos do que nós onde é que estamos.

— Parece que se orienta nos voos sobre a Europa, abrindo de vez em quando a janela para sentir o cheiro do ar. Mas acho que não deve se preocupar...

Interrompeu o que dizia em vista da entrada de um sargento-artilheiro que trazia uma bandeja com um bule de café fumegante e canecas de esmalte.

— E não há mesmo motivo para preocupação — disse o sargento, sorrindo tolerantemente. — O comandante tem lá as suas maneiras de agir. Café, senhores? Quando volta à base, proclama que passa o tempo todo lendo romances policiais e depende de um dos artilheiros que lhe diz de vez em quando onde é que ele está.

Smith fechou nas mãos enregeladas a caneca de café e perguntou : — Sabe onde estamos?

— Claro que sei, — disse ele, mostrando-se sinceramente surpreso e apontando para os degraus de metal que levavam à torrinha de metralhadora do alto. — Suba aí um instante e olhe para a direita.

Smith arqueou as sobrancelhas interrogativamente, colocou a caneca na bandeja, subiu a escada e olhou pela cúpula da torrinha. Durante alguns segundos, nada viu senão a escuridão. Mas, pouco a pouco, percebeu vagamente através da neve que caía uma leve luminosidade dentro da noite, que dentro em breve se mostrou como um desenho em xadrez de ruas iluminadas. Por um breve momento, Smith julgou ser vítima de alguma alucinação, mas depois desceu calmamente e tornou a pegar a sua caneca de café.

— Vejam só! Acho que alguém devia avisar a gente que mora lá embaixo. Estamos em guerra e as luzes devem estar apagadas em toda a Europa.

— Na Suíça, não — explicou o sargento, pacientemente. — A cidade que viu é Basileia.

— Basileia?! Então ele está quase 150 quilômetros afastado da rota. Pelo plano de voo deveríamos passar ao norte de Estrasburgo.

— É verdade, mas o comandante diz que não entende os planos de voo. Para dizer a verdade, é essa a rota que ele sempre segue para o Vorarlberg. Voamos para leste ao lado da fronteira suíça, passando depois ao sul de Schaffhausen...

— Mas isso é já território suíço!

— É mesmo? Bem, numa noite clara podemos ver as luzes de Zurique. Há quem diga que o Comandante Carpenter tem um quarto reservado permanentemente no Baur-au-Lac.

— Para quê?

— Diz ele que se tiver de escolher entre um campo de prisioneiros na Alemanha e a internação na Suíça, saberá de que lado da fronteira irá descer... Daqui, voaremos pelo lado suíço de lago de Constança, viraremos a leste em Lindau, subiremos a 2.500 metros para transpor as montanhas e será um salto de pulga até ao Weissspitze.

— Compreendo — disse Smith. — Mas os suíços não protestam?

— Frequentemente. E os protestos sempre coincidem com as noites em que voamos por estes lados. O Comandante Carpenter alega que a violação partiu de algum piloto mal intencionado da Luftwaffe.

Em seguida, o sargento voltou ao convés de voo. O Lancaster deu uma guinada ao entrar num vácuo e Smith teve de agarrar-se à fuselagem, enquanto o Tenente Morris Schaffer, da Seção de Operações Estratégicas dos Estados Unidos e logo abaixo de Smith no comando, disse um palavrão quando quase toda a caneca de café quente lhe caiu sobre a coxa.

— Era só o que faltava para completar a minha desmoralização! — exclamou ele. — Palavra que eu gostaria de que o avião caísse na Suíça. Pense em todos os deliciosos Wiener Schnitzels e Apfelstrudels. Depois de viver dois anos com vocês na Inglaterra comendo spam, ovo em pó e trinta gramas de margarina por dia, é disso que o Papai precisa para recuperar-se.

— E para ter certeza de viver um pouco mais — disse Caracciola, olhando-o secamente. Olhou depois para Smith e murmurou: — Toda essa operação é uma desgraça!

— Como assim?

— É uma operação suicida. Olhe para nós e veja que grupo mais esquisito, — disse, apontando os três homens que estavam sentados à sua esquerda: Olaf Christiansen, um norueguês de cabelos cor de palha que parecia primo-irmão de Leif Ericsson, Lee Thomas, homem baixo e moreno do País de Gales — os dois pareciam divertir-se um tanto com tudo aquilo — e Torrance-Smythe, de aspecto tão languidamente aristocrático quanto o de qualquer conde francês *ci-devant* já levado para a guilhotina, um melancólico docente de Oxford, que evidentemente desejava voltar quanto antes para os claustros da universidade. — Christiansen, Thomas, o velho Smithy e eu. O que nós somos? Um bando de funcionários públicos...

— Sei muito bem o que é que vocês são... — disse Smith sorrindo.

— Ou o senhor mesmo, Major. Não tenho dúvida de que fez muito boa figura tocando gaita de foles em El Alamein, mas por que é que está comandando a gente? Não leve a mal, mas acho que está tão deslocado quanto nós em tudo isso. E o Tenente Schaffer? Um *cowboy* aerotransportado...

— Não me chame de *cowboy* que eu detesto cavalos! — exclamou Schaffer. — Foi por isso que saí de Montana.

— E veja ali nosso amigo George — disse Caracciola, apontando para o último homem do grupo, George Harrod, um robusto sargento do exército que era operador de rádio e mostrava no rosto uma expressão de absoluta resignação. — Aposto que é o primeiro salto de paraquedas que ele vai dar em toda a sua vida.

— Nem queira saber da verdade — disse Harrod estoicamente. — É a primeira vez que entro num avião.

— Viu? Nunca nem entrou num avião — murmurou Caracciola, desalentado. — Meu Deus! Que bando de imprestáveis somos nós! Precisamos de um grupo altamente especializado de alpinistas, comandos e arrombadores de cofres e o que é que temos? Temos nós...

— Mas fomos nós que o Coronel pôde conseguir — disse Smith, delicadamente. — Seja justo. Ainda ontem, ele nos disse que a única coisa que ele não tinha no mundo era tempo.

Caracciola não respondeu, nenhum dos outros falou, mas Smith não tinha necessidade de ser clarividente para saber em que todos eles estavam pensando. Pensavam como ele em que estavam a muitas horas no tempo e a muitas centenas de quilômetros no espaço da Sala de Operações do Almirantado em Londres, onde o Vice-Almirante Rolland, ostensivamente diretor-assistente das Operações Navais mas na realidade o veterano chefe do MI-6, a seção de contraespionagem do Serviço Secreto Inglês, e o seu assistente, o Coronel Wyatt-Turner, tinham-lhes dado instruções sobre a missão que confessavam ser fruto do mais absoluto desespero.

— Sinto muito, rapazes, e tudo mais, mas o fator tempo é essencial — dissera Wyatt-Turner, um coronel grande, de rosto vermelho e fartos bigodes, apontando com a bengala num grande mapa de parede da Alemanha um ponto logo ao norte da fronteira da Áustria e um pouco a oeste de Garmisch-Partenkirchen. — O nosso homem caiu aqui hoje às duas horas da madrugada, mas o SHAEF (Quartel-General Supremo das Forças Expedicionárias Aliadas), na sua alta sabedoria, só nos comunicou o fato às 10 horas. Malditos idiotas! Idiotas porque tardaram tanto a nos avisar e ainda mais idiotas porque não ouviram os nossos conselhos. Será que nunca vão criar juízo e nos ouvir? De qualquer maneira, ele está aqui. Schloss Adler. O Castelo da Águia. Acreditem que o nome é bem escolhido. Só uma águia pode chegar lá. A missão...

— Tem certeza de que ele está lá mesmo, Coronel?

— Absoluta. O *Mosquito* em que ele ia fez aterrissagem forçada a apenas 15 quilômetros de lá. O piloto conseguiu transmitir uma mensagem pelo rádio antes da chegada de uma patrulha alemã... Schloss Adler, Major Smith, é o quartel-general conjunto do Serviço Secreto alemão e da Gestapo no Sul da Alemanha. Para onde iriam levá-lo senão para lá?

— De fato. E por que ele foi forçado a descer, Coronel?

— Pouca sorte. Fizemos um ataque de saturação a Nuremberg na noite passada e não devia haver um só caça alemão num raio de 150 quilômetros da fronteira austríaca. Mas uma patrulha perdida

de Messerschmidt deparou com ele. Mas isso não tem importância. O que importa é tirá-lo de lá antes que ele fale.

— Ele vai falar — disse Thomas sombriamente. — Todos falam. Mas por que não nos ouviram, Coronel? Falamos com eles há apenas dois dias.

— O motivo não importa — disse Wyatt-Turner com ar de exaustão. — Não importa mais. O que é preciso é que ele não fale e, por isso, temos de tirá-lo de lá. E os senhores é que vão fazer isso.

— Há paraquedistas, Coronel — disse delicadamente Torrance-Smythe.

— Medo, Smithy?

— Naturalmente, Coronel.

— O Schloss Adler é inacessível e inexpugnável. Precisaríamos de um batalhão de paraquedistas para tomá-lo.

— E é claro — disse Christiansen — que o fato de não haver tempo para organizar um ataque maciço de paraquedistas é um dado fundamental do problema.

Christiansen estava evidentemente satisfeito. A expedição parecia agradar-lhe imensamente.

Wyatt-Turner favoreceu-o com um relance dos seus olhos azuis gelados e resolveu não tomar conhecimento dele.

— A nossa única esperança é agir secreta e furtivamente — continuou. — E creio que os senhores são secretos e furtivos. São peritos nisso e peritos em sobrevivência na retaguarda das linhas inimigas, onde todos já passaram períodos consideráveis de tempo. O Major Smith, o Tenente Schaffer e o Sargento Harrod no exercício das suas funções profissionais e os outros cumprindo... outras missões. Assim sendo...

— Mas isso foi há muito tempo, Coronel — disse Caracciola. — Ao menos para mim, Smithy, Thomas e Christiansen. Perdemos o contato. Não conhecemos os últimos progressos em armas e técnicas de combate. E estamos inteiramente destreinados. Depois de passar dois anos sentado a uma mesa, não sabe quanto me custa correr cinquenta metros para pegar um ônibus.

— Terá então de ficar em forma bem depressa, não é mesmo?
— disse Wyatt-Turner friamente. — Além disso, o mais importante é que, com exceção do Major Smith, todos conhecem bem a Europa Ocidental. Todos falam correntemente o alemão. Verão que o treino de combate de que vão ter necessidade está tão atualizado hoje quanto estava há cinco anos. São homens com excepcionais folhas de serviço de iniciativa, competência e descortino. Se alguém tem uma chance no caso, são os senhores. Naturalmente, são todos voluntários.

— Naturalmente — disse Caracciola que pensou um instante e acrescentou: — Há outro meio, Coronel. E um meio que tem uma garantia de sucesso de cem por cento.

— Nem o Almirante Rolland, nem eu julgamos possuir o dom da infalibilidade. Será que nos esquecemos de pensar em alguma coisa? Será que tem a solução para os nossos problemas?

— Tenho, sim. Mande para lá uma esquadrilha Pathfinder de Lancasters com bombas arrasa-quarteirão de 10 toneladas. Acha que depois disso vai haver qualquer pessoa no Schloss Adler que fale?

— Não, acho que não — disse o Almirante Rolland, saindo de perto do mapa na parede e falando pela primeira vez. Falava sempre em voz baixa e pausada. Quando se tinha o poder quase incrível que ele enfeixava nas mãos, não era preciso falar alto para ser ouvido. Era um homem baixo e grisalho, com um rosto profundamente sulcado e um ar de imensa autoridade.

— Mas também acho que a sua compreensão dos fatos não corresponde ao radicalismo da sua solução. O homem capturado é americano, o General Carnaby. Se nós o sacrificássemos num bombardeio, seria possível que o General Eisenhower lançasse a Segunda Frente contra nós e não contra os alemães. Temos de observar certas gentilezas nas relações com os nossos aliados, não acham?

Caracciola não disse sim, nem não. Decerto, nada tinha para dizer. E ninguém mais tinha.

— E é isso, senhores — disse então o Coronel Wyatt-Turner. — Às dez horas esta noite, no aeroporto. Não há mais perguntas, não

é mesmo?

— Há, sim — exclamou o Sargento George Harrod. — O que há no fundo de tudo isso? Por que esse camarada é tão importante assim? Por que diabo vamos arriscar a pele...

— Basta, Sargento — disse Wyatt-Turner. — Já sabe tudo o que tem necessidade de saber.

— Se vamos mandar um homem numa missão na qual pode morrer, ele tem sem dúvida o direito de saber de que se trata — disse o Almirante Rolland. — Os outros sabem. Ele deve saber também. É uma coisa muito simples, Sargento. O General Carnaby é o coordenador-geral dos planos para o exercício da chamada Operação Overlord, isto é, a Segunda Frente. Pode-se dizer que ele sabe mais sobre os preparativos aliados da Segunda Frente do que qualquer homem vivo. Partiu na noite passada para encontrar-se com as autoridades correspondentes nas frentes do Oriente Médio, da Rússia e da Itália para coordenar os planos finais de invasão da Europa. O ponto de reunião era em Creta — o único ponto aceito pelos russos. Não dispõem de um avião suficientemente rápido para livrar-se dos caças alemães. O Mosquito inglês pode se livrar, mas não pôde na noite passada.

O silêncio caiu sobre a sala. Harrod esfregou as mãos nos olhos e, depois, sacudiu a cabeça como para desanuviá-la. Quando voltou a falar, toda a truculência tinha desaparecido da sua voz pausada.

— E se o general falar...

— Falará, sim — disse Rolland. — Como o Sr. Thomas acaba de dizer, todos falam. Ele nada poderá fazer. Bastará uma mistura de mescalina e escopolamina.

— E ele contará todos os planos para a Segunda Frente — murmurou Harrod, como em sonho. — Teremos então de cancelar tudo?

— Exatamente. Não haverá Segunda Frente este ano, Mais nove meses de guerra e no mínimo mais um milhão de vidas sacrificadas desnecessariamente. Compreende a desesperada urgência de tudo, Sargento?

— Compreendo perfeitamente, Almirante. Muito obrigado e desculpe. Acho que estou um pouco nervoso.

— Todos nós estamos nervosos, Sargento. Então, no aeroporto às dez horas — disse Wyatt-Turner. — Verificaremos o equipamento. Talvez os uniformes não assentem bem. Os bons alfaiates de Savile Row fecham cedo.

O Sargento Harrod se acomodou no banco, batendo as mãos enregeladas, olhou para o uniforme, onde caberiam três deles e todo enrugado como uma pata de elefante e disse:

— Uma coisa se pode dizer. Ele tinha razão quanto a estes danados uniformes.

— E estava errado em tudo mais — exclamou Caracciola. — Ainda acho que seria melhor mandar os Lancasters.

Smith, que ainda estava encostado à fuselagem, acendeu um cigarro e olhou demoradamente Caracciola. Teve vontade de falar, mas desistiu, pensando que os homens não estavam com muita disposição de ouvir alguma coisa. Olhou para outro lado.

No convés de voo, o Comandante Carpenter tinha escorregado tanto pela cadeira que estava com a cabeça deitada no encosto e ainda estava profundamente preocupado com café, cachimbo e literatura policial. Ao lado dele, o oficial de voo Tremayne não estava entregue de modo algum a tão tranquila despreocupação. Mudava constantemente os olhos do painel de instrumentos para a opaca escuridão à frente, olhando também às vezes para a figura reclinada do seu superior que parecia em risco iminente de adormecer. De repente, Tremayne inclinou o corpo para a frente, olhou alguns segundos fixamente pelo para-brisa e voltou-se agitadamente para Carpenter.

— Lá está Schaffhausen, Comandante!

Carpenter resmungou, fechou o livro, acabou de tomar o café, abriu a janelinha de lado e fingiu que examinava demoradamente as luzes que brilhavam lá embaixo, sem expor, contudo, o rosto ao vento e à neve.

Fechou a janela e olhou para Tremayne.

— Sabe que eu acho que você tem razão? É um descanso ter você a bordo, um descanso. — Ligou o interfone e disse: — Major Smith? Faltam trinta minutos. — Voltou-se para Tremayne. —

Sudeste para o velho Boden See. E pelo amor de Deus conserve-se do lado suíço.

Smith tirou os fones dos ouvidos e disse para os seis homens ali sentados.

— É isso. Meia hora. Vamos esperar que lá embaixo não esteja tão frio quanto aqui.

Ninguém fez qualquer comentário. Ninguém parecia ter qualquer esperança. Entreolharam-se sem uma palavra e, depois, levantaram-se lentamente, sentindo os pés enregelados. E muito devagar, muito sem jeito, com as mãos entorpecidas e a falta de espaço tornando tudo ainda mais difícil, prepararam-se para o salto. Ajudaram-se uns aos outros com as correias nas costas, abaixo os paraquedas e depois vestiram as calças brancas de neve impermeáveis. O Sargento Harrod fez até melhor. Passou pela cabeça uma volumosa capa de neve, correu o fecho por ela com dificuldade e depois puxou o capuz sobre a cabeça.

— Sinto muito ter de lhe dizer isso — murmurou Schaffer aproximando-se dele, — mas acho que o seu rádio não vai resistir ao choque da aterrissagem, Sargento.

— Por que não? — perguntou Harrod, com cara lúgubre. — Muita gente tem saltado com um rádio.

— Mas não foi você. Se os meus cálculos estão certos, você vai atingir o solo com uma velocidade terminal de 210 quilômetros por hora. E se quer mesmo saber da verdade, acho que vai ter alguma dificuldade em abrir o paraquedas.

Harrod olhou para ele, olhou para os outros companheiros que estavam sem capa, compreendeu e tirou a capa.

— Quer dizer que só vou vestir isso depois de chegar lá embaixo?

— Bem — disse Schaffer, franzindo a testa, — creio que será muito melhor.

Sorriu para Harrod, que sorriu também, quase com alegria. Até Caracciola esboçou um sorriso. O abrandamento da tensão dentro daquela fuselagem gelada era quase palpável.

— Ora, muito bem — disse Carpenter, olhando o relógio.

— Duas e quinze. Vamos trocar de lugar. Já é tempo de eu fazer jus aos meus vencimentos de comandante e de fazer um jovem piloto como você babar-se de admiração.

Os dois homens desapertaram os cintos de segurança e trocaram de lugar com alguma dificuldade. Carpenter ajustou o encosto da cadeira até ficar na posição desejada, manobrou o seu paraquedas para uma posição de máximo conforto, apertou o cinto de segurança, ajustou na cabeça uma combinação de fones e microfones e fez uma ligação.

— Sargento Johnson? — disse ele. — Está acordado?

O Sargento Johnson estava acordado de verdade no seu pequeno e extremamente incômodo cubículo de navegador. Estava inclinado diante de uma tela de radar da qual só tirava os olhos para consultar rapidamente as cartas, um mapa, uma fotografia, a bússola, o altímetro e o indicador da velocidade do ar. Ligou o comutador ao seu lado.

— Estou acordado, Comandante.

— Se nos fizer bater na encosta do Weissspitze, mandarei rebaixá-lo, entendeu bem, Johnson?

— Eu não iria gostar, Comandante. Calculo nove minutos.

— Ao menos uma vez somos da mesma opinião. É o meu cálculo também.

Carpenter desligou, abriu a janela do seu lado e olhou. Embora houvesse um pálido clarão de lua no céu da noite, a visibilidade poderia ter sido zero.

Era um mundo cinzento e opaco, um mundo cego em que nada se via senão a neve a cair. Tirou a cabeça da janela, limpou a neve dos bigodes, fechou a janela, olhou com pena para o cachimbo e guardou-o cuidadosamente no bolso.

Para Tremayne, o cachimbo guardado era a prova decisiva de que o comandante se preparava para a ação. Murmurou desanimadamente: — É um bocado difícil encontrar o Weissspitze nestas condições, não é?

— Não sei por que — replicou o comandante quase com jovialidade. — É grande como uma montanha ou, melhor é uma montanha mesmo. Não podemos errar, meu jovem.

— É por isso mesmo que acho difícil. A montanha é muito grande mas o platô no Weissspitze em que temos de deixar os homens tem apenas trezentos metros de largura, comandante. E na montanha os tais ventos adiabáticos ou como é lá que se chamam sopram em direções imprevisíveis. Uma fração para o sul e batemos na montanha. Uma fração para o norte e os paraquedistas rolarão pelo penhasco e todos se arrebentarão. Trezentos metros!

— E o que você queria? O aeroporto de Heathrow? Trezentos metros... Espaço de sobra, meu jovem. Posso aterrissar esta lata velha num décimo dessa largura.

— É verdade, comandante, mas com luzes de aterrisagem na pista. A dois mil metros de altura na encosta do Weissspitze...

Uma cigarra tocou e Carpenter ligou, atendendo.

— Johnson?

— Sim, comandante. — Johnson olhava mais fixamente do que nunca a sua tela de radar onde havia um ponto branco logo à direita do centro. — Peguei. Exatamente onde devia estar. — Olhou um instante para a bússola e disse: — Rota zero-nove-três, comandante.

— Ótimo — disse Carpenter e sorriu para Tremayne, fez uma pequena alteração no rumo e assobiou baixinho. — Dê uma espiada pela sua janela, meu jovem. Meu bigode já está encharcado.

Tremayne abriu a janela, esticou a cabeça tanto quanto lhe era possível, mas só viu aquela cinzenta e indistinta opacidade. Voltou a cabeça para dentro e abanou-a em silêncio.

— Não faz mal. Deve estar aí mesmo. — Falou pelo interfone. — Sargento? Cinco minutos. Colocar as presilhas.

— Colocar presilhas! — disse o sargento, repetindo a ordem para os sete homens que estavam em fila do lado de boreste da fuselagem. — Cinco minutos!

Todos em silêncio fecharam as presilhas dos paraquedas no fio que corria no alto e o sargento-artilheiro verificou cuidadosamente cada presilha.

Quem estava mais perto da porta e seria o primeiro homem a saltar era o Sargento Harrod. Atrás dele, estava o Tenente Schaffer cuja experiência com a Seção de Operações Estratégicas fazia dele

sem dúvida alguma o paraquedista mais treinado do grupo e que por isso mesmo fora encarregado da tarefa pouco invejável de tomar conta de Harrod. Era seguido de Caracciola, Smith, — que, como chefe, preferia estar no centro do grupo — Christiansen, Thomas e Torrance-Smythe. Atrás deste, estavam dois jovens tripulantes a postos para empurrar o equipamento acondicionado e os paraquedas ao longo do fio e jogá-los pela porta tão depressa quanto possível depois que o último homem houvesse saltado. O sargento-artilheiro tomou posição junto à porta. A tensão no ar havia voltado.

A sete metros e meio de onde estavam, Carpenter abriu a sua janela pela quinta vez em cinco minutos. O bigode macerado havia perdido muito do seu esplendor, mas o comandante decerto chegara à conclusão de que havia coisas mais importantes na vida do que bigodes molhados. Estava com óculos de avião e constantemente os limpava da umidade e da neve com um pedaço de camurça, mas a visão à frente — ou a falta de visão — continuava obstinadamente a mesma. Tudo era ainda aquela mesma nuvem cinzenta que aparecia um instante e se' sumia logo na impenetrável opacidade. Fechou a janela.

A cigarra tocou. Carpenter atendeu e escutou.

— Três minutos — disse ele a Tremayne. — Zero-nove-dois.

Tremayne fez o ajustamento de rumo indicado. Não olhava mais pela janela, nem para a frente. Estava todo concentrado em pilotar aquele grande bombardeiro e a sua atenção, toda a sua atenção se concentrava em três coisas apenas: a bússola, o altímetro e Carpenter. Um grau demais ao sul e o Lancaster se chocaria com o flanco do Weissspitze; algumas dezenas de metros mais baixo e aconteceria o mesmo. Se perdesse algum sinal de Carpenter, a missão estaria terminada antes de começar. O rosto absurdamente jovem de Tremayne estava muito sério e o corpo imóvel enquanto ele pilotava o Lancaster com uma exatidão milimétrica que nunca havia conseguido até então. Só os olhos se moviam num ritmo regular e invariável: a bússola, o altímetro, Carpenter, a bússola, o altímetro, Carpenter e nunca mais de um segundo em cada coisa.

Carpenter abriu de novo a janela e olhou. O resultado foi o mesmo, a opacidade, o vazio cinzento. Com a cabeça ainda de fora, levantou a mão esquerda, com a palma para baixo e fez um gesto para a frente. No mesmo instante, Tremayne estendeu a mão para as manetes e empurrou as alavancas. O rugido dos grandes motores diminuiu para um ronco mais contido.

Carpenter deixou de olhar pela janela. Se estava preocupado, nenhum sinal disso se lhe mostrava no rosto. Continuou a assobiar baixinho.

Calmamente e quase com displicência, examinou o painel de instrumentos. Voltou-se então para Tremayne e disse: — Quando você estava na escola de aviação, ouviu alguma vez falar em velocidade mínima de sustentação?

Tremayne teve um sobressalto, olhou para o painel de instrumentos e deu prontamente um pouco mais de potência aos motores. Carpenter sorriu, olhou para o seu relógio e apertou duas vezes o botão de uma cigarra.

A campainha tocou acima da cabeça do sargento-artilheiro que estava ao lado da porta da fuselagem. Olhou para os rostos cheios de tensão e expectativa à sua frente e disse:

— Dois minutos.

Experimentou a porta para ver se a mesma se estava abrindo sem dificuldade. Com a porta apenas entreaberta, o barulho dos motores se tornou assustador mas não tanto quanto o vento gelado e pejado de neve que embarafustou pelo avião. Os paraquedistas trocaram olhares que o sargento interpretou corretamente, depois de fechar a porta: — Estou inteiramente de acordo. É uma noite em que nem cachorro deve sair de casa.

O Comandante Carpenter, com a cabeça de novo para fora da janela, pensava da mesma forma. Bastavam cinco segundos de exposição àquele frio ártico para que o rosto ficasse cheio de cerdas de gelo como um porco-espinho; quinze segundos e a pele entorpecida não sentia mais nada. Era quando se retirava a cabeça e se esperava a estranha dor da circulação restabelecida que a coisa se tornava realmente interessante. Mas dessa vez Carpenter estava decidido a não afastar a cabeça enquanto não houvesse

uma justificação para isso e a única justificação seria avistar o Weissspitze.

Passou mecanicamente a camurça pelos óculos, olhando fixamente a escuridão cinzenta, na esperança de ver o Weissspitze antes que o Weissspitze o visse.

Os olhos de Tremayne continuavam no seu invariável ritmo de movimento, a bússola, o altímetro, Carpenter, a bússola, o altímetro, Carpenter. Mas agora o seu olhar se demorava um pouco mais de cada vez em Carpenter, esperando o sinal súbito que o galvanizaria em lançar o grande Lancaster numa violenta curva, a única ação que lhe seria possível para evitar a colisão. Carpenter movia a mão, mas não estava fazendo qualquer sinal, pois tamborilava levemente com os dedos da mão esquerda no joelho. Tremayne compreendeu de repente e com incredulidade que era aquela a demonstração maior de nervosismo que já notara em Carpenter.

Dez segundos passaram. Cinco. Mais cinco. Tremayne sentiu que, mesmo naquela cabina gelada, o suor lhe corria pelo rosto. A tentação de virar para a esquerda a fim de evitar a colisão com a montanha que poderia ocorrer a qualquer momento, era quase irresistível. Tinha consciência do medo, de um medo que chegava quase à beira de um pânico em que a razão desaparecia, que nunca havia julgado possível e muito menos experimentara.

Percebeu então que o tamborilar dos dedos de Carpenter cessara abruptamente.

Carpenter já havia visto o Weissspitze. Era mais imaginação do que realidade, mas já havia visto. Pouco a pouco, quase imperceptivelmente, à frente e um pouco à direita da direção do voo, alguma coisa mais sólidamente tangível do que um simples desejo começou a materializar-se no vazio. De repente, não se materializava mais; estava inconfundivelmente ali o flanco liso e contínuo de uma montanha que se elevava quase verticalmente num ângulo de 80 graus até desaparecer na cinzenta escuridão ao alto. Carpenter tirou a cabeça da janela, deixando-a aberta, e ligou o comutador da cabeça.

— Sargento Johnson? — as palavras foram proferidas rígida e mecanicamente, não em virtude de qualquer crise de emoção que o comandante pudesse estar sofrendo, mas porque todo o seu rosto, inclusive os lábios, estava tão congelado que não podia articular direito.

— Pronto, Comandante — disse a voz de Johnson um pouco despersonalizada ao fone, mas sem conseguir dissimular a tensão de que estava carregada.

— Descanse. Já chegamos. Pode ir dormir. Desligou, olhou rapidamente pela janela e apertou um botão acima dele.

Acima da porta, na fuselagem, uma luz vermelha se acendeu. O sargento-artilheiro levou a mão à porta.

— Um minuto agora — disse ele, abrindo a porta e prendendo-a, enquanto uma tempestade em miniatura rugia no bojo do Lancaster. — Quando a luz mudar para verde...

Não terminou a frase, em parte porque aquelas palavras eram claras demais e em parte porque tinha de gritar tanto para fazer-se ouvido acima do barulho conjunto do vento e dos motores que seria esforço perdido falar mais.

Ninguém mais falou, principalmente em vista da dificuldade de ser ouvido. De qualquer maneira, os paraquedistas trocaram olhares em silêncio que diziam com mais eloquência do que as palavras o que todos pensavam: se estava assim ali dentro, como estaria lá fora? A um gesto do sargento, moveram-se em fila para a porta aberta, com o Sargento Harrod à frente. No seu rosto havia a expressão de um mártir cristão marchando ao encontro do seu primeiro e último leão.

O Lancaster, como algum grande pterodáctilo negro do passado pré-

histórico, roncava por dentro da neve ao lado do flanco abrupto e liso do Weissspitze. Tremayne estava convencido de que aquele paredão de pedra incrustado de gelo estava terrivelmente perto. Olhou pela janela ainda aberta ao lado de Carpenter e poderia ter jurado que a ponta da asa roçava o flanco da montanha. Tremayne sentia ainda o suor no rosto, mas os lábios estavam secos como

cinza. Passou a língua por eles disfarçadamente para Carpenter não ver, mas não adiantou: continuaram secos como cinza.

Os lábios do Sargento Harrod não estavam secos, mas era apenas porque o rosto recebia em cheio a neve que fustigava o costado do bombardeiro. A não ser por isso, partilhava acentuadamente dos sentimentos e das apreensões de Tremayne. Estava na porta, agarrando-se dos dois lados à fuselagem para resistir ao vento e o seu rosto não mostrava medo, mas apenas uma expressão particularmente resignada. Os olhos estavam voltados para a esquerda, fixos quase hipnòticamente num ponto no espaço onde parecia que a cada instante a ponta da asa bateria no Weissspitze.

Dentro da fuselagem, a luz vermelha ainda estava acesa. O sargento-artilheiro pousou a mão no ombro de Harrod num gesto animador. Harrod levou três segundos para livrar-se daquela obsessão com a ponta da asa, dando um passo atrás. Afastou firmemente a mão do sargento.

— Não empurre, companheiro — disse ele, gritando para ser ouvido. — Se tenho de cometer suicídio, quero que seja à moda antiga, sozinho.

E tomou posição de novo na porta aberta.

No mesmo instante, Carpenter relanceou pela última vez os olhos pela janela e fez o gesto que Tremayne esperava, pelo qual rezara, um leve movimento giratório da mão esquerda. Tremayne inclinou prontamente a asa do grande bombardeiro e também prontamente nivelou de novo o avião.

O flanco da montanha afastou-se lentamente. Aquela perigosa proximidade do paredão da montanha não tinha sido temeridade ou insensatez. Carpenter tinha preparado com isso o seu curso predeterminado sobre o estreito platô. Esticou ainda uma vez a cabeça para fora e com a mão esquerda — com desesperadora lentidão, pensou Tremayne — estendeu a mão para um botão e apertou-o.

O Sargento Harrod, com a cabeça inclinada para trás num ângulo que fazia doer o pescoço, viu a luz vermelha mudar para verde, baixou a cabeça, fechou os olhos e com um arranco

convulsivo do braços atirou-se na neve e na escuridão. Não foi um bom lançamento pois em vez de saltar, ele deu um passo para fora e já estava girando no ar quando o paraquedas se abriu.

Schaffer saltou em seguida, num movimento fácil e perfeito, com os joelhos e os pés juntos, sendo seguido de Caracciola e Smith.

Este olhou para baixo e apertou os lábios. Apenas perceptível no espaço cinzento embaixo, Harrod, um descompassado pêndulo humano, se balançava desvairadamente no céu. As cordas do paraquedas estavam torcidas e quanto mais ele tentava canhestramente destorcê-las, mais emaranhadas ficavam. As cordas da mão esquerda estavam puxadas muito para baixo e o ar se escapava do paraquedas e, ainda balançando-se descompassadamente, ele estava deslizando para a esquerda mais depressa do que Smith já vira qualquer paraquedista deslizar. Smith ficou olhando para o vulto que rapidamente desaparecia e rezou para que ele não deslizasse além da beira do precipício.

Com o rosto carrancudo, olhou para cima a fim de ver como os outros estavam indo. Graças a Deus, não havia motivo para preocupações.

Christiansen, Thomas e Smithy estavam todos ali, tão juntos como se se tocassem, fazendo descidas perfeitamente normais.

Antes mesmo que o último paraquedista, Torrance-Smythe, fizesse seu salto, o sargento-artilheiro correu para o outro extremo da fuselagem. Afastou rapidamente uma caixa, levantou uma lona e, estendendo a mão, ajudou uma figura que estava ali encolhida a levantar-se. Era uma moça pequena, com grandes olhos negros e feições delicadas. Estava envolta em roupas volumosas, sobre as quais fora passado um macacão de neve. Por cima deste, a moça tinha um paraquedas. Estava quase entorpecida de frio e câibras, mas o sargento sabia o que devia fazer.

— Vamos, Srta. Ellison, — disse ele, levando-a para a porta com a mão passada pela cintura dela. — Não temos um segundo a perder.

Levou-a quase carregada para lá, onde um tripulante estava lançando o segundo e último paraquedas com o material. O

sargento prendeu ao fio a presilha do paraquedas. Mary Ellison voltou a cabeça como para falar com ele, mas de repente virou-se e saltou na escuridão.

O sargento ficou olhando demoradamente para fora. Esfregou o queixo com a palma da mão, sacudiu a cabeça cheio de incredulidade, recuou um pouco e fechou a pesada porta. O Lancaster, com os seus quatro motores ainda em potência reduzida, continuou dentro da neve e da noite.

Desapareceu quase imediatamente e, poucos segundos depois, até o murmúrio dos seus motores se apagara dentro das trevas.

2

Smith, suspendeu bem as mãos para as cordas do paraquedas, levantando um pouco o corpo e fez uma descida perfeita com os joelhos dobrados em cerca de meio metro de neve. O vento puxava o paraquedas com toda a força. Abriu prontamente a fivela das correias, fez esvaziar-se o paraquedas, puxou-o e dobrou-o e o empurrou bem para dentro da neve, usando como peso a bolsa que tirou dos ombros.

Ali, ao nível do chão — se a dois mil metros no alto do Weissspitze se pudesse falar em nível do chão — a neve era relativamente fraca em comparação com a nevasca que sentira ao pular do Lancaster, mas, ainda assim, a visibilidade era tão ruim quanto lá em cima porque soprava um vento de vinte nós e a poeira branca que o mesmo tangia era bem densa.

Smith fez uma pronta inspeção de 360 graus do seu horizonte e nada viu nem a ninguém.

Tirou da túnica uma lanterna elétrica e um apito. Voltando-se alternadamente para oeste e leste, tocou o apito e acendeu a lanterna. O primeiro que apareceu foi Thomas, depois Schaffer e, dentro de dois minutos, os outros, com exceção do Sargento Harrod.

— Empilhem os paraquedas e ponham pesos em cima — comandou Smith, — o mais fundo que puderem. Alguém viu o Sargento Harrod? Ninguém?

— Na última vez em que o vi — disse Schaffer — passava pela minha frente como um destróier em mar picado.

— Vi-o também um instante — disse Smith. — As cordas estavam muito torcidas?

— Mais do que um sacarrolhas. Mas achei que não havia perigo de que o paraquedas se fechasse. Não havia tempo. Estávamos quase no chão quando o perdi de vista.

— Tem alguma ideia de onde ele foi cair?

— Mais ou menos. Mas deve estar bem, Major. Talvez um tornozelo torcido ou um galo na cabeça. Nada mais.

— Peguem as lanternas — disse Smith e se espalhem pelo platô. Temos de encontrá-lo.

Iniciaram a busca. Se Smith partilhava do otimismo de Schaffer em relação a Harrod, não o mostrava no rosto carrancudo. Três minutos passaram e então ouviu-se um grito à direita. Smith foi para lá correndo.

Caracciola é que havia gritado e estava naquele momento na borda de uma projeção de pedra batida pelo vento, com a lanterna acesa e voltada para baixo. Além da projeção de pedra, o chão caía a' prumo até uma plataforma coberta de neve. Meio enterrado nela, o Sargento Harrod estava estendido de costas e com os braços abertos, os pés quase encostados à pedra e o rosto virado para a neve que caía, com os olhos abertos. Parecia não perceber a neve que lhe caía nos olhos.

Todos olhavam para o vulto imóvel. Smith saltou para a plataforma passou o braço pelo ombros de Harrod e tentou levantá-lo. A cabeça do sargento pendeu para o lado, balançando-se como a de uma boneca de pano rasgada. Smith deitou-o de novo na neve e procurou sentir-lhe as pulsações do pescoço. Ao fim de algum tempo, levantou-se.

— Está morto? — perguntou Caracciola.

— Está, sim. Quebrou o pescoço. Com certeza, emaranhou-se nas cordas e fez uma descida errada.

— Isso acontece — murmurou Schaffer. — Já tenho visto isso acontecer. Posso pegar o rádio?

Smith fez um sinal de assentimento. Schaffer desceu para a plataforma e tratou de desapertar a fivela da correia que prendia o rádio às costas de Harrod.

— Não é assim — disse Smith. — Há uma chave passada pelo pescoço dele embaixo da túnica. Com ela poderá abrir o fecho da fivela.

Schaffer encontrou a chave, abriu a fivela com alguma dificuldade, afrouxou as correias passando-as pelos ombros do

morto e conseguiu afinal tirar o rádio. Levantou-se e olhou para Smith.

— Pensando bem, não adianta nada. Uma queda tão violenta que quebrou o pescoço de um homem não pode ter feito bem ao mecanismo deste rádio.

Sem falar, Smith pegou o rádio e ligou-o, apertando o botão de chamada. Uma luz vermelha logo se acendeu, mostrando que o circuito de transmissão estava em ordem. Smith apertou então a chave de recepção, aumentou o volume, girou o *dial*, escutou trechos de música repletos de estática e por fim desligou o rádio e entregou-o a Schaffer.

— O rádio fez uma descida melhor do que o Sargento Harrod. Vamos — disse ele.

— Não vai enterrá-lo, Major? — perguntou Caracciola.

— Não é preciso. A neve se encarregará disso dentro de uma hora.

Vamos procurar o material.

— Agora, pelo amor de Deus, vejam se ficam firmes! — disse Thomas ansiosamente.

— O que há com vocês, celtas? — perguntou Schaffer. — Não têm fé em ninguém? A sua vida está em segurança nas mãos de Schaffer e Christiansen. Não se preocupe.

— Pois é por isso mesmo que estou preocupado.

— Se todos começarmos a escorregar — disse Schaffer — só largaremos você no último instante.

Thomas olhou melancolicamente por cima do ombro e passou o corpo sobre a borda do precipício. Schaffer e Christiansen estavam com os pés bem firmes na neve e eram por sua vez amparados pelos outros. Até onde a luz da lanterna de Thomas alcançava, o paredão que se estendia para a escuridão embaixo era absolutamente vertical e de pedra negra e nua. As poucas fendas que se viam estavam tampadas pelo gelo e não havia lugar algum onde firmar as mãos ou os pés.

— Já vi tudo que eu quero — disse Thomas. Levantaram-no para cima e Smith perguntou:

— Então? Muito íngreme?

— Quase vertical. Liso como vidro e não se pode ver o fundo. Que profundidade acha que tem o precipício, Major?

— Quem sabe? — murmurou Smith. — Estamos a dois mil metros e os mapas nunca dão detalhes numa altitude dessas. Peguem a corda de nylon.

Tiraram de um dos volumes lançados de paraquedas a corda de nylon de cerca de trezentos metros que ainda estavam enrolados dentro de uma bolsa de lona, como vieram da fábrica. O diâmetro era pouco maior do que o de uma corda de estender roupa, mas era feito de fibras muito fortes e tinha sido rigorosamente testada metro por metro na sua resistência. Smith amarrou um martelo numa das pontas e, enquanto dois homens o seguravam firmemente, foi descendo a corda, contando as braças à medida que as soltava. O martelo bateu várias vezes em alguma obstrução invisível, mas Smith conseguiu desembaraçá-lo. Afinal, a corda parou de descer, apesar de todos os esforços de Smith.

— Bem — disse Smith. — Chegou ao fundo.

— E se não chegou? — perguntou Christiansen. — Se está apenas numa protuberância a centenas de metros acima de tudo?

— Se assim for, ficará sabendo disso — murmurou Smith friamente.

— Mediu a profundidade com a corda. Quantos metros?

— perguntou Caracciola.

— Sessenta metros.

— Restam 240 metros, não é? — disse Thomas, rindo.

— É mais do que precisamos para amarrar toda a guarnição do Schloss Adler.

— Ninguém achou graça.

— Vou precisar de um grampo com argola e de dois rádios receptores-transmissores.

A um metro e meio da borda do precipício, removeram a neve e cravaram firmemente na pedra um forte grampo com argola. Smith fez uma alça dupla numa ponta da corda. Depois, passou as pernas pelas duas alças.

Desapertou o cinto e tornou a afivelá-lo em torno do corpo e da corda, passando pelo ombro a correia de um rádio receptor-

transmissor. A corda foi então passada pela argola do grampo e três homens, de costas para o precipício, passaram a corda em torno das mãos, preparando-se para aguentar o peso. Schaffer ficou ao lado com o outro rádio.

Smith verificou se não havia arestas cortantes ou ásperas na borda do precipício, passou o corpo para fora e deu sinal para que o baixassem. A descida foi simples. Como Thomas dissera, o paredão era vertical e Smith não teve de fazer mais nada senão afastar-se da rocha, enquanto os homens davam corda. Só uma vez, passando por uma projeção de pedra, girou violentamente no espaço, mas dentro de dez segundos, restabeleceu o contato com o paredão. Smith pensou que aquilo não passava de alpinismo facilitado. Ou aparentemente facilitado. De qualquer maneira, era bom que ele não pudesse ver o que se estendia abaixo.

Os seus pés se enterraram em meio metro de neve e descansaram em chão firme. Acendeu a lanterna e girou-a em semi-círculo. Se era uma plataforma, era bem grande, parecendo mais um platô que se estendia do penhasco num ângulo suave. Este era liso e só uma fenda rasa o interrompia a poucos metros de onde estava. Tirou a corda das pernas e ligou o rádio.

— Até aqui, tudo bem. Puxem a corda e desçam primeiro os materiais.

Depois, venham vocês.

A corda foi puxada e desapareceu na, escuridão. Cinco minutos depois, todo o material fora descido em duas cargas separadas. Logo depois, Christiansen apareceu.

— Por que é que se faz tanto barulho a respeito do alpinismo? — perguntou ele, jovialmente. — Minha avó poderia ter feito isso.

— Acho então que devíamos ter trazido sua avó — disse Smith. — Mas não pense que já resolvemos tudo. Pegue essa lanterna e veja quais são as dimensões desta plataforma e qual é a melhor maneira de descer. Pelo amor de Deus, não vá rolar em nenhum precipício!

Christiansen riu e afastou-se, dando a impressão de um homem perfeitamente contente da vida. Enquanto estava procedendo ao

reconhecimento, os outros foram descendo até que lá em cima só ficou Schaffer.

— Como é que eu vou descer? — perguntou ele pelo rádio. — Pela corda, mudando as mãos enregeladas de palmo a palmo? É melhor saírem de perto quando eu cair. Alguém devia ter pensado nisso.

— E houve quem pensasse — respondeu Smith pacientemente. — Verifique se a corda ainda está passada pela argola do grampo e jogue os outros 240 metros de corda cá embaixo.

— Sempre há uma solução — disse Schaffer com um suspiro de alívio.

Tinham acabado de descê-lo para a plataforma quando Christiansen voltou.

— Não é tão ruim assim — disse ele. — Há outro penhasco talvez a uns cinquenta metros daqui que se curva para leste. Ao menos, creio que é outro penhasco. Não procurei verificar muito porque, afinal de contas, sou um homem casado. Mas nesse ponto o platô desce suavemente para oeste.

Parece que se estende por uma longa distância. E há árvores. Segui a linha delas uns duzentos metros.

— Árvores? Nesta altura?

— Bem, tenho certeza de que não são mastros de navios. Abetos. Darão abrigo e proteção.

— Muito bem — disse Smith. — Acamparemos lá.

— Tão perto? — exclamou Schaffer num tom que indicava que não aprovava muito a ideia. — Não será melhor descermos a montanha tanto quanto for possível, ainda esta noite, Major?

— Não é preciso. Se partirmos com a primeira luz, estaremos ao amanhecer bem abaixo da linha das árvores.

— Estou de acordo com Schaffer — disse Caracciola. — Devemos andar tanto quanto possível esta noite, não acha, Christiansen?

— Não importa a opinião de Christiansen — disse Smith, com voz controlada mas fria como o ar da montanha — nem a sua, Caracciola. Isto não é uma mesa-redonda, é uma operação militar. E as operações militares são comandadas. Goste disso ou não

goste, o Almirante Rolland me deu o comando. Vamos ficar aqui esta noite. Transportem o material.

Os cinco homens se olharam. Depois, começaram a pegar o material.

Não havia mais discussão sobre quem era que estava comandando.

— Podemos armar as barracas logo, chefe? — perguntou Schaffer.

— Podem — disse Smith. Refletiu que no vocabulário de Schaffer, "chefe" devia ser um tratamento de mais respeito do que simplesmente o de "major". — Depois, comida, café quente e uma tentativa de pegar Londres pelo rádio. Esperemos que dê certo. Puxe aquela corda para baixo, Christiansen. Não vamos, quando o dia amanhecer, provocar ataques de coração nos observadores com binóculos no Schloss Adler.

Christiansen começou a puxar a corda. Quando a ponta livre começou a se elevar no ar, Smith deu um grito e agarrou o braço de Christiansen que parou de puxar a corda.

— Ih! — exclamou Smith, batendo na testa. — Pouco faltou.

— O que há? — perguntou Schaffer.

— Depressa! Dois de vocês suspendam-me e ajudem-me a pegar a corda antes que desapareça.

Dois homens o levantaram. Smith pegou a ponta pendente da corda e desceu com ela para o chão, amarrando então com muito cuidado e firmeza as duas pontas da corda.

— Agora que já acabou... — murmurou polidamente Torrance-Smythe.

— O rádio — murmurou Smith. — Só há uma lista de frequências, sinais de chamada e código e essa lista está dentro da túnica do Sargento Harrod.

— Não se incomoda se eu der também uma palmada na testa, chefe? — perguntou Schaffer.

— Irei buscar a lista, se quiser — disse Christiansen.

— Não. Eu é que tive a culpa do esquecimento e eu é que tenho de ir buscá-la. Além disso, sou eu o único que entende alguma coisa de subida de montanhas — a julgar pelo que disse o Coronel Wyatt

Turner — e esse paredão é mais difícil de subir que de descer. Mas não há pressa. Vamos primeiro acampar e comer.

— Se não sabe fazer nada melhor do que isso — disse Schaffer a Torrance-Smythe — está despedido. Daqui a uma semana, pode fazer sua trouxinha. — Olhou para o prato de metal e teve um arrepio. — Olhe, fui criado num lar cristão e só por isso não lhe digo o que essa comida me lembra.

— Não tenho culpa — disse Torrance-Smythe. — Embalaram os abridores de lata errados. — Mexeu a panela com o gulaxe de aspecto indefinido no alto do fogareiro de butana e perguntou aos homens sentados em torno dele na barraca: — Alguém quer mais?

— Vamos deixar de gracinhas — disse Schaffer, fechando a cara.

— Espere até provar o café dele — disse Smith, — e vai-se espantar de ter reclamado da comida. — Levantou-se, olhou para o tempo da porta da barraca e murmurou:

— Posso levar uma hora. Mas se tiver caído muita neve lá em cima...

Todos sabiam o que ele queria dizer. Se a neve se tivesse amontoado lá em cima, ele poderia levar muito tempo para descobrir onde estava o corpo do Sargento Harrod.

— A noite está bem ruim — disse Schaffer. — Vou ajudá-lo.

— Não há necessidade. Posso subir e descer sozinho. Uma corda passada pela argola de um grampo não é nenhum elevador, mas eu me arranjaré e dois não são melhores do que um num serviço assim. Sabe o que é que pode fazer, Schaffer? Fique com o rádio. Será muito engraçado eu ter esse trabalho todo para ir buscar a lista de frequências e quando descer descobrir que algum idiota pisou no rádio e arrebentou-o. Guarde-o com a sua vida, Tenente Schaffer.

— Fique descansado, chefe — disse Schaffer solenemente.

Com um martelo e dois grampos na cintura, Smith se amarrou à corda com uma alça dupla e o cinto, como da outra vez, pegou a outra ponta da corda e começou a içar-se. A afirmação de Smith aos outros no sentido de que aquilo era trabalho para um montanhista carecia de exatidão, porque a técnica montanhista

necessária era mínima. Tratava-se de esforço físico exaustivo e nada mais. Na maior parte do tempo, com as pernas quase em ângulo reto em relação ao corpo, caminhara pelo paredão vertical acima. Ao chegar à borda da plataforma, sem ajuda para os braços, teve por duas vezes de sustentar-se na outra parte da corda e descansar até recuperar a força nos doloridos músculos dos ombros e dos braços, e na hora em que afinal galgou a borda, arquejando e transpirando como se estivesse numa sauna, não estava longe da total exaustão. Não levava em conta o efeito negativo da altitude para quem não estava habituado.

Ficou deitado de bruços durante vários minutos até que a respiração e o pulso voltassem mais ou menos à normalidade — ou ao que era a normalidade a dois mil metros de altura. Levantou-se e examinou o grampo através do qual a corda passava. Parecia bem firme, mas por precaução deu mais algumas boas marteladas a fim de cravá-lo mais na rocha, tirou a corda das pernas e prendeu a ponta ao grampo com um nó bem forte, que experimentou para ver se estava sólido.

Afastou-se alguns metros da borda, removeu a neve e pregou levemente um dos grampos a mais que havia levado. Experimentou para ver se saía com facilidade e viu que sim. Tornou a pregá-lo levemente e passou por ele uma parte da corda que estava firmemente amarrada ao primeiro grampo.

Seguiu então pelo pequeno platô assobiando *Lorelei*. Não era um assobio muito entoado, como o próprio Smith seria o primeiro a reconhecer, mas não deixava de ser reconhecível. Um vulto surgiu de repente da noite e correu ao encontro dele, tropeçando e escorregando por dentro da neve. Era Mary Ellison. Parou a um metro de distância e pôs as mãos na cintura.

— Ora muito bem! — exclamou ela, batendo os dentes incontrolavelmente. — Demorou quanto quis, não foi?

— Não perdi um minuto — disse Smith, defendendo-se. — Tive primeiro de comer e tomar café.

— Teve, não foi? Egoísta imundo! — disse ela, aproximando-se e passando os braços pelo pescoço dele. — Como o detesto!

— Sei disso — murmurou ele, tirando a luva e tocando-lhe o rosto. — Mas você está gelada.

— Claro que estou! Quase morri naquele avião! Você bem pedia ter-me mandado uma garrafa de água quente ou uma roupa com aquecimento elétrico. E eu que pensei que você me amava!

— Não tenho culpa dos seus pensamentos — disse ele, batendo-lhe carinhosamente nos ombros. — Onde é que está sua bagagem?

— A cinquenta metros daqui. E deixe de me acarinhar dessa maneira protetora, ouviu?

— Calma, menina. Vamos buscá-la.

Andaram alguns metros dentro da neve profunda e Mary perguntou: — Qual foi o pretexto que você encontrou para voltar aqui? Disse que tinha perdido as abotoaduras?

— Tive de voltar por um motivo que nada tinha que ver com você, embora eu tivesse encenado um ato bem teatral de que me esquecera até ao último instante, quando já era quase muito tarde. Esqueci o livro de código de rádio dentro da túnica do Sargento Harrod.

— Ele perdeu o livro? Como pôde ser tão negligente? Além disso, o livro está preso por uma corrente.

— O livro ainda está dentro da túnica do Sargento Harrod — disse ele, sombriamente. — Ele está aqui, morto.

— Morto? Coitado! Era tão simpático! Ouvi-o dizer que nunca havia saltado. Uma descida mal feita?

— É o que parece.

Encontraram a mochila de Mary e Smith levou-a até à borda.

— E agora? — perguntou Mary. — O livro de código?

— Vamos esperar um pouco. Quero observar esta corda.

— Por quê?

— Porque sim.

— Então não me diga. Creio que sabe o que está fazendo.

— Gostaria de ter essa certeza — disse Smith com sinceridade.

Esperaram sentados em silêncio ao lado da mochila. Olhavam para a corda em solene concentração, como se as cordas de nylon a dois mil metros de altura tivessem alguma significação especial. Duas vezes Smith tentou acender um cigarro e duas vezes a neve o

apagou logo depois. Os minutos foram passando, três ou quatro que lhes pareceram mais trinta ou quarenta.

Percebeu que Mary estava tremendo violentamente. Levantou-se para sair dali quando de repente houve um forte puxão na corda e o segundo grampo pregado por Smith soltou-se. O laço em torno do outro grampo retesou-se. A corda era puxada com tanta força que entrou profundamente na neve da borda. Mas o grampo resistiu.

— Que quer dizer isso? — perguntou Mary, baixando a voz instintivamente a um sussurro.

— Magnífico — murmurou Smith. — Rocky Graziano às avessas.

— Rocky Graziano?

— Sim, o pugilista. Escreveu um dia um livro intitulado *Alguém Lá em Cima Gosta de Mim*. Bem, parece que alguém lá embaixo não gosta de mim.

Está surpresa?

— Se aquele grampo não tivesse resistido, não poderíamos mais descer — disse ela com uma voz cujo tremor não era produzido inteiramente pelo frio.

— Bem, para um salto a distância é muito grande. Smith a tomou pelo braço e seguiu com ela. A neve estava mais forte e mesmo com as lanternas acesas a visibilidade não chegava a dois metros, mas Smith, guiando-se pela projeção de rocha, não levou mais de dois minutos para encontrar o Sargento Harrod, que não era mais do que um montão informe no meio da neve.

Smith afastou a branca mortalha, abriu a túnica do morto, recuperou o livro de código, passou a corrente por seu pescoço e guardou-o dentro do seu uniforme do Alpenkorps.

Tratou então de virar o corpo do Sargento Harrod. Esperava que a tarefa fosse desagradável, mas não impossível, e quase o era. O corpo estava rígido como uma tábua, congelado na posição em que havia caído. Sentiu pela segunda vez naquela noite o suor descer-lhe pelo rosto. Virou afinal o corpo, com o braço direito rígido apontando para o céu. Smith ajoelhou-se, acendeu a lanterna e examinou cuidadosamente o corpo.

— O que está procurando? — perguntou Mary, angustiadamente.

— Ele quebrou o pescoço e eu quero saber como foi que isso aconteceu. Não é preciso você olhar.

— Fique descansado que não vou olhar mesmo.

Smith afastou as roupas, expondo a cabeça e o pescoço. Encontrou afinal o que esperava. Havia uma marca vermelha na base do pescoço, onde a pele estava aberta. Levantou-se, pegou o corpo pelos pés e arrastou-o um ou dois metros.

— O que está procurando agora? — perguntou Mary.

— Uma pedra, — respondeu ele com uma frieza na voz que impediu Mary de fazer novas perguntas.

Smith limpou a neve num raio de um metro do lugar onde havia estado a cabeça de Harrod. Examinou tudo com meticoloso cuidado. Ao fim de algum tempo, levantou-se lentamente, segurou o braço de Mary e tratou de afastar-se dali. Depois de alguns passos, hesitou e voltou para onde estava o morto, virando-o de modo que o braço direito não ficasse mais apontado para o céu.

Quando se encaminhavam para a borda do penhasco, Smith disse abruptamente:

— Alguma coisa atingiu a nuca de Harrod. Pensei que poderia ser uma pedra. Mas não havia uma só pedra no lugar onde ele estava.

— Mas havia uma ponta de pedra perto.

— Ninguém quebra o pescoço numa ponta de pedra e consegue ainda ficar de pé e pular num montão de pedra. Ainda que ele tivesse rolado pela neve, não poderia ter acabado com a cabeça a dois metros da pedra. Foi atingido por um objeto metálico duro, a coronha de uma arma de fogo ou o cabo de uma faca. A pele está arrancada, mas não há sinal de contusão porque lhe quebraram o pescoço imediatamente depois, quando ele ainda estava inconsciente, para nos fazer pensar em acidente. Deve ter acontecido lá em cima no platô, quando ele ainda estava de pé. Uma pancada na nuca, o pescoço torcido e, então, ele caiu ou foi empurrado. E ninguém deixa rastro na pedra.

Mary parou e olhou-o.

— Compreende o que estou dizendo?

— Claro que compreendo, John, e eu estou com medo. Mesmo nos tempos em que estive com você na Itália, nunca houve nada de parecido com isso... Será que não há outra explicação?

— Acha então que ele mesmo se golpeou na nuca ou que foi atacado pelo abominável homem da neve?

Ela o olhou, cheia de ressentimento. — Não mereço que me fale assim. Estou com medo.

— Eu também.

— Nisso eu não acredito.

— Bem, se ainda não estou, já está na hora de começar.

Em seguida, Smith fez os seus cálculos e chegou à conclusão de que estava a 12 metros do pé do penhasco. Deu duas voltas com a corda em torno da perna esquerda, segurou-as com a perna direita, deu uma volta com a corda no braço direito, puxou a luva da mão direita com os dentes e meteu-a na túnica, tirou a Luger, destravou-a e começou a descer, regulando a velocidade com a mão esquerda enluvada. Era lógico supor que quem havia tentado puxar a corda, estivesse à espera para concluir a tarefa.

Mas não havia ninguém à espera, ao menos no lugar onde desceu. Smith iluminou prontamente os arredores com a sua lanterna. Não havia ali nada e ninguém, e as pegadas, que porventura houvesse, já deviam ter sido cobertas pela neve que caía. Com a pistola numa mão e a lanterna na outra, andou cerca de trinta metros em círculo até voltar ao lugar de onde havia partido. O homem que puxara a corda resolvera evidentemente ser discreto. Smith sacudiu então a corda. Saí a dois minutos, a mochila de Mary desceu, seguida alguns minutos depois por ela. Logo depois, Smith desfez o nó, puxou a corda do alto do penhasco e enrolou-a. Tinha as mãos tão entorpecidas pelo frio que gastou nisso quase quinze minutos.

Com a corda num ombro e a mochila de Mary na outra, Smith levou a moça até à fenda no lado do penhasco.

— Não arme a barraca, Mary. Desenrole-a, coloque o seu saco de dormir numa metade e cubra-se com a outra metade. Dentro de meia hora, estará coberta de neve. Isso não só lhe dará um pouco

de calor, mas também a livrará de sonâmbulos. Estarei aqui de manhã antes de partirmos.

Afastou-se e parou um instante, a fim de olhar para trás. Mary ainda estava na posição em que ele a havia deixado, olhando para ele. Não havia desânimo na sua atitude, mas ela lhe pareceu de repente tão frágil, abandonada e indefesa que voltou. Desenrolou a barraca e o saco de dormir de Mary, esperou que ela se acomodasse no saco, correu o fecho por ele e puxou a outra parte da barraca para cobri-la até ao queixo. Depois, afastou-se, sem dizer mais uma palavra.

Não foi difícil encontrar a sua barraca, pois a luz estava acesa lá dentro.

Smith bateu a neve das roupas, inclinou-se e entrou. Christiansen, Thomas e Caracciola estavam nos seus sacos de dormir, adormecidos ou dando essa impressão. Torrance-Smythe estava conferindo o seu estoque de explosivos plásticos, estopins, detonadores e granadas, enquanto Schaffer lia um livro em alemão, fumava um cigarro também alemão e montava guarda fielmente ao rádio. Largou o livro e olhou para Smith.

— Tudo OK?

— Tudo — respondeu Smith, tirando o livro de código do bolso da túnica. — Demorei muito, não foi? Cheguei a pensar que não iria encontrá-lo. A neve lá em cima está bárbara.

— Combinamos fazer quartos de vigia — disse Schaffer. — De meia em meia hora. Vai amanhecer daqui a três horas.

— De quem estão se protegendo nestas alturas? — perguntou Smith, sorrindo.

— Do abominável homem da neve.

O sorriso desapareceu imediatamente do rosto de Smith. Voltou a atenção para o livro de código de Harrod e passou cerca de dez minutos decorando sinais e frequências e redigindo uma mensagem em código.

Schaffer tinha ido dormir, deixando Torrance-Smythe de vigia. Smith dobrou a mensagem guardou-a no bolso e pegou o rádio, cobrindo-o com um capacho de borracha a fim de resguardá-lo da neve.

— Vou sair um pouco — disse ele a Torrance-Smythe. — A recepção costuma ser muito ruim debaixo das árvores. Também não quero acordar os outros. Não demoro.

A duzentos metros da barraca, depois de ter parado e mudado de direção duas vezes, ajoelhou-se com o capacho sobre um montão de neve. Puxou uma antena embutida, ajustou a sintonia predeterminada para a chamada e rodou uma manivela. Quatro vezes rodou a manivela e só na quinta obteve resultados. Alguém devia estar esperando junto ao rádio.

— Fala Danny Boy em resposta. Fala Danny Boy. Câmbio. Smith falou então ao microfone.

— Fala Broadsword. Posso falar com Papai Machree ou Mamãe Machree? Câmbio.

— Sinto muito. Não é possível. Câmbio.

— Código — disse Smith. — Câmbio.

— Pronto.

Smith tirou o papel do bolso e acendeu a lanterna sobre ele. Havia duas linhas contendo grupos de letras sem sentido, vendo-se abaixo a tradução em linguagem corrente, a qual dizia: "Descida segura. Harrod morto. Tempo bom. Favor esperar mensagem oito horas GMT". Smith leu as letras de código correspondentes e concluiu:

— Isso deve ser recebido por Papai Machree até às sete horas. Sem falta.

Torrance-Smythe levantou a cabeça ao ver Smith voltar.

— Já de volta? Falou?

— Não houve jeito. Essas montanhas atrapalham tudo.

— Mas a verdade é que não tentou muito.

— Dois minutos e meio — disse Smith, sentindo-se surpreso. — Sabe que é esse o tempo máximo em que se pode tentar comunicação sem correr risco?

— Acha que pode haver postos de escuta de rádio por aqui?

— Claro que não. Postos de escuta no Schloss Adler? — replicou Smith com sarcasmo.

— Não sei — disse Torrance-Smythe. — Mas creio que alguém disse que se trata do quartel-general do Serviço Secreto alemão no

Sul. Mas desculpe, Major. Talvez não seja porque estou ficando velho. A verdade é que tudo o que me passa pela cabeça vem tão impregnado de frio e sono que eu não sei mais o que digo.

Smith tirou as botas e a capa de rádio. Meteu-se no seu saco de dormir e puxou o rádio para perto dele.

— Vá dormir então. Não me adianta nada ter um técnico em explosivos que não esteja em condições de distinguir um detonador de uma maçaneta de porta. Vá dormir. Eu ficarei de vigia.

— Mas nós tínhamos combinado...

— Não discuta — disse Smith, rindo. — Isso é quase indisciplina. Tudo bem, Smithy. Não estou com nenhum sono. Sei que esta noite não dormirei mesmo.

Era ao mesmo tempo uma deslavada mentira e uma afirmação de indiscutível verdade. Não estava sem sono. Ao contrário, o seu estado de exaustão física e mental era tamanho que dormiria em questão de segundos.

Mas era fora de qualquer dúvida que não dormiria naquela noite. Não haveria forças no mundo que o fizessem fechar os olhos naquela noite, mas, dadas as circunstâncias, o melhor era nada dizer a Torrance-Smythe.

3

A claridade cinzenta que precedia a alvorada já se estendia no céu.

Barracas e sacos de dormir estavam arrumados e os utensílios de cozinha — depois de um primeiro almoço apressado que mal merecia esse nome — estavam sendo guardados nos sacos. Não havia conversas. Não era uma manhã que desse vontade de falar. Smith pensou que todos pareciam mais abatidos e cansados do que três horas antes. O mesmo devia acontecer com ele que não dormira um minuto. Era uma boa coisa que espelhos não fizessem parte do equipamento dos comandos. Olhou para o relógio.

— Partiremos daqui a dez minutos — disse ele. — Isso nos dará tempo de sobra para estar na linha das árvores antes do nascer do sol, desde que não haja mais penhascos. Voltarei num momento. A visibilidade está melhorando e eu quero fazer um reconhecimento até a borda. Com um pouco de sorte, talvez descubra o melhor ponto para a descida.

— E se não tiver sorte? — perguntou Caracciola.

— Neste caso, ainda temos uma corda bem grande — respondeu Smith, secamente.

Vestiu a capa de neve e saiu em direção à borda do penhasco. Quando estava fora do bosque de abetos e a uma distância de onde não podia ser visto do acampamento, mudou de direção e saiu correndo.

Um olho apareceu sob um canto da lona coberta de neve e Mary Ellison espiou ao ouvir os passos apressados na neve. Ouviu os primeiros compassos desafinados de *Lorelei*, abriu o fecho do saco de dormir e sentou-se.

— Já? Não é possível! — exclamou ela.

— Já. Levante-se.

— Não preguei olho.

— Nem eu. Fiquei vigiando o danado daquele rádio a noite inteira. Não queria também que nenhum sonâmbulo se lembrasse

de vir nesta direção.

— Ficou acordado? Foi por mim que você fez isso?

— Fiquei acordado e pronto. Vamos partir. Saia daqui a cinco minutos.

Deixe aqui a barraca e a mochila que não vai precisar mais disso. Leve comida, alguma coisa para beber e é só. E pelo amor de Deus, não fique muito perto de nós. Vamos parar às sete horas. Confira o seu relógio.

Exatamente às sete horas. E veja se não nos persegue, está bem?

— Quem é que você pensa que eu sou?

Mas Smith não disse a Mary quem ele pensava que ela era. Já se fora.

Mil metros abaixo na encosta do Weissspitze, as árvores mereciam o nome de árvores. Eram pinheiros soberbos que se elevavam até 20 metros para o céu. A neve parará e o céu estava claro. Rompia o dia.

A encosta do Weissspitze era ainda muito íngreme. Smith, com os seus cinco homens atrás estendidos em fila indiana e amarrados na corda, escorregava e tropeçava quase constantemente, mas a neve profunda amortecia as quedas frequentes e avançar assim era muito melhor do que descer ao longo de paredões verticais pendurados de uma corda sólida, mas absurdamente fina. As pragas dos seus companheiros que caíam eram quase contínuas, mas não se ouviam queixas graves. Não havia perigo, porque estavam andando depressa e o denso bosque de pinheiros escondia-os por completo.

Duzentos metros atrás, Mary Ellison descia cuidadosamente, seguindo o rastro feito pelos homens. Escorregava e caía muito pouco, pois ao contrário dos homens não levava às costas carga de espécie alguma. Não tinha qualquer receio de ser observada ou de chegar muito perto do grupo. No ar tranquilo e frio da montanha, o som se propaga com excepcional clareza e do som das vozes lá embaixo, ela podia calcular perfeitamente a distância.

Olhou mais uma vez o relógio. Faltavam vinte minutos para as sete.

Alguns minutos depois, Smith consultou o relógio. Eram sete horas em ponto. A luz plena do dia se coava por entre os galhos dos pinheiros. Smith parou e levantou a mão. Esperou até que os outros se aproximassem dele.

— Já devemos estar na metade do caminho — disse ele, tirando a carga das costas e descansando-a na neve com um suspiro. — Creio que está na hora de olharmos para o cenário.

Empilharam as cargas e moveram-se para a direita. Dentro de um minuto, o bosque de pinheiros ficou menos denso e, a um sinal de Smith, todos se jogaram no chão e foram de rastros até à orla do bosque. Smith tinha um telescópio na mão. Christiansen e Thomas tinham binóculos, binóculos Zeiss pois o Almirante Holland nada deixava ao acaso. Além dos últimos pinheiros, um montão de neve obstruía a visão do vale embaixo.

Cobertos da cabeça aos pés na brancura das suas capas de neve, venceram os últimos metros andando de gatinhas.

O que viam lá embaixo parecia coisa saída de um conto de fadas, de um conto passado milênios antes na terra da fantasia, muito, muito tempo antes que o primeiro homem houvesse levantado a mão contra seu irmão. Mas como um trecho do país dos sonhos lá estava a sede de uma das organizações mais temidas no mundo inteiro, a Gestapo alemã. O absurdo de tudo aquilo era verdadeiramente incrível.

O vale era côncavo, aberto ao norte, mas fechado a leste e a oeste por grandes montanhas e, ao sul, pelo majestoso Weissspitze.

Era um cenário de fantástica beleza. Com 2.910 metros de altura, o Weissspitze, a segunda montanha da Alemanha, se elevava coberto de neve e com o seu contorno austero e belo recortado contra o azul imaculado do céu.

Perto do cume cônico, via-se a linha de pedras negras que marcavam o penhasco de que Smith e os seus homens haviam descido durante a noite, vendo-se mais abaixo o platô onde tinham acampado.

Do outro lado e quase no mesmo nível em que se encontravam, ficava o Schloss Adler, o Castelo da Águia, uma inexpugnável

fortaleza entre a montanha e o céu.

Logo abaixo do ponto onde as escarpadas encostadas do Weissspitze começavam a nivelar-se para o norte e na cabeça 'do vale, uma aberração geológica, a que se dava o nome de rolha vulcânica, projetava-se em sessenta metros verticais para o céu cintilante e gelado. Era ali que estava construído o Schloss Adler. Os lados do norte, oeste e leste dessa rolha vulcânica eram paredões de rocha perpendiculares, os quais se elevavam sem interrupção ou falha para a estrutura do próprio castelo. De onde estavam, era impossível dizer onde os paredões terminavam e o castelo começava.

Para o lado do sul, uma crista íngreme ligava a rolha as encostas igualmente íngremes do Weissspitze.

O castelo era em si mesmo outro sonho, o sonho da apoteose do medievalismo. Smith sabia que esse sonho era tão ilusório como a idade de ouro do seu cenário. Não era de modo algum medieval. Fora construído em meados do século XIX por ordem expressa de um dos mais loucos reis da Baviera que tinha sofrido de uma extensa lista de ilusões, das quais a menor não era a da grandeza. Mas, iludido ou não, tinha, como tantas vezes acontece e para espanto e consternação de seus irmãos mais equilibrados, impecável bom gosto. O castelo era perfeito para o vale e o vale para o castelo. Qualquer outra combinação teria sido inconcebível.

O Schloss Adler era construído na forma de um quadrado ôco. Tinha torres, bastiões e ameias, sendo os seus aspectos mais imponentes duas torres perfeitamente circulares, a de leste mais alta do que a de oeste, voltadas para o vale ao norte. Duas torres menores, mas apesar disso magníficas, ficavam nos cantos do sul, voltadas para a imponente massa do Weissspitze. De onde Smith estava, num ângulo ligeiramente superior ao do castelo, podia ver-se o quadrado bem no meio. O acesso do exterior se fazia por grandes portões de ferro ao fundo. O sol ainda não se elevara suficientemente acima das montanhas de leste para que os seus raios atingissem diretamente o castelo, mas, apesar disso, as paredes e muros brancos brilhavam como se fossem feitos do mais irisado mármore.

Abaixo dos altaneiros baluartes do norte, o vale descia rapidamente para o Blau See, um lago orlado de pinheiros e do mais profundo e rebrilhante azul, uma cor que, combinada com o verde dos pinheiros e a alvura da neve formavam uma combinação de beleza tão emocionante e tão rara, que se alguém a visse reproduzida exatamente num quadro não poderia deixar de protestar contra a sua falsidade.

De onde estavam, podiam ver que o bosque de pinheiros em que se haviam escondido se estendia quase sem interrupção até ao lago. Ir até lá sem ser observado não seria absolutamente problema. Um bosque de pinheiros em quase exata correspondência cobria o lado oposto — oriental — do vale. Do lago, aquelas duas filas de pinheiros deviam parecer dois enormes chifres curvos que quase se encontravam na baixa das duas faces do penhasco, convergindo para o Weissspitze.

Uma pequena aldeia se estendia nas cabeceiras do lago. Consistia numa única rua larga de cerca de duzentos metros de comprimento, uma estação de estrada de ferro, duas igrejas inevitáveis no alto de dois inevitáveis morros e um punhado disperso de casas que galgavam as íngremes encostas de um lado e do outro da aldeia. Do lado sul da aldeia, uma estrada se curvava para o lado extremo do vale até alcançar a crista ao sul do castelo. Subia-se a essa crista por uma série de curvas fechadas, a última das quais levava aos portões que guardavam o pátio nos fundos do castelo. A estrada, naquele momento, estava inteiramente bloqueada pela neve e o único acesso ao castelo era evidentemente feito pelo *Luftseilbahn*, um caminho de ferro aéreo. Dois cabos se estendiam da aldeia para o castelo, suspenso de três grandes torres espaçadas. Naquele monumento, um carro aéreo estava completando o percurso do lado do castelo. A uma distância de trinta metros no máximo do Schloss Adler parecia estar subindo verticalmente.

No Blau See, cerca de dois quilômetros atrás da aldeia, havia um grupo considerável de casas regularmente espaçadas e dispostas em padrão retangular. A sua semelhança com um acampamento militar era muito pronunciada.

— Não é possível! — exclamou Schaffer tirando os olhos do panorama com um esforço físico visível da vontade e voltando-se para Smith. — Isso é verdade mesmo, chefe?

Não era uma pergunta que exigisse resposta. Schaffer havia traduzido o sentimento coletivo e qualquer coisa que se dissesse seria supérflua.

Continuaram deitados na neve, olhando em silêncio o carro aéreo que subia lentamente os últimos quinze metros para o castelo. Parecia que quase não iria chegar e Smith podia sentir a vontade dos seus companheiros de ajudar o carro nos últimos metros da sua viagem. Mas o carro chegou e desapareceu dentro da estação construída no sopé ocidental do castelo. A tensão desapareceu e Schaffer disse: — Chefe, há alguns pontos que me ocorrem e que me parecem reclamar alguma elucidação. Em primeiro lugar, aquelas casas ao lado do lago me parecem mais um acampamento militar do que qualquer outra coisa.

— E é isso mesmo o que são. Trata-se do quartel-general de treinamento dos batalhões de Jäger do Alpenkorps da Wehrmacht.

— Oh! O Corpo Alpino! Se eu soubesse disso nunca teria vindo até aqui. O Corpo Alpino! Por que ninguém abriu os olhos do filho predileto de Madame Schaffer?

— Pensei que soubesse — disse Smith. — Por que acha que não estamos vestidos como marinheiros alemães ou como enfermeiras da Cruz Vermelha?

Schaffer correu o fecho da sua capa de neve, examinou atentamente o seu uniforme do Alpenkorps como se o estivesse vendo pela primeira vez e tornou a correr o fecho da capa.

— Quer dizer que vamos displicentemente nos unir ao exército alemão? Mas todo mundo verá logo que somos gente estranha!

— Tropas de treinamento sempre estão chegando e partindo — disse Smith. — O que são seis caras novas no meio de seiscentas?

— É terrível — disse Schaffer, sombriamente.

— Pior do que cavalos? — perguntou Smith, sorrindo. — Afinal de contas, o Alpenkorps não corcoveia, nem dá coices.

— Mas cavalos não usam metralhadoras...

— Bem, e qual é o seu segundo ponto?

— O segundo ponto diz respeito ao velho castelo. Parece que nos esquecemos de trazer o helicóptero, não acha? Como vamos entrar lá?

— Bem pensado — disse Smith. — Temos de achar um jeito. Mas vou lhe dizer uma coisa: se o Coronel Wyatt-Turner pôde entrar no Alto Comando alemão e sair de lá, o que é ainda mais difícil, isso para ele seria um prato de canja.

— Ele fez o quê?

— Não sabe?

— Como é que vou saber se só conheci o homem ontem? — perguntou Schaffer.

— Ele ficou de 1940 a 1943 dentro da Alemanha. Serviu na Wehrmacht durante parte do tempo. Acabou no Quartel-General em Berlim. Diz que conhece Hitler muito bem.

— Deve ser maluco — exclamou Schaffer.

— Talvez, mas se ele conseguiu fazer isso, nós podemos fazer o que nos cabe. Descobriremos um meio. Vamos voltar para as árvores.

Voltaram rastejando para o bosque, deixando Christiansen em observação com o telescópio de Smith. Depois de fazerem um acampamento temporário, aqueceram e tomaram café. Smith anunciou a sua intenção de tentar entrar em contato com Londres.

Pegou o rádio e sentou-se numa mochila a poucos metros dos outros. O

interruptor do circuito de transmissão ficava à esquerda do rádio, o lado mais afastado do lugar onde os quatro homens estavam sentados. Smith ligou o interruptor com um estalo bem alto e rodou a manivela de chamada com a mão esquerda. Na primeira rodada, desligou o interruptor, sendo o estalo coberto pelo ranger da manivela. Rodou a manivela vários minutos, parando de vez em quando para descansar. Fez pequenos ajustamentos nos controles, tentou de novo e afinal desistiu, sacudindo a cabeça.

— Não vai conseguir aqui debaixo destas árvores — disse Torrance-Smythe.

— Deve ser isso — murmurou Smith. — Vou tentar o outro lado do bosque. Talvez tenha mais sorte lá.

Passou pelo ombro a correia do transmissor e caminhou por dentro da neve funda, atravessando diretamente o bosque de pinheiros. Quando julgou que estava longe das vistas dos homens no acampamento, voltou-se para ter certeza. Depois, virou mais de noventa graus para a esquerda e subiu a encosta até encontrar o rastro que ele e os seus homens tinham feito na descida. Seguiu o rastro assobiando bem baixinho *Lorelei*. Naquele ar gelado, o som tinha um alcance muito perigoso. Parou de assobiar quando viu Mary surgir de trás de um pinheiro caído.

— Alô, querido — disse ela, alegremente.

— Nada de "queridos" agora. São oito horas e Papai Machree está esperando. Veja se fica calada.

Sentou-se na árvore caída, rodou a manivela e estabeleceu contato quase imediatamente. A transmissão de Londres ainda estava muito fraca, mas bem mais clara do que nas primeiras horas da madrugada.

— Papai Machree está esperando — disse o rádio. — Fique na escuta. Smith ouviu a voz inconfundível do Almirante Rolland. — Posição, sim, Broadsword?

Smith consultou o pedaço de papel que tinha na mão, escrito também em código e em linguagem clara, A mensagem dizia: "Bosque oeste do castelo descendo. Esta noite". Smith leu as letras correspondentes do código.

Houve uma pausa, decerto para que Rolland decifrasse a mensagem.

Ouviu então de novo a voz. — Compreendido. Adiante. Harrod morreu acidentalmente?

— Não. Câmbio.

— Foi o inimigo? Câmbio.

— Não. Qual é o boletim meteorológico? Câmbio.

— Piorando. Ventos frescos, mais fortes depois. Neve. Câmbio.

Smith olhou para o céu tranquilo e sem nuvens e esperou que Rolland não se tivesse enganado em relação aos boletins. Disse então: — Incerta a hora da próxima transmissão. Pode esperar? Câmbio.

— Ficarei no QG até terminar a operação, — disse Rolland. — Adeus. Boa sorte.

Smith desligou o rádio e murmurou para Mary: — Não gostei muito do jeito pelo qual ele me deu adeus.

Na Sala de Operações Navais em Whitehall, o Almirante Rolland e o Coronel Wyatt-Turner estavam ao lado de um operador que manobrava um enorme rádio e se entreolhavam, carrancudo.

— Quer dizer que o pobre diabo foi assassinado? — perguntou Wyatt-Turner.

— Foi um alto preço pago para confirmar que estávamos certos — disse Rolland, sombriamente. — Pobre diabo mesmo, como você diz. No momento em que lhe entregamos aquele rádio, assinamos sua sentença de morte. Quem será o próximo? Smith?

— Smith, não — disse Wyatt-Turner. — Há pessoas que têm um sexto sentido. Smith tem um sétimo, um oitavo, um nono sentido e ainda um radar pessoal ligado permanentemente para o perigo. É capaz de sobreviver, sejam quais forem as circunstâncias concebíveis. Não o peguei por acaso, Almirante. É o melhor agente que existe na Europa.

— Exceto você. Mas não se esqueça de que pode haver circunstâncias que escapem inteiramente à imaginação.

— De fato. Que chances tem ele na sua opinião?

— Chances? — disse Rolland com os olhos remotos. — Não tem nenhuma.

Era esse precisamente o pensamento que estava na cabeça de Smith quando acendeu um cigarro e olhou para a moça ao lado dele, tendo o cuidado de que os seus pensamentos não se lhe estampassem no rosto. Só depois de ter visto o castelo é que compreendera plenamente a aparente impossibilidade da tarefa que tinha pela frente. Se ele tivesse sabido quais eram exatamente as condições materiais, dificilmente aceitaria a incumbência. Sabia nos recessos do seu espírito, por mais que não quisesse confessá-lo a si mesmo, que não havia a menor dúvida. Não aceitaria. Mas aceitara e estava ali. Tinha de fazer alguma coisa.

— Já deu uma espiada para o castelo, Mary?

— É um lugar fantástico. Quer me dizer como vamos tirar de lá o General Carnaby?

— Muito fácil. Daremos uma caminhada até lá hoje à noite, entraremos no castelo e sairemos com ele.

Mary olhou-o, descrente, e esperou que dissesse mais alguma coisa, mas Smith não disse e ela perguntou: — Só isso?

— Só isso.

— A simplicidade dos gênios. Você deve ter gasto um bocado de tempo para engendrar esse plano. — Como ele nada dissesse, ela continuou com o seu sarcasmo. — O que mais me agrada é o fato de que não haverá dificuldade alguma. Vai bater na porta?

— Mais ou menos. Então a porta — ou a janela — se abre. Sorrio para você, agradeço e vou entrando.

— Vai fazer o quê?

— Vou sorrir para você e agradecer. Mesmo na guerra, há lugar para as pequenas gentilezas...

— Escute aqui! Quer ser claro ou não quer?

— Mais do que eu estou sendo? É você quem vai abrir a porta para mim.

— Está bom da cabeça?

— Perfeitamente. A falta de empregados é tremenda em toda a Alemanha e o Schloss Adler não é exceção. É justamente de uma pessoa como você que estão precisando. Jovem, inteligente, bonita, sabe cozinhar, arrumar e até pregar os botões do Coronel Kramer...

— Quem é o Coronel Kramer?

— O Vice-Chefe do Serviço Secreto Alemão.

— Você deve estar louco!

— Se não estivesse, não estaria fazendo esse serviço. Escute, já estou aqui há muito tempo e podem desconfiar. Vamos partir às cinco. Exatamente às cinco horas. Na aldeia, há uma *Gasthaus* chamada *Zum Wilden Hirsch*, "O Veado Selvagem". Não se esqueça, *Zum Wilden Hirsch*. Não queremos que entre no bar errado. Nos fundos há um depósito usado como uma adega de cerveja. Fica sempre fechado, mas esta noite haverá uma chave na porta. Encontrarei você lá às oito horas.

— Como sabe de tudo isso? — perguntou ela ansiosamente. — Sobre a *Gasthaus*, o depósito, a chave na porta e o Coronel Kramer...

— Ah! Ah! — disse Smith, sacudindo a cabeça e levando o dedo aos lábios dela.

— Já sei, — murmurou ela. — Regra número um do manual dos espiões: não conte nada a ninguém, salvo quando for necessário. Mas nem a mim?

— Especialmente a você, boneca — disse ele, dando-lhe uma palmadinha no rosto. — Não vá chegar atrasada.

E afastou-se pela encosta, deixando-a a olhar para ele, com o rosto parado.

O Tenente Schaffer estava estendido e quase enterrado na neve profunda, meio escondido atrás de um galho de pinheiro, olhando pelo telescópio.

Voltou-se ao ouvir o barulho na neve e viu Smith que se aproximava de rastros.

— Disseram que queria mostrar-me alguma coisa — murmurou Smith.

— É verdade — disse Schaffer, entregando-lhe o telescópio. — Olhe, acho que lhe pode interessar. Lá embaixo, no sopé do castelo.

Smith moveu o telescópio até que os finos cabelos cruzados descansaram na encosta coberta de neve, na base do castelo. Seguindo a encosta, viu dois soldados com metralhadoras portáteis a tiracolo e quatro cães que não estavam presos a correias.

— Ih! Estou vendo o que você me queria mostrar.

— São Dobermans, chefe.

— Estou vendo que não são lulus de estimação — murmurou Smith, continuando a mover o telescópio.

— Refletores também... — murmurou.

Baixou de novo o telescópio e viu uma alta cerca de arame que se estendia em torno de toda a base da coluna vulcânica.

— E uma cerca muito bem feita...

— Cercas são feitas para serem cortadas ou escaladas — disse Schaffer.

— Tente cortar ou escalar aquela cerca, meu velho, e estará assado diretamente. Devem usar uma corrente comum de 2.300 volts, monofásica, alternada de 60 ciclos. É exatamente o que se usa nas melhores cadeiras elétricas.

Schaffer abanou a cabeça. — É espantoso o que certas pessoas podem fazer para proteger sua intimidade.

— Cercas, refletores e Dobermans — disse Smith. — Mas não creio que essa combinação seja capaz de nos deter, Tenente.

— Claro que não! Quem foi que disse isso? Mas, pelo amor de Deus, que é que você pretende fazer?

— Isso será decidido quando chegar a hora.

— Você decidirá, não é? Tem tudo na cabeça, eu sei.

— Tenho de fazer isso, porque ainda estou moço demais para morrer.

— E eu? Por que me escolheram para esse serviço? Isso não é o meu setor de trabalho, Major.

— Quem sabe? — perguntou Smith. — Mas pensando bem, por que me escolheram a mim?

De repente, Schaffer retesou a cabeça e voltou os olhos para o céu ao ouvir o barulho inconfundível de um helicóptero. Vinha do norte, sobre o Blau See e levava rumo direto para onde eles estavam. Era uma grande versão militar e, mesmo àquela distância, as marcas da cruz gamada eram perfeitamente visíveis.

— É aqui que Schaffer sai de cena. Estão à nossa procura.

— Acho que não — disse Smith. — Fique onde está e cubra a cabeça com a capa.

Os dois cobriram prontamente a cabeça com a capa, de tal modo que só se podiam ver os olhos e o telescópio de Smith, meio enterrado na neve. De trinta metros em qualquer direção, inclusive do alto, deviam estar completamente invisíveis.

O helicóptero atravessou o vale, mantendo ainda um rumo direto para o lugar onde os dois homens estavam escondidos. Quando o aparelho estava a apenas algumas centenas de metros de distância, o próprio Smith começou a ficar inquieto. Talvez por alguma infelicidade o inimigo soubesse da presença deles. Poderiam ter ouvido os motores do Lancaster durante a noite, por

mais abafados que estivessem. Tinha algum tipo inteligente e desconfiado — coisa que não deveria faltar no Schloss Adler — interpretado corretamente a presença daquele bombardeiro errante no lugar mais improvável de toda a Alemanha? Quem sabia lá se naquele momento elementos escolhidos e legítimos no Alpenkorps não estavam vasculhando as montanhas à procura deles? E Smith tivera tanta confiança que nem se dera ao trabalho de colocar sentinelas. Mas, de repente, quando o helicóptero já estava quase acima deles, virou para a esquerda e desceu para o castelo.

Smith enxugou o suor da testa e olhou pelo telescópio.

O helicóptero havia pousado. O rotor parou, degraus foram desdobrados e um homem desembarcou no pátio do castelo. Pelo uniforme, compreendeu que devia ser um oficial de alta patente. Olhou melhor e viu que era de fato um oficial de alta patente. Passou o telescópio a Schaffer.

— Olhe bem.

Schaffer olhou o homem que entrava por uma porta e perguntou : — Algum amigo seu, chefe?

— Sei quem é. Julius Rosemeyer, Marechal do Reich. Chefe do Estado-Maior da Wehrmacht.

— O meu primeiro Marechal do Reich e eu sem o meu fuzil telescópico — murmurou Schaffer. — Que será que ele quer?

— O mesmo que nós.

— O General Carnaby?

— Quando é preciso fazer ao coordenador dos planos aliados algumas perguntas sobre a Segunda Frente não se manda o cabo da guarda para falar com ele.

— Não acha que poderiam ter vindo buscar o velho Carnaby?

— Nada disso. A Gestapo não entrega os seus prisioneiros. E neste país a Wehrmacht faz o que a Gestapo quer.

— Do contrário?

— Do contrário, já sabe. Agora, vá... Acho que ainda há café por lá.

Mande alguém render-me daqui a uma hora.

A previsão do tempo do Almirante Rolland para a região se mostrou perfeitamente correta. Enquanto as intermináveis horas se

arrastavam, o tempo foi piorando sem parar. Ao meio-dia, o sol havia desaparecido e um vento forte soprava de leste. No começo da tarde, a neve começara a cair do céu enegrecido, a princípio lentamente e, depois, com mais força enquanto o vento leste crescia de violência e se tornava cortantemente frio. Smith julgou que a noite iria ser péssima. Mas uma noite péssima que reduzisse a visibilidade quase a zero e fizesse as pessoas ficarem dentro das casas era justamente aquilo de que precisavam. Teria sido difícil para eles subir para o Schloss Adler banhados pela luz quente de um luar de verão. Smith olhou o relógio.

— Está na hora — disse ele, levantando-se com o corpo inteiriçado e batendo os braços para restabelecer a circulação. — Vão chamar Thomas, sim?

Os sacos e mochilas foram suspensos e levados aos ombros. Thomas, que tinha ficado de vigia, apareceu com o telescópio de Smith. Thomas não estava jovial como de costume e não era o fato de ter passado uma hora exposto à plena violência do vento e da neve que o deixava de mau humor.

— O maldito rádio ainda não está funcionando? — perguntou a Smith.

— Não. Já tentei seis vezes sem resultado. Por quê?

— Porque é uma pena que não possa fazer o Almirante mudar de ideia a respeito dos paraquedistas. Ainda há pouco, chegou um trem cheio de soldados. Só isso.

— Ótimo — disse Smith, calmamente. — Os mais velhos aqui pensarão que nós somos dos novos. Muito bom para nós.

— Muito bom mesmo... — murmurou Thomas, carrancudo. Hesitou um momento e acrescentou: — Que tal desatar um pouco a língua, Major?

— Como assim?

— Sabe muito bem o que queremos dizer — exclamou Caracciola com alguma aspereza. — Trata-se das nossas vidas. O que vamos fazer nessa aldeia? E como pretende tirar Carnaby de lá? Se marchamos para o suicídio, queremos ao menos saber por quê. Está na obrigação de nos dizer.

— Não tenho obrigação nenhuma e não direi nada — disse Smith, categoricamente. — Não sabendo, não poderão falar. Ficarão a par de tudo na ocasião oportuna.

— O seu sangue frio é uma coisa absolutamente anormal, Smith — disse pausadamente Torrance-Smythe.

— Não é você o primeiro que diz isso — murmurou Smith, indiferentemente.

A estação de estrada de ferro da aldeia era pequena e ficava no fim da linha. Como em geral acontece nestes casos, tinha um aspecto de abandono, dispunha de pouco pessoal e tinha o ar de esperar que alguém aparecesse para ordenar o seu fechamento. A qualquer hora, a impressão de desolação que dava devia ser total. Naquela noite, completamente deserta, com o vento a jogar a neve nos espaços mal iluminados por lâmpadas elétricas fracas, a impressão de lugar esquecido pelos homens e pelo mundo era quase angustiante. Correspondia assim plenamente aos desígnios de Smith.

Atravessou com os seus cinco homens envoltos em capas de neve a linha férrea e entrou no relativo abrigo da estação. Passaram em silêncio pela bilheteria fechada, pela sala de despacho de carga, pela sala de espera e pararam nas sombras do outro lado.

Smith baixou o rádio, tirou a mochila do ombro, tirou a capa e as calças de neve e começou a caminhar. Parou diante de uma porta na qual estava escrito *Gepack Annahme*. Tentou a porta. Estava fechada. Olhou rapidamente em volta para ver se não o estavam observando, examinou a fechadura com uma lanterna, tirou do bolso uma penca de chaves de formatos estranhos e abriu a porta em poucos segundos. Assobiou baixinho e quase imediatamente os outros se aproximaram e entraram. Schaffer, que vinha atrás, olhou para o que estava escrito na porta: — A seção de guarda de bagagens.

— Claro que sim — disse Smith, fazendo Schaffer entrar e fechando a porta.

Cobrindo a lanterna para que passasse apenas um fio de luz, passou pelas prateleiras de bagagem até chegar aos fundos da sala

onde havia uma grande janela. Era uma janela comum de guilhotina e ele a examinou minuciosamente, com muito cuidado para que a luz da lanterna não fosse vista de fora. Voltou a atenção para as tábuas verticais que revestiam as paredes ao lado da janela. Tirou a faca e levantou uma das tábuas, vendo então um pedaço de fio flexível que corria pela parede. Raspou com a faca o isolamento dos fios e cortou-o rapidamente. Depois, repôs a tábua no lugar e experimentou a janela. A vidraça subia e descia com a maior facilidade.

— Muito interessante — murmurou Schaffer ao lado dele.

— Como soube que havia um alarma ligado à janela?

— Até uma pequena estação abandonada como esta é responsável pelos valores confiados à sua guarda. Mas não há um vigia para o depósito. Com toda a certeza, um homem só serve de bilheteiro, carregador e agente da estação. Por isso, o depósito é fechado, mas não adianta colocar trancas na porta da frente se qualquer ladrão de malas puder entrar pela janela. Por conseguinte, esta devia ser gradeada ou ligada a um alarma. Não havia grade e uma tábua estava ligeiramente deslocada. Muito claro.

— Talvez para o senhor — disse Caracciola, de cara fechada. — Mas esse conhecimento de gazuas e alarmas... É estranho o treinamento que se recebe nesses regimentos escoceses...

— Estranho não, completo. Não é isso o que quer dizer?

— perguntou Smith, que acrescentou: — Agora, vamos beber alguma coisa.

— É o melhor — disse Caracciola. — E vou tomar o meu drinque de um só gole porque não sei se poderei acabá-lo.

— Seria uma pena desperdiçar a boa cerveja — concordou Smith.

Esperou que o último homem saísse, fechou a porta e seguiu com eles, passando pelo portão principal da estação onde se via o cartaz com a palavra *Bahnhof*. Não levavam mais mochilas, nem usavam capas de neve. Estavam todos envergando uniformes de um batalhão de *Jäger*, Smith como major, Schaffer como tenente e os outros quatro como sargentos. Os seus uniformes não estavam mais bem passados e não se ajustavam muito bem, como havia

notado Harrod. Mas numa rua de aldeia ou num bar repleto, não despertariam atenção. Pelo menos, era o que Smith esperava.

Era uma típica rua principal de uma típica aldeia alpina. Os prédios eram sólidos e quadrados, dando a impressão de que já desafiavam havia muito tempo os ásperos invernos bávaros e pretendiam assim continuar por muito tempo ainda. Quase todas as casas eram do tipo de chalés de madeira, com telhados de grandes abas e varandas que se estendiam por toda a fachada.

Alguns eram de construção relativamente moderna, com tábuas imbricadas, janelas de vidraça dupla e grades de fantasia, mas a maioria era de casas antigas, feitas de troncos lavrados a machado com as pranchas que se entrelaçavam projetando-se nos cantos.

Não havia lâmpadas na rua, mas não se notava qualquer preocupação de observar o *blackout*. Retângulos altos de luz brilhavam nas janelas sem cortinas derramando-se pelas ruas cobertas de neve. Além do fim da rua, visto intermitentemente através das cortinas de neve, um grupo de luzes fortes parecia suspenso no céu. Quase instintivamente, Smith parou a fim de olhar a distante constelação e os outros pararam com ele. As luzes do Schloss Adler, o castelo da águia, pareciam infinitamente remotas, inatingíveis como as montanhas da lua. Olharam-nas em longo silêncio e depois continuaram o seu caminho, com as botas a ranger na neve e o hálito congelado a espiralar dentro do vento frio da noite.

A rua estava inteiramente deserta, o que era de esperar numa noite daquelas. Mas se a rua estava deserta, a aldeia não o estava. Risos, cantos e vozes enchiam o ar da noite e filas de caminhões militares estacionados a um lado da rua mostravam de quem partiam os cantos e os risos. Os soldados que recebiam instrução nos quartéis à margem do Blau See tinham na aldeia o seu único centro de divertimento num raio de trinta quilômetros. Por isso, as *Gasthäuser* e os *Weinstuben* estavam repletos até às portas de soldados do Alpenkorps, provavelmente as tropas de combate mais bem adestradas da Europa.

— Não estou com vontade nenhuma de beber, chefe — murmurou Schaffer.

— Deixe de tolice — murmurou Smith. — Isso é apenas timidez diante de pessoas estranhas.

Parou diante de uma *Gasthaus* com o título de *Drei Könige* sobre a porta.

— Aqui está um lugar que parece bom — disse Smith. — Espere aqui um pouco que eu vou olhar.

Subiu os degraus, abriu a porta e olhou para dentro. Na rua, os outros se entreolhavam com a mesma mistura de apreensão e expectativa. Música *Schrammel* austríaca se derramava da porta entreaberta, evocando nostálgicamente uma idade mais feliz. Os rostos não mudaram de expressão.

Havia uma hora e um lugar para música *Schrammel* e nada disso havia ali.

Smith fechou a porta e voltou para junto dos companheiros, sacudindo a cabeça.

— Cheio. Não cabe nem alfinete lá dentro. Vamos ver aquele ali.

Apontou para outro bar mais adiante na rua, o *Eichhof*. Mas também este não servia.

— Cheio — disse ele. — Além disso, parece um lugar de segunda ordem, impróprio para oficiais e sargentos da Wehrmacht. Mas aquele parece promissor, não acham?

O silêncio com que foram acolhidas as suas palavras mostrava que os outros não queriam achar nada, até porque o terceiro *Weinstube* parecia perfeitamente igual àquele que Smith acabara de olhar. Chamava-se *Zum Wilden Hirsch* ("Ao Veado Selvagem") e mostrava uma tabuleta coberta de neve com um veado talhado em madeira.

Smith abriu a porta e teve um movimento de recuo ante à onda de som que lhe assaltou os tímpanos. Com o estridente acompanhamento de uma bateria de acordeões discordantes, todo um regimento, ao que parecia pelo volume do som, estava cantando *Lili Marlene* a plenos pulmões. Smith olhou para os homens, fez um sinal e entrou.

Quando entraram, Christiansen pegou Schaffer pelo braço e perguntou espantado:

— Acha que isto não está cheio?

— Talvez nos outros lugares, estejam amontoados uns por cima dos outros em seis camadas — disse Schaffer.

4

Os fregueses não estavam propriamente amontoados em seis camadas no *Zum Wilden Hirsch*, mas poderiam estar se resolvessem ficar deitados. Smith pensou que nunca tinha visto tanta gente num só bar. Devia haver no mínimo umas quatrocentas pessoas. Para acomodar tanta gente era preciso um salão grande como aquele. Grande e também muito velho.

O assoalho tinha altos e baixos, as paredes também e as traves do teto enegrecidas pela fumaça pareciam prestes a cair a qualquer momento. No meio do salão, havia uma grande estufa alimentada a lenha com um fogo tão feroz que a tampa estava aquecida ao rubro. Logo abaixo da tampa, dois canos de ferro esmaltado de 15 centímetros de grossura e uns seis metros de comprimento se estendiam pelo alto para dois lados do salão, numa forma primitiva mas muito eficiente de aquecimento central. Havia bancos ao longo de três paredes em compartimentos meio separados. Eram de carvalho enegrecido pela idade, pela fumaça e por incontáveis gerações de fregueses.

Cada compartimento tinha um escaninho, onde se guardavam jornais presos a armações de madeira. Havia cerca de vinte mesas espalhadas pelo salão com tampos de quase dez centímetros de altura e cadeiras correspondentes.

Ao fundo, estendia-se um balcão sólido de carvalho, tendo a um canto uma máquina de café e atrás portas que decerto iam dar na cozinha. A escassa iluminação era de candeeiros de querosene suspensos do teto.

Smith transferiu a atenção do salão para os fregueses, que eram justamente o que se poderia esperar numa aldeia alpina, com um quartel nas proximidades. Num canto, havia um grupo de homens que evidentemente moravam no local, magros, calmos, de nariz aquilino, com o rosto curtido pelas intempéries, montanheses inconfundíveis, muitos deles com casacos de couro bordados e chapéus tirolezes. Falavam pouco e bebia calmamente, como outro

grupo de civis, que estavam nos fundos do salão e que evidentemente não eram do lugar, bebendo comedidamente pequenos cálices de *Schnapps*. Mas 90% dos fregueses eram homens do Alpenkorps, alguns sentados, muitos outros de pé, mas todos cantando entusiasticamente *Lili Marlene* e quase todos balançando ao compasso da música os seus *Steinbechers* de um litro, com tampas de estranho, mergulhados em feliz esquecimento numa onda de nostálgico romantismo, indiferentes ao fato de que dos canecos caía sobre os uniformes dos companheiros e no chão cerveja suficiente para equivaler a uma chuva moderada.

Atrás do balcão, estava o proprietário, um gargantuesco personagem de mais de cem quilos, com um impassível rosto redondo e moças que enchiam atarefadamente bandejas com canecos. Outras andavam pelo salão, servindo ou recolhendo canecos de cerveja. Uma delas que vinha na sua direção chamou a atenção de Smith.

Seria de surpreender que não chamasse. Seria de surpreender que ela não chamasse a atenção de qualquer homem presente. Poderia ganhar qualquer concurso de Miss Europa com os pés nas costas se tivesse um rosto que, embora agradável e cheio, era um tanto, comum. Mas qualquer possível falta de atração do rosto era mais do que compensada pelo resto. Vestia um *dirndl* de padrão alegre e uma blusa tirolesa. Tinha uma cintura que se podia abarcar com as mãos, um corpo de ampulheta e uma predileção por blusas decotadas que em matéria de atração de fregueses devia valer uma fortuna para o médio proprietário. Os soldados davam-lhe constante e ativa atenção.

Esta não se traduzia apenas em olhares de admiração, a tal ponto que Smith pensou que se ela não estava usando uma armadura por baixo do vestido, devia ter o corpo permanentemente cheio de equimoses. Aproximou-se de Smith, afastou do rosto os louros cabelos e sorriu, sendo o gesto tão provocador quanto o sorriso.

- Que deseja? — perguntou ela.
- Cerveja preta por favor. Para seis.
- Com muito prazer.

De novo o sorriso provocante, dessa vez acompanhado de um virar mais demorado de olhos azuis. Depois, saiu andando, se era possível chamar de andar o seu modo de locomover-se. Schaffer ficou olhando-a e, depois, agarrou Smith pelo braço.

— Agora, já sei porque foi que saí de Montana. Não foi por causa dos cavalos coisa nenhuma.

— Lembre-se do que está fazendo, Tenente — murmurou Smith sem olhar para ele: — As garçonetes de um bar sabem mais do que acontece dentro dele do que qualquer chefe de polícia. E esta parece saber mais do que as outras. E é o que eu vou fazer.

— Fazer o quê? — perguntou Schaffer, desconfiado.

— Vou aproximar-me dela.

— Mas eu a vi primeiro — disse Schaffer, protestando.

— Pode dançar com ela depois — prometeu Smith. Em seguida, disse em voz baixa, enquanto percorria todo o salão com os olhos.

— Depois de beberem a cerveja, tratem de circular. Vejam se ouvem alguém falar em Carnaby ou no Marechal do Reich Rosemeyer.

Viu uma cadeira vazia numa mesa de canto e foi sentar-se nela, cumprimentando ao passar com a cabeça um capitão do Alpenkorps que conversava com ar de superioridade com dois jovens tenentes. O capitão mal lhe correspondeu ao cumprimento. Tanto quanto podia ver, nenhum dos presentes estava mostrando o menor interesse por ele ou qualquer dos seus companheiros. A banda de acordeões concluiu o seu número mais ou menos na mesma nota e ao mesmo tempo as vozes que cantavam *Lili Marlene* se calaram. Durante alguns segundos, houve um profundo e nostálgico silêncio, durante o qual cada um dos quatrocentos homens se via sozinho com Lili Marlene debaixo da lanterna do portão do quartel. Então, como a um sinal, o barulho das vozes ressoou pelo salão. Quatrocentos homens diante de canecões de cerveja não ficam sentimentais por muito tempo.

Smith viu a moça que voltava com seis canecões numa bandeja e passava por entre a multidão, afastando os admiradores com uma mão bem treinada. Distribuiu a cerveja pelos homens de Smith, que logo a seguir, mas discretamente, se dispersaram por cantos

diferentes do salão. A garçonete olhou em volta, viu Smith, sorriu e foi até onde ele estava, colocando o canecão de cerveja em cima da mesa. Antes que ela pudesse levantar o corpo, Smith passou o braço pela cintura dela e fê-la sentar-se nos seus joelhos. O capitão do outro lado da mesa interrompeu a conversa, lançou um olhar cheio de reprovação, mas diante do olhar desanimador de Smith, resolveu cuidar da sua vida e reiniciou a conversação. Smith, por sua vez, apertou a cintura da moça, deu-lhe uma palmadinha no joelho e mostrou um sorriso que julgava vitorioso.

— Pode-se saber qual é o seu nome, minha rosa dos Alpes? — perguntou ele, com uma voz levemente pastosa.

— Heidi — disse ela, procurando levantar-se, mas na realidade sem mostrar muita vontade. — Por favor, Major, tenho muito o que fazer.

— Não há trabalho mais importante do que divertir os soldados da Pátria — disse Smith em voz alta. Segurando Heidi firmemente para impedir qualquer tentativa de fuga, bebeu um grande gole de cerveja e perguntou, com o canecão ainda à altura do rosto: — Quer que lhe cante alguma coisa?

— Cantar o quê? — perguntou Heidi, cautelosa. — Ouço cantarem tanto.

— Assobio melhor do que canto. Escute — disse ele, assobiando muito baixinho os dois primeiros compassos de *Lorelei*. — Gostou?

Heidi olhou-o com seriedade por uma fração de segundo, mas logo sorriu.

— Encantador, Major. Aposto que tem também uma bela voz.

Smith baixou o canecão para a mesa com uma pancada incerta que provocou mais reprovação do outro lado da mesa e levantou a mão para limpar a espuma dos lábios. Heidi sorriu para ele, mas os olhos dela estavam sérios.

— Os homens perto do balcão? — perguntou Smith, falando por trás da mão. — Os civis? Não olhe.

— Gestapo — disse ela, fazendo outra tentativa inútil para desvencilhar-se dele. — Do castelo.

— Um deles entende tudo pelo movimento dos lábios — disse Smith de novo com o canecão diante do rosto. — Está olhando

muito para cá. No seu quarto daqui a cinco minutos. Dê-me uma bofetada com muita força.

Heidi olhou-o espantada e então deu um grito de dor, ao levar dele um beliscão que não foi nada delicado. Ela levou para trás a mão direita e desceu-a numa bofetada cujo estalo pôde ser ouvido em metade do salão acima do murmúrio das conversas. As vozes se calaram, os canecões pararam a meio caminho das bocas e quase todos os olhos se voltaram para a cena da perturbação. Smith tinha naquele momento a atenção exclusiva de quatrocentos soldados alemães, que era exatamente o que ele queria.

Nenhum homem ansioso por passar despercebido se atreve a correr o menor risco de atrair tamanha atenção indesejada.

Heidi levantou-se, esfregou uma parte do corpo, apanhou o dinheiro que Smith havia previamente colocado em cima da mesa e se afastou de cabeça erguida. Smith, com o rosto já avermelhando-se, levantou-se, cheio de raiva para sair da mesa, mas parou ao ver também de pé à sua frente o capitão. Era muito moço, meticoloso e correto, parecendo tipicamente um elemento da Juventude Hitleriana, mas sofrendo um pouco dos efeitos de muita cerveja.

— O seu procedimento é impróprio de um oficial da Wehrmacht — disse ele a Smith em voz alta.

Smith não respondeu imediatamente. A raiva em seu rosto cedeu o lugar a um ar de profunda arrogância. Olhou fixamente o capitão por tanto tempo, que este acabou baixando os olhos. Smith disse então em voz calma e glacial, mas tão baixo que seria difícil ouvi-lo na mesa vizinha.

— Tratame de *Herr Major*, quando falar comigo, está ouvindo? Major Bernd Himmler. Já ouviu falar de mim?

Fez uma pausa significativa e o jovem capitão pareceu encolher-se perceptivelmente diante dele. Himmler, chefe da Gestapo, era o homem mais temido na Alemanha. Smith poderia ser qualquer parente de Himmler, até mesmo filho dele.

— Apresente-se a mim às 8 horas da manhã — disse secamente Smith e saiu sem esperar resposta. O capitão do Alpenkorps, de repente no seu juízo perfeito, bateu com a cabeça em silêncio e deixou-se cair desalentadamente na cadeira. Quando Smith se

encaminhou para a porta, o murmúrio das conversas se restabeleceu. Para soldados estacionados naquele remoto posto militar, o único divertimento era a cerveja. Incidentes como aquele eram prontamente esquecidos.

A caminho da porta, falou com Schaffer: — Parece que não me saí muito bem.

— Poderia ter agido de maneira um pouco diferente — disse Schaffer e continuou: — Que foi que disse ao capitão?

— Dei-lhe a entender que era filho de Himmler.

— O chefe da Gestapo? Mas arriscou-se muito.

— Não estava em condições de me arriscar — disse Smith, enigmáticamente. — Bem, vou tentar o *Eichhof*. Talvez lá tenha mais sorte. Voltarei daqui a dez minutos. Talvez menos.

Deixou Schaffer a olhar incertamente para ele e fez um enérgico gesto negativo para Caracciola que se estava encaminhando para ele. Saiu, deu alguns passos e depois parou e olhou de alto a baixo a rua deserta. Entrou então por um beco paralelo ao *Zum Wilden Hirsch*. Nos fundos, havia um pequeno barracão de madeira. Smith verificou de novo se não o estavam observando e abriu calmamente a porta.

— Oito horas — disse ele na escuridão. — Vamos.

Houve um farfalhar de roupas e Mary apareceu à porta. Estava tremendo violentamente, com o rosto roxo de frio. Olhou interrogativamente para Smith, mas ele, sem dizer uma palavra, tomou-a pelo braço e levou-a para a porta dos fundos da *Gasthaus*. Entraram por um pequeno corredor mal iluminado por um candeeiro de querosene, subiram um lance de escadas, passaram por outro corredor. Smith abriu a segunda porta à direita. Entrou com Mary e fechou prontamente a porta.

Era um quarto pequeno e pobremente mobiliado, mas as cortinas e os forros da cadeira de *chintz* e os artigos de toucador na penteadeira mostravam que se tratava de um quarto feminino. Mary sentou-se na cama, passou os braços cruzados pelo peito para ganhar um pouco de calor e olhou com admiração para Smith.

— Espero que esteja apreciando a aventura — disse ela. — Parece que conhece tudo por aqui, não é?

— Instinto — explicou Smith.

Aumentou a chama do candeeiro ao lado da cama, foi apanhar num canto uma velha mala de couro e abriu-a. Dentro havia roupas de mulher. Fez Mary levantar-se e disse: Não perca tempo. Tire a roupa. Toda a sua roupa até à última peça.

Depois, vista-se com o que está aqui na mala. Encontrará tudo o que é preciso.

Mary olhou para ele. — Eu, vestir essas roupas? Mas por que...

— Não discuta! Vamos!

— O que vou fazer? Mas ao menos vire-se para lá.

— Fique descansada — disse Smith, cansadamente. — Tenho outras coisas em que pensar. Ande depressa. Você deve chegar aqui no ônibus de Steingaden, daqui a vinte minutos. Terá de carregar essa mala, onde está o resto das suas roupas. Você se chama Maria Schenk, é da Renânia, prima de uma garçonete que trabalha aqui. Foi atacada de tuberculose e, por isso, largou o seu emprego numa fábrica e veio para cá a fim de melhorar com o clima. Conseguiu o seu novo emprego no Schloss Adler por intermédio dessa garçonete. Tem documentos de identidade, passe de viagem, referências em cartas em envelopes devidamente carimbados para provar tudo. Os papéis estão nessa bolsa dentro da mala. Pegou tudo bem?

— Acho que sim... Mas se você me dissesse...

— Olhe o tempo, pelo amor de Deus! Pegou ou não pegou?

— Maria Schenk, Renânia, fábrica, tuberculose, prima aqui, Steingaden... Sim, sei de tudo. Mas esse vestido dá certinho em meu corpo! Parece até que foi feito para mim!

— Foi feito para você. Entramos no seu apartamento e levamos um vestido emprestado para servir de modelo. Completos é o que nós somos.

— Entraram em meu apartamento?

— Bem, agora, você não terá de andar por aí sem a cor local. E quer saber de uma coisa? Esse vestido faz muito efeito em você.

— Gostaria de que ele fizesse efeito em você — disse ela, com os olhos ternos. — Mas, escute aqui, devem ter levado semanas para preparar essas roupas e esses papéis!

— É provável — disse Smith. — A nossa Seção de Falsificação fez um trabalho muito especial com esses papéis. Tinha de ser, pois você vai entrar na cova do leão.

— Semanas? — exclamou Mary, incrédula. — Mas o avião do General Carnaby só caiu aqui ontem de manhã! — No rosto de Mary estamparam-se sucessivas expressões de confusão, acusação e, por fim, desabrida raiva. — Vocês sabiam que o avião ia cair.

— Acertou pela primeira vez, boneca — disse Smith, sorrindo e afagando-lhe o rosto. — Fomos nós que arrumamos isso.

— Deixe disso — disse ela, afastando-lhe a mão. — Mas houve mesmo um desastre de avião.

— Garantido. O avião caiu no aeroporto dos pilotos do Socorro de Montanha da Baviera. Fica num lugar chamado Oberhausen a oito quilômetros. Por sinal, é o lugar de onde iremos partir...

— O lugar de onde iremos partir? Mas... mas no avião ouvi você dizer aos homens que se a missão falhasse ou se vocês tivessem de se dispersar o ponto de reunião seria em Frauenfeld, do outro lado da fronteira da Suíça.

— Ouviu mesmo? Eu devia estar confuso. De qualquer maneira, o Mosquito desceu no aeroporto de Obenhausen crivado de balas de metralhadoras. Balas inglesas, é claro, mas não deixavam de ser balas.

— Arriscaram então a vida de um general americano e todos os planos da Segunda Frente...

— Bem, é por isso que eu estou com tanta pressa de que você entre no Schloss Adler. Não antes que eles lhe arranquem todos os segredos, mas antes que descubram que ele não é general americano e sabe tanto sobre a Segunda Frente quanto eu sei sobre o outro lado da lua.

— Como assim? É um agente?

— Chama-se Jones, Cartwright Jones e é ator. No palco, é quase um canastrão, mas pode fazer perfeitamente o papel de Carnaby.

Ela o olhou tendo nos olhos um sentimento que parecia de horror. — Vocês arriscam a vida de um inocente...

— Está ganhando muito bem. Vinte e cinco mil dólares por noite de espetáculo. É o apogeu da sua carreira profissional.

Bateram de leve na porta. Smith fez um rápido movimento com a mão e apareceu empunhando uma Mauser engatilhada e pronta para entrar em ação.

Foi então até à porta e abriu-a devagar. Guardou então a arma, Heidi entrou e ele fechou a porta de novo.

— Bem, fiquem-se conhecendo, primas — disse ele. — Mary — agora Maria — e Heidi. Vou-me embora.

— Vai-se embora? E eu? O que eu tenho de fazer?

— Heidi lhe dirá tudo.

— Heidi? — perguntou Mary, olhando em dúvida para a moça.

— Sim, Heidi. A nossa principal agente na Baviera desde 1941.

— Não acredito...

— Ninguém é capaz de acreditar — disse Smith, envolvendo num olhar de admiração os opulentos encantos de Heidi. — Que disfarce!

Smith abriu cautelosamente a porta dos fundos da *Gasthaus*, saiu e viu-se de repente mergulhado em total escuridão, tendo de esperar um pouco para que os olhos se habituassem à mudança da luz. Achou que estava renovando mais do que quando entrara no *Zum Wilden Hirsch* e o vento certamente recrudescera. Estava cortante.

Certificando-se de que não era observado, Smith virou para a esquerda, deu dois passos e soltou uma exclamação ao tropeçar em alguma coisa que não vira e cair a fio comprido na neve. Rolou três vezes no chão, prevendo a hipótese de haver algum espectador por perto com uma arma e uma tendência homicida a fazer uso dela. Levantou-se então com urna agilidade de gato, tendo a Mauser numa mão e a lanterna na outra. Fez uma volta de 360 graus. Estava sozinho.

Sozinho propriamente não. Ali estava o vulto estendido no qual tropeçara. Era um sargento do Alpenkorps caído de bruços na imobilidade da morte.

Inclinou-se e rolou o corpo, vendo a grande mancha vermelha que havia na neve. Voltou a luz da lanterna para o rosto. Não haveria mais aulas para aquele professor, nem qualquer necessidade de mel para o seu chá. Smith sentiu a culpa pesar-lhe

sobre os ombros. Os olhos vidrados de Torrance-Smythe encaravam-no numa censura vazia.

Smith levantou-se e inspecionou os arredores com a sua lanterna. Não se viam sinais de luta, mas Smithy não havia morrido com facilidade. Um botão da túnica fora arrancado, e havia um rasgão na gola. Com a lanterna ainda na mão, Smith se encaminhou para o estreito beco e parou. Uma confusão de rastros, poças de sangue na neve resolvida, manchas escuras nas paredes de madeira da *Gasthaus* — ali é que tinha sido a luta. Smith guardou a lanterna e a pistola nos seus esconderijos e saiu de novo para a rua. De um lado estava o *Zum Wilden Hirsch* de novo ressoante dos cantos dos soldados e do outro um quiosque de telefone iluminado ao lado da agência do correio.

No quiosque, um soldado que Smith não conhecia estava falando animadamente ao telefone. Afora isso, a rua estava deserta.

Schaffer apoiou-se negligentemente ao bar, parecendo inteiramente despreocupado. O rosto o desmentia. Estava carrancudo e despedaçava nervosamente um cigarro entre os dedos.

— Smithy! — disse Schaffer em voz baixa. — Não é possível! Tem certeza, chefe?

— Tenho. Você diz que ele saiu três minutos depois que eu saí. Isso quer dizer que não foi atrás de mim. Quem mais saiu?

— Não faço a menor ideia. Isto aqui está cheio de gente e há outra porta. Se alguém saiu, como é que eu podia ver? Mas por que Smithy? Era o mais inteligente de todos nós.

— É por isso mesmo que ele está morto — disse Smith sombriamente.

— Agora, escute cuidadosamente. Já é tempo de que você fique a par dos fatos.

— É mais do que tempo — disse Schaffer, olhando-o fixamente.

Smith começou a falar em voz muito baixa, em fluente alemão idiomático, tendo o cuidado de conservar-se de costas para os homens da Gestapo do outro lado do bar. Um ou dois minutos depois, viu Heidi sair de uma porta dos fundos e voltar ao salão,

mas fez que não a viu, do mesmo modo que ela fingiu não vê-lo. Quase imediatamente depois, o murmúrio das vozes diminuiu e houve um completo silêncio, que o forçou a calar-se também e a seguir a direção do olhar de centenas de soldados, convergindo para a porta.

Havia razão para o silêncio, principalmente para soldados quase totalmente afastados das mulheres. Mary Ellison, com uma capa de chuva de cinto afivelado, um lenço na cabeça e uma mala velha na mão estava na porta. O silêncio apareceu ainda maior. A qualquer tempo, as mulheres são raras numa *Gasthaus* alpina, mulheres desacompanhadas são ainda mais raras e mulheres belas e jovens sozinhas são virtualmente desconhecidas.

Durante alguns instantes, Mary deixou-se ficar ali na porta incertamente, sem saber o que ia fazer. Largou então a mala no chão e o seu rosto se iluminou de alegria ao ver Heidi. Marlene Dietrich no *Anjo Azul*, pensou Smith inconsequentemente. Com um rosto e um corpo como aqueles, servidos por tamanho talento cênico, ela podia fazer Hollywood construir um caminho de ouro até à sua porta.

— Maria! Minha querida Maria! — Havia na voz de Heidi uma nota de tal emoção que Smith pensou que Hollywood poderia muito bem construir dois caminhos de ouro. — Você veio mesmo!

— Depois de tantos anos! — exclamou Mary, abraçando a outra moça e beijando-a. — Que bom vê-la de novo, Prima Heidi! Claro que vim. Por que não havia de vir?

— Bem, — murmurou Heidi, procurando baixar a voz e olhando em torno significativamente. — Essa gente aqui é um pouco perigosa. Seria bom você andar armada. São os Caçadores (*Jäger*) e o nome é bem apropriado.

Os soldados deram gargalhadas e o murmúrio normal das conversas logo recomeçou. Dando o braço a Mary, Heidi levou-a para o pequeno grupo de civis no outro extremo do bar. Parou em frente do homem que estava no centro do grupo, um moreno, de olhos vivos e inteligentes, mas um pouco cruéis e fez as apresentações.

— Maria, este é o Capitão Von Brauchitsch. Trabalha no Schloss Adler.

Capitão, minha prima, Maria Schenk.

Von Brauchitsch fez uma pequena reverência.

— Muito obrigado, Heidi. Estávamos à sua espera, Srta. Schenk. Mas não fazíamos ideia de que nos aparecesse uma pessoa tão bonita.

Mary sorriu, mostrando alguma confusão no rosto...

— Estavam esperando...

— Ele estava esperando... — disse Heidi. — O Capitão tem obrigação de saber de tudo o que acontece.

— Não me faça parecer tão sinistro, Heidi. Assim vai assustar sua prima.

O próximo carro aéreo sairá daqui a dez minutos. Posso acompanhar a senhorita...

— A senhorita vai primeiro ao meu quarto — disse Heidi firmemente. — Vai-se lavar e tomar um café com *Schnapps*. Não pode ver que ela quase morreu de frio na viagem?

— De fato, está com os dentes batendo — disse Von Brauchitsch, sorrindo. — E eu pensei que podia ser por minha causa. Iremos então no próximo carro.

— E eu vou com ela — anunciou Heidi.

— As duas? — exclamou Von Brauchitsch com o seu sorriso habitual.

— Hoje é a minha noite de sorte.

— Passe, documentos de viagem, cartões de identidade e cartas você já tem — disse Heidi. Tirou alguns papéis da sua blusa tirolesa e entregou-os a Mary, que estava sentada diante dela na cama. — Planta do castelo e instruções. Faça o seu trabalho de casa e depois devolva-me tudo. Vou levar isso lá para cima que podem revistá-la. Aquele pessoal de lá é muito desconfiado. E beba o *Schnapps*. Von Brauchitsch vai na certa sentir o seu hálito. Só para verificar. Verifica tudo. É o pior de todos.

Quando Heidi voltou ao bar, Smith e Schaffer tinham a companhia de Caracciola, Thomas e Christiansen. Os cinco pareciam estar bebendo e conversando displicentemente, mas as

vozes baixas e tensas mostravam a aflição que lhes ia no espírito, pelo menos no espírito de alguns deles.

— Não viram então Smithy? — perguntou Smith. Onde diabo estará ele metido?

Não houve resposta. Christiansen perguntou: — Quer que eu vá lá fora ver?

— Não é preciso — disse Smith. — De qualquer maneira, acho que agora não será possível mais sair.

As portas se abriram de repente e cerca de dez soldados irromperam pelo salão. Tinham todos a tiracolo metralhadoras portáteis Schmeisser.

Espalharam-se pelo salão, encostados às paredes e esperaram com os fuzis em posição horizontal, dedos nos gatilhos, olhos muito calmos e vigilantes.

— Ora, ora — murmurou Christiansen. — Foi uma boa guerra.

O silêncio súbito e total foi mais acentuado do que quebrado quando passos pesados ressoaram no chão e um coronel da Wehrmacht entrou no salão, correndo por tudo o olhar frio. O gordo proprietário correu às pressas do bar, derrubando cadeiras, com a ansiedade e o medo claramente estampados no rosto redondo.

— Coronel Weissner! — exclamou ele com voz esganiçada. — Eu...

— Não é nada com a sua pessoa, *mein Herr*. — As palavras do coronel eram mais tranquilizadoras do que o seu tom de voz. — Mas está dando abrigo a inimigos do Estado.

— Inimigos do Estado? — balbuciou o proprietário, pálido como a morte. — Eu... eu. Josef Wartmann...

— Um momento — disse o coronel, levantando a mão para pedir silêncio. — Estamos procurando quatro ou cinco desertores do Alpenkorps que fugiram da prisão militar de Stuttgart. Para fugir, mataram dois oficiais e um sargento da guarda. Houve notícia de que tinham vindo para cá.

Smith disse baixinho no ouvido de Schaffer: — Muito bem pensado. Muito mesmo.

— Se eles estão aqui — continuou Weissner, — nós os pegaremos. Quero que os oficiais mais graduados dos Grupos Treze,

Quatorze e Quinze deem um passo à frente. — Esperou até que dois maiores e um capitão ficassem em posição de sentido diante dele. — Conhecem de vista todos os seus oficiais e soldados?

Os três oficiais fizeram um sinal de assentimento.

— Muito bem. Quero agora...

— Não é preciso, Coronel — disse Heidi saindo de trás do bar e colocando-se diante de Weissner, com as mãos para trás em sinal de respeito. — Sei qual é o homem que o senhor procura. O chefe...

— Ah! — disse o coronel sorrindo. — A encantadora...

— Heidi, *Herr* Coronel. Já o servi à mesa no Schloss Adler.

— Como se fosse possível esquecer — disse o coronel, num galanteio.

— É aquele! — Com o rosto invadido de uma combinação de justa indignação e dedicação ao dever, apontou para Smith um dedo dramaticamente acusador. — É aquele, Coronel! Foi ele quem me beliscou!

— Minha cara Heidi — disse o coronel, sorrindo indulgentemente — se fôssemos condenar todos os homens que já...

— Não é por isso, Coronel. Ele me perguntou se eu sabia ou tinha ouvido alguma coisa sobre um tal Coronel Carnaby...

— General Carnaby! — exclamou o Coronel Weissner, que não estava mais sorrindo. Olhou para Smith, mandou alguns guardas se aproximarem dele e disse a Heidi: — E o que foi que você disse?

— *Herr* Coronel! — exclamou Heidi, como se tivesse sido insultada. — Sou uma boa alemã e sei dar valor à confiança que depositam em mim no Schloss Adler. O Capitão Von Brauchitsch da Gestapo pode responder por mim.

— Não é preciso. Não esqueceremos isso, minha filha. — Bateu-lhe afetuosamente no rosto. Em seguida, voltou-se para Smith e disse, com a temperatura da sua voz caindo de quente a muito abaixo de zero: — Os seus cúmplices imediatamente.

— Imediatamente? — O olhar que ele lançou a Heidi era tão glacial quanto a voz do Coronel. — Não, meu prezado Coronel. Há uma lista de prioridades. Primeiro, os trinta dinheiros que ela ganhou. Depois nós.

— Fala como um insensato — disse o Coronel Weissner com desprezo.

— Heidi é uma boa patriota.

— Tenho certeza disso — disse Smith amargamente.

Mary, num atordoamento, olhou da janela do quarto às escuras de Heidi e viu Smith e os outros quatro saírem sob pesada escolta e serem levados para o outro lado da rua onde estavam parados vários carros do comando. De maneira brusca e eficiente, os prisioneiros foram arrumados em dois carros, que partiram sem demora, desaparecendo numa curva da estrada. Mary ficou quase um minuto ali parada. Depois, saiu da janela e voltou-se para o quarto.

— Como foi que isso aconteceu? — perguntou ela num sussurro. Heidi riscou um fósforo e acendeu o candeeiro.

— Não posso saber. Alguém, não sei quem, deve ter contado ao Coronel Weissner. Eu então tive de apontá-lo.

— Você... Você... — murmurou Mary,

— Ele teria sido descoberto de qualquer maneira dentro de alguns minutos. Eram desconhecidos. Mas isso fortalece a nossa posição. Estamos agora as duas acima de qualquer suspeita.

— Acima de qualquer suspeita! Mas agora não adianta fazer mais nada!

— Por que não? — murmurou Heidi. — A verdade é que tenho mais pena do Coronel Weissner do que do Major Smith. Não é o Major Smith um homem de infinitos recursos? Ou então os nossos chefes de Whitehall nos mentiram. Quando me comunicaram que ele viria, disseram-me que não me preocupasse e confiasse implicitamente nele. Disseram-me que era capaz de sair de qualquer situação difícil. E eu confio nele. Você não?

Não houve resposta. Mary tinha os olhos cheios de lágrimas. Heidi tocou-lhe o braço e disse suavemente: — Ama-o tanto assim?

Mary bateu a cabeça em silêncio.

— E ele a ama também?

— Não sei. Está tão envolvido nessa vida que talvez não saiba e se sabe, não vai dizer.

Heidi olhou-a durante algum tempo e sacudiu a cabeça.

— Não deviam ter mandado você. Isso vai atrapalhar tudo. Mas agora é tarde. Vamos. Não podemos fazer Von Brauchitsch esperar...

— E se ele não voltar? — exclamou Mary. — Se ele não puder fugir?

Com toda a certeza, vão verificar essas referências falsas.

— Não creio que ele vá abandonar *você*, Mary. — disse Heidi.

— Não. Creio que não.

O grande carro de comando Mercedes rodava pela estrada coberta de neve que corria paralela ao Blau See. Era um carro caro e muito confortável, mas nem Schaffer, na frente, nem Smith, atrás, experimentavam no momento qualquer conforto mental ou físico. Do lado mental, havia a amarga perspectiva do pelotão de fuzilamento inevitável e a frustração de que a missão estivesse terminada antes de propriamente iniciada. Do lado físico iam apertados no carro. Schaffer estava na frente entre o motorista e um guarda. Smith, atrás, entre o Coronel Weissner e um guarda. Ambos sentiam uma dor nas costelas causada por um cano de fuzil-metralhadora.

Smith calculou que deviam estar na metade do caminho entre a aldeia e o quartel. Daí a trinta segundos estariam transpondo os portões do quartel.

Trinta segundos apenas. — Pare este carro! — A voz de Smith era fria, autoritária e com um subtom de ameaça. — Imediatamente, está ouvindo? Tenho de pensar!

O Coronel Weissner voltou-se para ele, olhando-o muito espantado. Smith nem tomou conhecimento dele. Havia no seu rosto uma carrancuda concentração, uma cólera controlada. Era o rosto de um homem a quem não se podia desobedecer. Não era de modo algum o rosto de um homem que marchava para a prisão e para a morte. Weissner hesitou, mas um instante apenas. Deu uma ordem e o grande carro começou a diminuir a marcha.

— Trapalhão! Idiota! — O tom de Smith, embora trêmulo de raiva, era tão baixo que só Weissner podia ouvi-lo. — Quase com certeza estragou tudo. Mas fique sabendo, Weissner, que se isso aconteceu, amanhã não comandará mais regimento algum!

O carro parou à beira da estrada. À frente, as luzes vermelhas do outro carro de comando desapareceram na escuridão. Weissner disse bruscamente, mas com um tremor apenas perceptível de agitação na voz : — O que você está dizendo?

— Sabe do general americano, Carnaby, não sabe? — disse Smith, com os olhos apertados e os dentes arreganhados de cólera a um palmo do rosto de Weissner.

— Como?

— Jantei no Schloss Adler ontem à noite e... — Smith olhou-o com total incredulidade. — O coronel Paul Kramer não lhe disse?

O Coronel Weissner disse não com a cabeça.

— O Chefe de Estado-Maior do Almirante Canaris! E agora todo mundo sabe. Ah! Muitas cabeças vão rolar por causa disso. — Esfregou as palmas das mãos nos olhos e sacudiu lentamente a cabeça. — Isso é grande demais até para mim! — Tirou o passe do bolso e entregou-o a Weissner, que o examinou à luz de uma lanterna que não era empunhada com muita firmeza.

— Vamos sem demora para o quartel! Tenho de me comunicar imediatamente com Berlim. Meu tio me dirá o que devo fazer.

— Seu tio? — com o que devia ser um grande esforço da vontade, Weissner olhou para o passe. — *Heinrich* Himmler?'

— Quem pensa então que seja? Creio que nunca teve a honra de falar com ele, Coronel Weissner? — Olhou-o durante algum tempo sem qualquer simpatia e então bateu nas costas do motorista sem muita delicadeza. — Para o quartel depressa!

O carro se moveu. O que o sobrinho do temido Heinrich Himmler, chefe da Gestapo, dizia era mais do que uma ordem para o motorista. Smith voltou-se para o guarda ao seu lado.

— Tire essa coisa das minhas costelas!

Num assomo de raiva, arrancou a arma das mãos do guarda. Este, que também tinha ouvido falar em Himmler, não ofereceu qualquer resistência. Um segundo depois, estava todo dobrado a contorcer-se em agonia da coronhada que levara no estômago e, mais outros segundo depois, o Coronel Weissner estava imprensado contra a janela do Mercedes, com o cano da Schmeisser encostado ao seu ouvido direito.

— Se os seus homens se moverem, você morrerá.

— OK — disse a voz calma de Schaffer lá na frente. — Estou com as armas deles.

— Pare o carro — ordenou Smith.

O carro foi freado. Pelo para-brisa, Smith via as luzes do quartel, a menos de duzentos metros de distância. Empurrou Weissner com o cano do fuzil.

— Saia!

O rosto de Weissner era uma máscara de raiva mas ele era um soldado experiente demais para hesitar. Saiu.

— A três passos do carro — disse Smith. — Deite-se de bruços na neve, com as mãos cruzadas na nuca. Schaffer, fique com a arma sobre o seu guarda. Saia, motorista, e vá ficar ao lado do General.

Vinte segundos depois, com Schaffer ao volante, os dois partiam, deixando três homens deitados de bruços na neve e o outro, que tinha sido o guarda de Smith, ainda todo dobrado em agonia.

— Uma proeza notável, jovem Himmler — disse Schaffer.

— Pura sorte, nada mais. Passe devagar pelo portão. Não quero que ninguém lá tenha alguma ideia errada.

Passaram a trinta quilômetros por hora pelos portões principais do quartel e, depois, pelos portões laterais, aparentemente sem despertar qualquer desconfiança. O carro levava atrás da estrela de três pontas do radiador a insígnia do comandante do campo e sem dúvida ninguém discutiria as idas e vindas do Coronel Weissner.

Durante cerca de três quilômetros além dos portões laterais, a estrada corria para o norte em linha reta, tendo à esquerda um penhasco de algumas dezenas de metros que descia para as águas do Blau See e, à direita, uma fila de pinheiros de cinquenta metros de largura no máximo na base de outro penhasco abrupto, que se elevava até perder-se na neve e na escuridão.

Ao fim da reta, a estrada se curvava para a direita seguindo o contorno do lago, com o canto perigoso da curva marcado por uma cerca branca que normalmente deveria ser bem visível à noite, mas que naquele momento estava quase invisível no meio da neve. Schaffer freou para vencer a curva.

Uma expressão pensativa apareceu-lhe no rosto e ele aplicou maior pressão no pedal do freio, depois do que olhou para Smith.

— Excelente ideia — disse Smith. — Ainda faremos de você um bom agente.

O Mercedes parou. Smith reuniu as Schmeissers e as pistolas que haviam tirado de Weissner e seus homens e saltou. Schaffer abriu a porta do lado do motorista, soltou o freio de mão, engrenou e saltou quando o carro começou a mover-se. Caminhou ao lado do carro com a mão dentro da janela, no volante. A cinco metros da borda, corrigiu a direção, abriu todo o acelerador manual e pulou de lado enquanto o carro ganhava velocidade. O Mercedes se chocou com a cerca, arrebentou-a como se fosse de papelão, passou a borda do penhasco e desapareceu.

Smith e Schaffer foram até uma parte da cerca que ficara intacta e olharam a tempo de ver o carro bater na água e afundar ainda com os faróis acesos. Smith tirou o quepe da cabeça e jogou-o dentro do lago.

— Quem se importa? — disse Schaffer encolhendo os ombros. — O carro não era nosso. Vamos voltar para a aldeia?

— Claro que não. Vamos por outro caminho.

Começaram a caminhar na direção que o carro havia tomado. Tinham andado cerca de setenta metros quando ouviram barulho de automóveis e faróis voltados para a cerca despedaçada. Segundos depois, Smith e Schaffer estavam fora da estrada, escondidos entre os pinheiros e olhando na direção de um carro de comando e dois carros blindados que haviam parado junto da cerca arrebentada.

— Foi isso mesmo, *Herr* Coronel — disse um sargento do Alpenkorps com fuzil a tiracolo, olhando da borda do penhasco. — Iam muito depressa e só viram a cerca tarde demais ou não chegaram a vê-la. O Blau See tem aqui mais de cem metros de profundidade, *Herr* Coronel. Não podem ter escapado.

— Talvez sim, talvez não. Aqueles dois são capazes de tudo, — disse o Coronel Weissner, com voz perfeitamente clara e amarga. — Tudo isso pode ter sido apenas uma encenação. Quero que um grupo de homens vasculhe os pinheiros até a beira da montanha. A

cinco metros um do outro de lanternas acesas. Outro grupo voltará de carro para o campo até uns quinhentos metros de distância e fará a busca nas mesmas condições. Os dois grupos se encontrarão na base da montanha. Depressa!

Do seu esconderijo atrás de um tronco de pinheiro, Schaffer olhou pensativamente para Smith.

— Tenho de reconhecer, chefe, que foi uma coisa acertada não termos voltado para a aldeia. Um bocado esperto esse coronel, não é?

— E eu? Onde é que fico?

— OK, OK, você também.

Cinco minutos decorreram. Era relativamente pouca a quantidade de neve que penetrava entre os ramos espessos dos pinheiros e os dois homens podiam ver claramente o brilho das lanternas enquanto o grupo de homens mais próximo deles se movia para o sul olhando atrás dos troncos e embaixo dos galhos caídos à procura dos dois prisioneiros foragidos. O Coronel Weissner andava para cima e para baixo a passos lentos ao lado do seu carro de comando, com a cabeça baixa, como se estivesse imerso em graves pensamentos. De vez em quando, olhava o relógio. Smith viu-o aproximar-se da parte intacta da cerca e ali ficar, estendendo o olhar para a superfície do Blau See.

Dentro em pouco, Smith e Schaffer ouviram vozes abafadas, por fim o sargento passou pela frente dos faróis acesos do carro de comando, aproximou-se do Coronel Weissner e fez continência.

— Não encontramos sequer rastros, *Herr* Coronel.

— Nem podiam encontrar — disse Weissner sombriamente. — Acabo de ver um quepe flutuando no lago. Triste fim para homens tão corajosos, Sargento. Triste fim.

5

O carro aéreo partiu lentamente da estação na aldeia, iniciando a sua longa ascensão para o castelo. Era uma subida perigosa e quase impossível, pensou Mary. Olhando pelas janelas de frente, divisou os contornos da primeira torre de sustentação através da neve fina que caía. As duas outras torres não eram visíveis, mas as luzes que brilhavam intermitentemente no alto do céu mostravam claramente por onde iriam passar. Aquela viagem era feita sem novidade muitas vezes e também daquela vez nada deveria acontecer. E do jeito como ela se sentia, como se o mundo tivesse perdido a sua razão de ser, pouco lhe interessava que acontece ou não.

O bondinho aéreo tinha capacidade para doze passageiros e era pintado externamente de um vermelho vivo, sendo bem iluminado internamente. Não havia bancos, mas duas barras sólidas de metal se estendiam dos lados. A necessidade dessas barras se tornou imediatamente e alarmantemente evidente. O vento estava muito forte e o carro começou a ser violentamente sacudido logo que partiu da estação.

Além de dois soldados e de um homem que parecia civil, os únicos passageiros eram Von Brauchitsch, Mary e Heidi, esta com um pesado casaco de lã e um chapéu de peles cossaco. Von Brauchitsch, segurando-se com uma mão à barra, tinha o outro braço passado, pelos ombros de Mary a fim de ampará-la e tranquilizá-la.

— Está com medo? — perguntou ele em dado momento.

— Não — respondeu ela com sinceridade. — Apenas um pouco inquieta. Parece que vou enjoar. E... esse cabo nunca se quebrou?

— Nunca. Ampare-se em mim e não acontecerá nada.

— Costumava dizer isso era a mim — disse Heidi friamente.

— *Fräulein*, — explicou Von Brauchitsch pacientemente, — tenho qualidades muito acima do comum, mas entre elas não se inclui um terceiro braço. As visitas em primeiro lugar.

Com um cigarro aceso na mão em concha, Schaffer encostou-se à base do poste telefônico e olhou para um ponto a meia distância. Havia motivo tanto para o cigarro escondido na concha da mão quanto para a vigilância. A menos de cem metros de onde estavam na orla do bosque de pinheiros, à beira da estrada, via guardas que se moviam de um lado para outro nas vizinhanças dos portões do quartel.

Schaffer mudou de posição e olhou para o céu. A neve havia quase parado, a lua estava procurando romper a cortina de nuvens e ele não tinha dificuldade em distinguir o vulto de Smith, montado na travessa do alto do poste.

Smith trabalhava com uma faca especial de comando que, entre outras utilidades, servia para cortar arame. Cuidadosa, metódicamente, cortou os oito fios de telefone, que caíram no chão. Smith guardou a faca, tirou as pernas da travessa e deixou-se escorregar pelo poste até ao chão. Sorriu para Schaffer e disse: — Tudo ajuda.

— Deve retardá-los um pouco, — murmurou Schaffer. Mais uma vez, recolheram as armas e tomaram o rumo de leste, desaparecendo no bosque de pinheiros que cercava os fundos do quartel.

O carro aéreo se balançava mais alarmantemente do que nunca. Com o braço de Von Brauchitsch passado pelos seus ombros e ainda voltada para as janelas da frente, Mary olhava para os altos baluartes cobertos de neve e tinha impressão de que já haviam atingido as nuvens. De repente, as nuvens se afastaram um pouco e todo o castelo de conto de fadas foi banhado pelo luar. O medo tocou-lhe os olhos, ela passou a língua pelos lábios e teve um tremor involuntário. Nada escapava à aguda percepção de Von Brauchitsch.

Apertou os ombros de Mary, talvez pela vigésima vez durante a viagem.

— Não se preocupe, *Fräulein*. Tudo vai bem.

O mesmo luar inesperado quase surpreendeu Smith e Schaffer. Tinham atravessado os trilhos da estrada de ferro e se dirigiam furtivamente para o depósito de guarda de bagagem quando a lua

apareceu. Mas ainda estavam nas sombras da marquise da estação. Esconderam-se nas sombras e olharam para os trilhos e para os amortecedores hidráulicos que marcavam o fim da linha.

Claramente, perfeitamente delineado contra o fundo alvo da neve, um carro aéreo chegava à estação da aldeia, enquanto outro vencida os últimos metros verticais para a estação do alto e os contornos dos Schloss Adler brilhavam ao luar.

— Isso ajuda — disse Schaffer, aborrecido. — Ajuda muito.

— O céu ainda está cheio de nuvens — disse Smith. Em seguida, abriu a porta do depósito e entrou com Schaffer, que fechou a porta.

Smith abriu as mochilas dos dois, cortou um pedaço da corda de nylon, amarrando-a em torno da cintura e começou a colocar num saco de lona algumas granadas de mão e explosivos plásticos.

— Chefe? — sussurrou Schaffer, lançando um olhar pela janela.

— Que é?

— Já pensou que talvez a esta hora o Coronel Weissner já saiba de tudo sobre este esconderijo? Podemos ter companhia dentro em breve.

— Sei disso e até me surpreende que ainda não tenha aparecido ninguém. É por isso que só cortei um pedaço da corda e só estou tirando granadas e explosivos da minha mochila e da sua. É uma corda bem grande e ninguém vai dar por falta de alguns metros ou saber o que havia antes dentro das nossas mochilas.

— Mas o rádio...

— Se fizermos alguma transmissão daqui, seremos capturados quase no mesmo instante. Se o levarmos, compreenderão que aquele carro no fundo do Blau See está vazio. Certo?

— Mais ou menos.

— Vamos então dar um jeito. Levamos o rádio, mas tornaremos a trazê-lo para cá depois de fazermos uma transmissão de um lugar seguro.

— Lugar seguro? Não há lugar seguro em toda a Baviera!

— Pois há um a vinte metros de distância. Já entrou em algum lavatório de mulheres na Baviera? Tome as chaves e vá abri-lo.

Schaffer pegou as chaves e saiu. Atravessou rapidamente a linha, acendendo de vez em quando a lanterna por um breve instante. Por fim, deparou com uma porta marcada "*Damen*".

O carro aéreo completou lentamente a sua subida e entrou na estação do Schloss Adler, situada na base noroeste do castelo. Os passageiros desembarcaram e seguiram por um túnel de oito metros fechados nos dois lados por um portão gradeado e guardados no último por soldados fortemente armados e por dobermanns. O túnel desembocava no grande pátio bem iluminado por dezenas de janelas internas sem cortinas. Bem no centro, estava o helicóptero que naquela tarde transportara o Marechal do Reich Rosemeyer. Abrigado sob uma grossa lona — no momento desnecessária porque havia parado de nevar — um homem de macacão, provavelmente o piloto, trabalhava no motor do helicóptero sob a luz de uma possante lâmpada de arco.

Mary voltou-se para Von Brauchitsch, que lhe segurava o braço e sorriu.

— Tantos soldados. Tantos homens e — com certeza — tão poucas mulheres. O que eu faço para me livrar de um soldado mais insistente?

— É fácil — disse Von Brauchitsch e Mary pensou que ele tinha realmente um sorriso encantador. — Salte da janela do seu quarto. São cem metros até lá embaixo e você estará então completamente livre!

O lavatório das senhoras na estação era inteiramente destituído de conforto. Os espartanos teriam torcido o nariz para aquilo. Os restos de um fogo ardiem numa estufa preta esmaltada.

Smith estava sentado à mesa do centro, com o rádio ao lado e consultando o seu livro de código ao mesmo tempo que escrevia num papel à luz da lanterna acesa. Releu o que havia escrito, entregou o livro a Schaffer e disse:

— Queime isso. Página por página.

— Queimar tudo? Não vai precisar mais dele? Smith sacudiu a cabeça e começou a rodar a manivela.

Havia um fogo muito melhor na Sala de Operações em Whitehall, onde um tronco de pinheiro ardia na lareira com um

crepitar confortável e chamas de tamanho respeitável. Mas os dois homens que se sentavam ao pé do fogo mostravam-se muito menos vivos do que as brasas que morriam no fogo dos Alpes Bávaros. O Almirante Rolland e o Coronel Wyatt-Turner estavam francamente cochilando. Mas despertaram plenamente e se levantaram de súbito quando o tão esperado sinal de chamada se fez ouvir no grande aparelho manobrado pelo operador nos fundos da sala.

— Broadsword chama Danny Boy. — A voz no rádio era fraca mas clara. Broadsword chama Danny Boy. Está ouvindo? Câmbio.

O operador falou ao seu microfone.

— Estamos ouvindo. Câmbio.

— Código. Pronto? Câmbio.

— Pronto. Câmbio.

Rolland e Wyatt-Turner estavam já ao lado do operador, olhando ansiosamente para os grupos de letras ininteligíveis que vinham pelo rádio.

A mensagem foi prontamente decifrada: "Torrance-Smythe assassinado. Thomas, Christiansen e Caracciola, capturados".

Como se fossem acionados por um sinal, os olhos de Rolland e Wyatt-Turner se encontraram. Depois, voltaram sombriamente para o papel em que o operador escrevia. O resta da mensagem dizia: "O inimigo acredita que eu e Schaffer estamos mortos. Vamos efetuar a entrada dentro de uma hora. Faça o favor de providenciar transporte para dentro de noventa minutos. Câmbio".

O Almirante Rolland tomou o microfone do operador. — Broadsword! Broadsword! Sabe quem sou eu?

— Sei, sim. Câmbio.

— Retire-se, Broadsword. Retire-se imediatamente. Salvem-se os dois. Câmbio.

— Deve... estar... brincando. — As palavras foram proferidas lentamente, com uma pausa imperceptível ao fim de cada uma. — Câmbio.

— Ouviu o que eu disse, não ouviu? É uma ordem que estou dando!

— Mary já está lá dentro. Câmbio e apaga.

O som morreu no rádio.

— Saiu do ar — disse o operador.

— Saiu do ar — repetiu Rolland mecanicamente. — E agora?

O Coronel Wyatt-Turner foi sentar-se pesadamente na poltrona ao pé do fogo. Para um homem tão corpulento quanto era, parecia curiosamente encolhido. Olhou apàticamente para o Almirante Rolland que se sentou na cadeira ao lado.

— A culpa é toda minha — murmurou o Coronel. — Toda minha.

— Fizemos o que tínhamos de fazer. A culpa é nossa, Coronel. Fui eu que tive a ideia. — Olhou para o fogo e acrescentou : — Agora isso por cima de tudo mais.

— O pior dia que já tivemos — disse Wyatt-Turner. — Talvez eu esteja ficando velho demais.

— Você só, não — disse Rolland que começou a contar nos dedos da mão esquerda. — O alarma tocou na sala do comandante-chefe em Portsmouth. Não se deu por falta de nada.

— Mas as chapas de vigilância mostravam que tinham sido tiradas cópias fotostáticas — disse Wyatt-Turner.

— Dois, Southampton. Duplicatas do movimento das barcaças desaparecidas. Três. Plymouth. A fechadura sincronizada do QG Naval desarranjada. Não sabemos o que isso quer dizer.

— Mas podemos imaginar.

— Podemos, sim. Dover. Desapareceu uma cópia dos planos do Porto Mulberry. Erro? Negligência? Nunca saberemos. Cinco, desapareceu o sargento da guarda do QG de Bradley. Pode ter alguma significação.

— Significa tudo. Todos os movimentos de tropas da Praia Omaha estão ali.

— Por último, sete comunicados hoje da França, da Bélgica, da Holanda.

Quatro visivelmente falsos. Os outros três inverificáveis.

Durante alguns momentos, houve um pesado silêncio de derrota, que afinal Wyatt-Turner quebrou.

— Se havia qualquer dúvida, não há mais. Os alemães têm quase total penetração aqui e nós não temos quase nenhuma no continente. E agora isto... Smith e seus homens.

— Smith e seus homens — murmurou Rolland. — Podemos dá-los por perdidos.

— E a Operação Overlord?

— Essa também está perdida.

— O serviço secreto é a primeira arma da guerra moderna — murmurou Wyatt-Turner, amargamente. — Alguém já não disse isso?

— Sem serviço secreto não pode haver guerra — disse o Almirante Rolland, apertando o botão do interfone. — Mande levar o meu carro para a saída. Vem, também, Coronel? Até o aeroporto?

— E um pouco mais longe ainda. Se me der permissão.

— Já discutimos isso — disse Rolland, encolhendo os ombros. — Compreendo como se sente. Mate-se, se quiser.

— Não tenho essa intenção, — disse Wyatt-Turner. Levantou-se, foi até um armário, apanhou uma arma e voltou-se para Rolland, sorrindo: — Podemos encontrar hostilidade.

— Podemos, sim — disse o Almirante, mas sem qualquer sorriso.

— Ouviu o que ele disse? — perguntou Smith, desligando o rádio. — Podemos bater em retirada.

— Em retirada? Agora? — perguntou Schaffer, indignado. — Não compreende que se fizermos isso, descobrirão quem é Mary doze horas depois. — Fez uma pausa para ter certeza de que Smith estava prestando atenção. E de Mary descobrirão toda a verdade sobre Heidi dez minutos depois.

— Que é isso, Tenente? Você só a viu uma vez durante cinco minutos.

— E daí? — perguntou Schaffer com jeito positivamente belicoso. — Quantas vezes Paris viu Helena de Troia? Quantas vezes Marco Antônio viu Cleópatra? Quantas vezes Romeu... Pouco me importa que ela seja uma traidora que faz espionagem contra o seu povo, fique sabendo!

— Ela nasceu e foi criada em Birmingham.

— Inglesa?

— Chega — disse Smith. — Vamos devolver este rádio. Pode ser que as visitas não tardem.

Repuseram o rádio no depósito, fecharam a porta e já iam para o portão da estação quando ouviram barulho de caminhões e o gemido de uma sirena.

Encostaram-se a uma parede enquanto a luz dos faróis iluminava a entrada da estação. O caminhão à frente parou a dez metros deles.

— Descrição? — perguntou Schaffer, olhando para Smith.

— Sem dúvida. Na sala de despacho.

Os dois homens afastaram-se rapidamente e esconderam-se nas densas sombras da sala do despacho. Um sargento, o mesmo que havia organizado a busca à margem do Blau See, entrou correndo, seguido por quatro soldados.

Correu para o depósito de guarda de bagagens e tentou a maçaneta. Deu algumas coronhadas com a pistola sem resultado. Depois, virou a arma e despedaçou a fechadura a bala. Entrou então de lanterna em punho.

Reapareceu quase imediatamente.

— Vá dizer ao capitão. Não mentiram. As bagagens dos ingleses estão aqui. — Um dos soldados saiu correndo e o sargento disse aos outros três homens: — Entrem, peguem tudo e levem para o caminhão.

— Lá se vão as minhas meias novas de lã — murmurou Schaffer. — Sem falar na minha escova de dentes...

Calou-se quando Smith lhe agarrou o braço. O sargento fizera parar o homem que levava o rádio, tomando-o dele.

— Capitão! Capitão! — gritou o sargento.

Um oficial veio correndo do caminhão para a estação.

— O rádio, Capitão! — Está quente, muito quente. Não faz ainda cinco minutos que foi ligado.

— Nestes últimos cinco minutos? — exclamou o capitão. — Impossível!

Ou isso quer dizer... Cerquem a estação! Deem uma busca completa em tudo!

— Por que é que essa gente não nos deixa em paz? — murmurou Schaffer.

— Depressa — disse Smith. Pegou o braço de Schaffer e os dois se moveram pela escuridão até o lavatório das mulheres. Com muito cuidado para não fazer barulho, Smith abriu a porta com as suas chaves em poucos segundos. Os dois entraram e trancaram a porta.

— Será uma nota triste na minha biografia — disse Schaffer com uma nota de tensão sob as palavras murmuradas com um sorriso.

— Como assim?

— Morreu pela Pátria num lavatório de senhoras na Alta Baviera. Acha que eu posso atravessar a eternidade com isso na consciência? O que o nosso amigo está dizendo lá fora?

— Se você ficar calado, eu poderei ouvir.

— E quando eu digo tudo, é tudo mesmo — gritava o oficial alemão dentro das melhores tradições da caserna. — Se uma porta estiver fechada tratem de arrombá-la. E se não querem estar mortos daqui a cinco minutos não se esqueçam de que esses homens são violentos, extremamente perigosos e estão armados com armas nossas e deles. Não tentem capturá-los. Atirem para matar no momento em que se depararem com eles.

— Ouviu? — perguntou Smith.

— Ouvi e não gostei — disse Schaffer, engatilhando a pistola.

Ficaram lado a lado na escuridão, ouvindo os barulhos da busca — as batidas das soleiras dos fuzis, o arrombamento das portas, as rajadas de metralhadoras quando as fechaduras resistiam a métodos mais convencionais. O barulho estava cada vez mais perto.

— Está esquentando — murmurou Schaffer.

Estava subestimando a temperatura. No momento em que acabou de falar, sacudiram violentamente a maçaneta da porta do lado de fora. Smith e Schaffer tomaram posição, um de cada lado da porta.

Houve então um pesado impacto na porta. Com outro impacto, a madeira da porta começou a estalar de alto a baixo. Mais duas coronhadas, pensou Smith, e a porta estará arrombada.

Mas não houve mais coronhadas.

— *Gott in Himmel*, Hans! — exclamou alguém do outro lado da porta.

— O que está fazendo? Não sabe ler?

— *Mein Gott! Damen!*

— Se você, Hans, tivesse passado tanto tempo na frente russa quanto eu...

E não se ouviu mais nada porque os dois soldados tinham-se afastado.

— Deus abençoe a nossa tradição comum anglo-saxônica.

— O que está dizendo? — perguntou Smith, relaxando a pressão na Schmeisser e compreendendo que tinha as mãos molhadas de suor.

— Esse deslocado senso de decência — explicou Schaffer.

— Senso de decência, pois sim! Instinto de conservação, isso sim — disse Smith. — Você gostaria de estar à procura de dois assassinos sanguinários como nós, sabendo que o primeiro homem que os encontrar será cortado pela metade por uma rajada de metralhadora? Ponha-se no lugar deles. Como você se sentiria?

— É claro que me sentiria muito mal.

— Foi o que se deu com eles. Por isso, aproveitaram-se do primeiro pretexto razoável para deixar de investigar. Os nossos dois amigos não sabem se estamos aqui ou não e acharam melhor para a própria sobrevivência não investigar o caso.

— Vamos deixar de psicologia. O que interessa é que o velho Schaffer está salvo.

— Se está falando a sério, merece acabar com uma venda passada nos olhos.

— Gomo assim?

— Não somos as únicas pessoas que podem interpretar os sentimentos dos soldados. Pode apostar que o capitão e o sargento — que é bem vivo como você viu no caso do rádio — virão fazer uma inspeção, verão esta porta fechada e resolverão dar a alguns dos seus homens a chance de ganhar uma Cruz de Ferro póstuma.

— E agora, chefe?

— Agora, vamos efetuar uma pequena manobra diversionista. Olhe aqui a chave. Coloque-a na fechadura e fique a postos. Temos de sair às pressas e soldados desse calibre não podem ser enganados por muito tempo.

Smith tirou uma granada de mão da mochila. Foi até à janela do banheiro nos fundos, Tateando pelas paredes e olhou pela vidraça. Nada viu. Lembrou-se então de que as janelas dos banheiros costumam ter vidraças foscas. Com infinito cuidado, abriu a janela e depois, estendeu a cabeça para fora.

Ninguém atirou. Havia sem dúvida soldados armados e de prontidão, mas não estavam olhando na sua direção. Eram cinco e estavam espalhados num arco de círculo, talvez a quinze metros do portão de entrada, todos de armas em punho. Estão esperando que os coelhos saiam da toca, pensou Smith.

De muito maior interesse era o caminhão vazio a alguns metros da janela onde ele estava. Esperando que o caminhão fosse feito em linhas convencionais, Smith armou a granada, contou até três, jogou-a para baixo das rodas traseiras do caminhão e abaixou-se para ficar protegido pela parede do banheiro.

As duas explosões — da granada e do tanque de gasolina — foram quase simultâneas. Cacos da vidraça quebrada caíram na cabeça de Smith e os seus tímpanos chegaram a doer com o fragor da explosão e com a proximidade da onda de choque. Smith não tentou absolutamente verificar os danos que havia causado, menos pela urgente necessidade de sair dali do que pelo evidente fato de que os restos do caminhão lá fora estavam em chamas e se ele tivesse levantado a cabeça naquela janela cometeria um ato de suicídio.

De qualquer maneira, não o poderia fazer porque o fogo do caminhão já estava lambendo as paredes da estação. Smith saiu do banheiro de rastros.

Schaffer, que já estava com a porta entreaberta, voltou-se e perguntou: — Para as montanhas, chefe?

— Para as montanhas.

O outro lado da estação estava, deserto, como era de presumir. Os que não haviam corrido automaticamente para investigar a explosão deviam ter presumido que esta indicava alguma tentativa de fuga ou resistência daquele lado.

Correram pelos trilhos até chegarem aos amortecedores no fim da linha,, passaram por eles e continuaram a correr até chegarem

às últimas casas que galgavam a encosta no lado leste da aldeia. Pararam a fim de tomar fôlego e olharam para trás.

A estação estava em fogo. O incêndio ainda não estava muito violento, mas era evidente que não seria possível extingui-lo.

— Não vão ficar satisfeitos com isso — murmurou Schaffer.

— Também acho que não.

— O que eu quero dizer é que agora virão atrás de nós de verdade. Com tudo o que têm. Há dobermanns no castelo e, sem dúvida, no campo também. Basta que levem os bichos para a estação, deem-lhes a nossa bagagem para cheirar, deixando-os então dar volta à estação e farejar a nossa pista. Smith e Schaffer ficarão em pedaços. Vou-lhe dizer uma coisa, chefe: posso enfrentar todo o Alpenkorps sozinho, mas não quero saber de nada com dobermanns!

— Pensei que era de cavalos que você tinha medo.

— De cavalos, de cachorros, de tudo o que tenha quatro pés. Não daria de jeito nenhum para veterinário.

— Não se preocupe, que não ficaremos tempo suficiente para que os seus amigos de quatro pés venham aborrecer-nos.

— Tem certeza?

— Bem, em primeiro lugar o castelo — disse Smith, pacientemente. — Foi isso que viemos fazer, lembra-se?

— Claro que me lembro — disse ele olhando para a estação que ardia completamente, com chamas de dez metros de altura. — Por falar nisso, sabe que destruiu uma estação em perfeitas condições?

— Bem, como você mesmo disse, que é que tem isso? A estação não era nossa. Mas vamos. Temos uma vista a fazer e, depois disso, veremos a recepção que nos espera no Schloss Adler.

Mary Ellison estava nesse exato momento descobrindo qual era a recepção que a esperava no Schloss Adler. No seu caso, não seria muito agradável. Com Von Brauchitsch e Heidi ao lado dela, estava correndo os olhos pelo grande vestíbulo do castelo, de paredes de pedra, piso de grandes lajes de pedra e um teto de carvalho escuro, quando uma porta se abriu no fundo do vestíbulo e uma moça se dirigiu para onde estavam. Havia nela arrogância e uma áspera autoridade. Não se podia dizer que caminhava; marchava.

Mas Mary teve de reconhecer consigo mesma que era muito bonita, grande, loura, de olhos azuis e feições perfeitas. Poderia ser uma *pinup* para o Terceiro Reich. Naquele momento, os olhos azuis se mostravam frios.

— Boa noite, Anne Marie — disse Von Brauchitsch, com marcada falta de cordialidade na voz. — Esta é a nova empregada, *Fräulein* Maria Schenk.

Maria, esta é a secretária do Coronel, encarregada de todo o pessoal feminino.

— Demorou quanto quis para chegar aqui, não foi, Maria? — Se Anne Marie tinha voz suave e melodiosa, não se estava dando ao trabalho de usá-la. Voltou-se para Heidi e envolveu-a num olhar gelado. — Que veio fazer aqui? Só porque consinto que você sirva a mesa quando o Coronel tem visitas...

— Heidi é prima da moça — disse Brauchitsch, interrompendo-a bruscamente. — E ela teve a minha permissão. — Era inconfundível a fria insinuação de que ela devia limitar-se às suas atribuições.

Anne Maria encarou-o firmemente, mas não procurou contestar esse ponto. Poucas pessoas procurariam isso. Von Brauchitsch não era esse tipo de homem.

— Entre, Maria — disse Anne Marie, apontando uma porta ao lado. — Tenho de fazer-lhe algumas perguntas.

Mary olhou para Heidi e, depois, para Von Brauchitsch, que encolheu os ombros e disse: — Investigação de rotina, *Fräulein*. É necessário.

Mary passou à frente de Anne Marie e a porta foi firmemente fechada.

Heidi e Von Brauchitsch se entreolharam. Heidi franziu os lábios e a expressão que por um momento lhe passou pelo rosto foi semelhante à de Anne Marie. Von Brauchitsch mostrou, encolhendo os ombros e abrindo os braços, que nada podia fazer.

Dentro de meio minuto, a razão para o gesto de impotência de Von Brauchitsch se tornou clara. Ouviu-se atrás da porta, primeiro uma voz ríspida bem alta, um breve rumor de luta e um grito estridente de dor. Von Brauchitsch trocou outro olhar resignado com Heidi e logo se voltou, ouvindo passos pesados às suas costas. O

homem que se aproximava era corpulento, de meia idade e à paisana. Mas ainda que não estivesse fardado, não podia ser tomado senão como oficial do exército. O rosto gordo escanhado, o pescoço taurino, os cabelos cortados bem rente os penetrantes olhos azuis faziam dele quase uma caricatura do oficial de cavalaria prussiano de um regime de ulanos na Primeira Guerra Mundial. Não era de modo algum fossilizado como parecia a julgar pela maneira respeitosa com que Von Brauchitsch o cumprimentou.

— Boa noite, Coronel Kramer.

— Boa noite, Capitão. Boa noite, *Fräulein*, — disse ele com uma voz inesperadamente delicada e cortês. — Parece que estão com um ar de expectativa.

Antes que pudesse haver qualquer resposta, a porta se abriu e Anne Marie e Mary apareceram. Mary deu a impressão de ter sido empurrada.

Anne Marie estava um pouco vermelha e com a respiração difícil, mas, afora isso, continuava com todo o seu belo arianismo. O vestido de Mary estava em desordem e os cabelos desgrenhados. Era evidente que tinha chorado.

Tinha ainda lágrimas no rosto.

— Não teremos mais problemas com *ela*, — disse Anne Marie, com satisfação. Viu Kramer e a sua mudança de tom foi perceptível. — Entrevistando uma nova empregada, Coronel.

— E decerto na maneira competente que lhe é habitual, — disse o Coronel Kramer secamente. Sacudiu a cabeça. — Quando será que vai aprender que moças respeitáveis não gostam de ser revistadas à força, nem de ter a roupa de baixo examinada para ver se não foi feita em Picadilly ou na Rua Gorki.

— Obedeço aos regulamentos de segurança, — disse Anne Marie.

— Está bem, está bem, — disse bruscamente Kramer. — Mas há outros meios. — Voltou-se impacientemente. A contratação do pessoal feminino não era problema do Vice-Chefe do Serviço Secreto Alemão. Enquanto Heidi ajudava Mary a ajeitar as roupas, perguntou a Von Brauchitsch: — Um pouco de agitação na aldeia esta noite, não foi?

— Nada que nos interesse — disse Von Brauchitsch. —
Desertores.

Kramer sorriu.

— Foi isso o que mandei que Weissner dissesse. Mas creio que os nossos amigos são agentes ingleses.

— O quê?!

— Naturalmente à procura do General Carnaby — disse Kramer despreocupadamente. Mas fique descansado, Capitão. Já está tudo resolvido. Três deles vão ser interrogados dentro de uma hora. Gostaria de que estivesse presente. Creio que vai achar tudo muito divertido e... instrutivo.

— Três apenas, Coronel? Vi cinco serem presos no *Zum Wilden Hirsch*.

— Mas só há três agora — disse o Coronel Kramer. — Dois deles — o chefe e outro — estão no fundo do Blau See. Roubaram um carro e caíram de um penhasco.

Mary, que estava de costas para o homem e para Anne Marie, levantou um pouco o corpo e ficou imóvel, com o rosto contorcido. Anne Marie notou isso e se encaminhou para ela, mas Heidi segurou o braço de Mary e disse prontamente:

— Minha prima não se está sentindo bem. Posso levá-la para o quarto dela?

— Está bem — disse Anne Marie. — O quarto é o mesmo que você costuma usar quando vem aqui.

O quarto era modesto, monástico, com o chão coberto de linóleo, uma cama de ferro, unia mesinha, um armário e nada mais. Heidi fechou a porta depois que entraram.

— Ouviu? — perguntou Mary com o rosto tão sem vida quanto a sua voz.

— Ouvi, mas não acredito.

— Por que iriam eles mentir?

— Não estão mentindo não — disse Heidi com voz impaciente, quase ríspida. — Acreditam no que estão dizendo. Mas já é tempo de você deixar de amar e começar a usar a cabeça. O Major Smith não iria cair com um carro do alto de um penhasco.

— Falar é fácil, Heidi.

— Perder o ânimo, também. Acredito que ele está vivo. E se estiver e vier aqui e não encontrar você para ajudá-lo, sabe o que vai acontecer? Será morto. E morrerá porque você o abandonou. Quer mesmo abandoná-lo?

Mary sacudiu apaticamente a cabeça.

— Então vamos agir — disse Heidi. Meteu a mão por baixo da saia e depois por dentro da blusa e tirou sete objetos que colocou em cima da mesa.

— Pronto. Uma pistola Liliput 21, dois pentes sobressalentes, um rolo de barbante, um peso de chumbo, a planta do castelo e as instruções. — Foi até um canto do quarto, levantou uma tábua solta do assoalho, colocou os objetos lá dentro e repôs a tábua no lugar. — Estarão em segurança aí.

Mary olhou-a e mostrou o seu primeiro sinal de interesse.

— Você *sabia* que essa tábua estava solta — disse ela, lentamente.

— É claro que sabia. Fui eu mesma que a soltei há quinze dias.

— Já sabia desde então o que ia acontecer?

— Por que não? — disse Heidi, sorrindo. — Felicidades, prima.

Mary se atirou na cama e ficou dez minutos ali parada, depois da saída de Heidi. Em seguida, levantou-se cansadamente e foi até à janela. Estava voltada para o lado norte e Mary via a linha de torres do caminho aéreo, as luzes da aldeia e, mais além, as águas escuras do Blau See. Mas o que dominava toda a cena eram as chamas crepitantes e uma coluna de fumaça negra de um incêndio no fim da aldeia. Numa extensão de cem metros em torno, a noite se transformara em dia e, ainda que houvesse um corpo de bombeiro local, teria sido claramente impossível que se aproximassem do fogo. Quando o incêndio terminasse, estaria tudo reduzido a cinza. Mary pensou vagamente no que isso poderia significar.

Abriu a janela e inclinou-se para fora. Ainda que se sentisse bem deprimida, não tinha a menor vontade de inclinar-se demais. As muralhas do castelo e o paredão da coluna vulcânica desciam quase verticalmente cerca de cem metros. Teve um princípio de vertigem.

À esquerda, um carro aéreo partia da estação do castelo e começava a descer para o vale. Heidi ia nesse carro, encostada a uma janela parcialmente aberta e dava adeus na esperança de que Mary a visse, mas esta tinha os olhos cheios de lágrimas e não a podia ver. Fechou a janela, estendeu-se de novo na cama e ficou pensando em John Smith, querendo saber se estava vivo ou morto. E pensou na significação daquele incêndio lá embaixo no vale.

Smith e Schaffer contornaram os fundos das casas, lojas e *Weinstuben* no lado leste da rua, mantendo-se o mais possível dentro da escuridão. Smith compreendia que essas precauções eram quase supérfluas. O centro das atenções naquela hora era a estação em fogo e a rua nas imediações da mesma estava atravancada de soldados e curiosos. Devia ser um incêndio considerável, porque embora não pudessem ver diretamente o fogo, mas apenas o clarão vermelho que projetava no céu, ouviam claramente o crepitar das altas chamas. Como manobra diversionista, tinha sido um tremendo sucesso.

Chegaram a uma das poucas casas de pedra da aldeia. Era grande e parecia um depósito, tendo portas duplas nos fundos. O pátio dos fundos estava cheio de destroços de automóveis. Havia meia dúzia de carros velhos, alguns sem pneus, motores enferrujados, grande quantidade de peças e pedaços de carroçaria e uma pequena montanha de tambores vazios.

Passaram cuidadosamente por entre os destroços e chegaram à porta.

Schaffer usou as suas chaves e dentro em pouco estavam lá dentro.

Acenderam as lanternas. Um lado da garagem era ocupado por tornos e máquinas de várias espécies mas o resto do espaço era ocupado por veículos, alguns dos quais bem velhos. O que chamou imediatamente a atenção de Smith foi, porém, um grande ônibus amarelo. Era um ônibus tipicamente alpino com a traseira muito comprida para facilitar a passagem nas curvas das estradas da montanha, a tal ponto que as rodas traseiras ficavam quase no meio do carro. Como era também comum aos ônibus alpinos, tinha

um grande limpa-neve de aço preso em ângulo à frente do chassis. Smith olhou para Schaffer.

— Promissor, não acha?

— Se eu fosse bastante otimista para pensar que algum dia voltaremos a este lugar, poderia achar isso promissor — disse Schaffer. — Você sabia desse ônibus, não sabia?

— O que você pensa que eu sou? Adivinho? É claro que sabia.

Smith se sentou no lugar do motorista. As chaves estavam no carro.

Smith rodou a chave e verificou que o indicador de gasolina marcava meio tanque. Ligou os faróis e viu que estavam funcionando. Apertou o arranque e o motor pegou no mesmo instante. Smith desligou-o logo em seguida.

Schaffer a tudo olhava com interesse.

— Sabe que precisa de carteira para dirigir uma coisa dessa, chefe?

— Deve haver uma por aí. Deixe metade dos explosivos dentro do carro.

E ande depressa. Heidi já deve estar descendo do castelo.

Smith saltou, foi até às portas da frente, puxou os ferrolhos em cima e embaixo e tentou abrir as portas. Cederam um pouco e pararam.

— Cadeado — disse Smith, brevemente.

Schaffer olhou o compacto limpa-neve de aço na frente do carro e murmurou:

— Pobre cadeado.

Tinha parado de nevar, mas o vento oeste estava ainda mais forte. O frio era intenso. Massas de nuvens negras envoledas corriam pelo céu e todo o vale era alternadamente obscurecido pelas nuvens ou banhado pela luz da lua. No extremo da aldeia, o incêndio ainda ardia vigorosamente.

Um carro aéreo descia lentamente para o vale, já a menos de cem metros da estação. Sacudido pelo vento, balançava-se violentamente contra o céu da noite. Mas, nas proximidades da estação, o carro recobrou alguma estabilidade.

Heidi, que era a única passageira, desceu do carro. Como era natural, parecia um pouco pálida. Desceu os degraus da estação e, ao chegar embaixo, parou surpresa ao ouvir alguém assobiar os primeiros compassos de *Lorelei*. Virou-se e dirigiu-se para dois vultos vestidos inteiramente de branco que estavam encolhidos ao lado da estação.

— Eu sabia que o Major Smith não ia cair com um carro de um penhasco — disse ela calmamente. Em seguida, avançou impulsivamente e deu em cada homem um abraço e um beijo no rosto. — Mas fiquei um pouco preocupada.

— Continue a preocupar-se — disse Schaffer. — Mas não com ele.

Heidi estendeu a mão na direção do incêndio.

— Foram vocês que fizeram aquilo?

— Foi um erro — murmurou Smith.

— Sim, a mão dele escorregou — murmurou Schaffer.

— Vocês dois poderiam tentar fazer um número no teatro. Mary pensa que ambos morreram.

— Weissner não pensa assim. O carro que caiu no lago estava vazio e ele está a nossa procura.

— Não é de surpreender — disse Heidi. — Com esse incêndio que vocês arranjaram... Não é apenas Weissner que está à procura de você. Kramer sabe que vocês são agentes ingleses em busca do General Carnaby.

— Ora, ora, quem teria dito isso a Kramer? Deve ter sido alguém com um alcance de voz muito grande.

— Do que está falando?

— Nada. Não tem importância.

— Não tem importância? Mas eles sabem — ou saberão a qualquer instante — que vocês estão vivos. Sabem quem são vocês. E estão esperando lá em cima.

— Ah, mas você despreza as sutilezas, minha cara Heidi. O que eles não sabem é que estamos esperando que eles não esperem. — disse Schaffer.

— Está assobiando no escuro para ter coragem, Tenente — disse Heidi.

— E mais uma coisa: os amigos de vocês serão levados para o castelo a qualquer momento.

— Para interrogatório? — perguntou Smith.

— Não creio que seja para tomarem chá.

— Muito bem — disse ele. — Subiremos com eles.

— No mesmo carro? — perguntou Heidi, como se duvidasse de que Smith estivesse no seu juízo perfeito.

— Não dentro do carro, mas juntamente com o carro. Vá para o ônibus da garagem de Sulz. Estaremos lá, dentro de oitenta minutos. E mais uma coisa — leve duas caixas de garrafas de cerveja vazias.

— Duas caixas de cerveja? Vocês estão positivamente malucos!

— É uma opinião visível em todas as suas palavras e gestos.

Reze por nós, querida. E se não sabe rezar, faça uma figa nos dedos até doerem.

— Por favor, voltem. — disse ela, com uma ponta de emoção na voz.

Em seguida, afastou-se e Schaffer ficou olhando-a. — Lá vai a futura Madame Schaffer. Um pouco geniosa talvez, mas o engraçado é que pensei que estava quase chorando quando se despediu.

— Talvez você também ficasse um tanto emocionado se tivesse encarado o que ela enfrentou nos últimos dois anos e meio — disse Smith.

— Ela seria ainda mais se soubesse o que nós vamos fazer.

— Não tenho tempo de explicar tudo a todo o mundo — disse Smith.

— Tortuoso. É isso que você é, chefe. Tortuoso.

— É provável. Mas queria que eles andassem depressa.

— Escute, chefe. Quando voltarmos — se voltarmos — ela vai conosco?

— Ela quem?

— Heidi, é claro!

— Heidi, é claro. Se conseguirmos o que queremos, só podemos fazer isso por intermédio de Mary e desde que Mary foi apresentada por Heidi...

— Não é preciso dizer mais. Ela vai ser uma sensação no *grill* do Savoy — disse Schaffer, sonhadoramente.

6

Os segundos se arrastaram e formaram minutos. Estes se acumularam com torturante lentidão até que quase um quarto de hora tinha passado. E os dois esperavam. Era preciso. Não podiam chegar ao Schloss Adler sem companhia e a companhia estava tardando muito.

Esperavam em silêncio, cada qual entregue aos próprios pensamentos.

Smith não podia saber o que estava na cabeça de Schaffer, mas calculava que estivesse antecipando horas felizes no West End de Londres. Os pensamentos de Smith eram muito mais pragmáticos e incidiam exclusivamente sobre o futuro imediato. Estava seriamente preocupado com o intenso frio e da maneira por que isso afetaria as suas probabilidades de fazer intacto a viagem ao castelo. Por mais que batessem os pés e agitassem os braços, o frio entorpecedor fortalecia o seu domínio a cada instante.

Tinham necessidade para o que iam fazer da plenitude das suas forças físicas e das suas reações e aquele frio glacial estavam afetando tudo. Smith pensou vagamente se algum corretor de apostas aceitaria alguma coisa sobre as chances que tinham de chegar ao castelo, mas afastou o pensamento. Fossem quais fossem as probabilidades, não havia outro jeito e de qualquer maneira iriam logo saber: a companhia tão esperada estava chegando.

Dois carros de comando do Alpenkorps, o da frente com a sirena ligada e os faróis acesos, passou pela aldeia, enquanto a luz da lua se derramava sobre o vale. Smith e Schaffer se encolheram mais nas sombras do lado oeste da estação. Acharam altos demais os estalos metálicos produzidos quando destravaram as pistolas-metralhadoras Schmeissers.

Os motores foram desligados e os faróis se apagaram, enquanto os carros paravam diante da estação. Os que iam neles desembarcaram. Doze pessoas, contadas por Smith: um oficial, oito

guardas e mais Caracciola, Thomas e Christiansen. Os oito guardas estavam com as armas em posição de atirar, o que parecia uma precaução supérflua, pois os prisioneiros tinham as mãos algemadas nas costas. Por conseguinte, as armas não estavam ali para guardar os prisioneiros, mas para impedir qualquer tentativa de salvação dos mesmos da parte de Smith e Schaffer. Smith pensou que ele e Schaffer estavam adquirindo uma vasta reputação. Mas, de qualquer maneira, o espetáculo era tranquilizador. Se os alemães soubessem da verdadeira razão da presença de Smith na Baviera, saberiam também que poderiam levar os prisioneiros lá para cima até desarmados sem que nada acontecesse.

Quando o último homem entrou na estação, Smith tocou no braço de Schaffer. Guardaram as pistolas e subiram pelo teto inclinado e coberto de gelo da estação. Não sem dificuldade, mas em silêncio foram até à borda do telhado de onde emergia o carro aéreo na sua longa ascensão para o castelo.

Smith sabia que estavam terrivelmente expostos. Apesar das capas de neve, bastaria que alguém que passasse pela rua levantasse a vista para surpreendê-los. Felizmente, ninguém estava passando. O incêndio estava a çambarcando todas as atenções. E quando o carro aéreo começou a mover-se, a lua se escondeu entre as nuvens.

Esperaram sob tensão que a frente do carro aparecesse, deixaram passar o gancho de suspensão e então puseram as pernas para fora e deixaram cair o corpo até que os seus pés tocassem o teto do carro: Mary passou sem fazer ruído pelo corredor mal iluminado e calçado de lajes, contando as portas. Parou diante da quinta, colou o ouvido à mesma, baixou-se e olhou pelo buraco da fechadura. Depois, bateu e esperou. Não houve resposta e ela bateu de novo, com mais força e também sem resultado.

Girou a maçaneta e viu que a porta estava trancada. Tirou da pequena bolsa uma penca de chaves-mestras. Quando a porta se abriu, entrou rapidamente, fechou a porta e ligou a luz.

Era um quarto muito melhor do que o que lhe haviam dado, embora provido da mesma cama de ferro regulamentar. Era

atapetado e tinha duas poltronas, uma cadeira com um uniforme de primeiro-tenente, um grande armário e uma cômoda na qual se via um cinto, um revólver e um binóculo.

Mary levantou a vidraça inferior da janela e olhou para baixo. Viu que estava diretamente acima do telhado da estação do carro aéreo, a qual era quase a prumo e tinha a borda superior embutida nas muralhas do castelo.

Tirou da bolsa um rolo de barbante que tinha amarrado um pesado parafuso numa ponta e deixou-o em cima da cama. Depois, pegou o binóculo e tomou posição junto à janela. Tremendo ao cortante vento da noite, ajustou o foco do binóculo e procurou a linha do carro aéreo. Viu então o vulto quadrado quase no meio do caminho do vale para a torre central, sacudido violentamente pelo vento.

Smith e Schaffer estavam estendidos no teto, agarrando-se desesperadamente à base do gancho de sustentação, que era o único ponto de apoio possível no carro coberto de gelo. Com as sacudidas violentas do carro, a pura tensão física sobre as mãos, os braços e os ombros era muito pior do que Smith havia previsto. E aquilo não era nada em comparação com o que ainda estava para vir.

Schaffer virou a cabeça e olhou para baixo. Era um espetáculo vertiginoso e apavorante. Todo o vale embaixo parecia balançar-se num ângulo de quarenta e cinco graus. Num segundo, estava olhando para a fila de pinheiros que orlava a encosta ocidental do vale, depois todo o fundo do vale corria por baixo deles e segundos depois, estava olhando para os pinheiros da encosta oriental. Levantou a cabeça, mas a situação não melhorou. As luzes do Schloss Adler agitavam-se freneticamente no mesmo arco vertiginoso. Era como se estivesse numa combinação de montanha russa, chicote e roda gigante num parque de diversões, com a diferença de que no parque haveria cintos de segurança e outras precauções que eliminavam quase a possibilidade de perigo. Schaffer fechou os olhos, baixou a cabeça e não pôde deixar de dar um gemido.

— Ainda acha que o cavalo é o pior meio de transporte? — perguntou Smith.

— De jeito nenhum! Nunca mais vou reclamar quando em cima de uma sela. Oh, não!

Mais uma vez, a lua surgiu do meio das nuvens e banhou os dois homens com a sua luz pálida e fria, fazendo-os encolherem-se mais sobre o teto do carro.

No Schloss Adler, duas pessoas olhavam a lenta subida do carro aéreo, naquele momento bem iluminado pela lua. Pelo binóculo, Mary pôde enxergar distintamente dois homens estendidos no teto do carro. Quinze metros acima dela, uma sentinela que patrulhava os baluartes com o fuzil a tiracolo, parou um, instante e olhou o carro que subia. Mas não olhou por muito tempo. Embora calçado de botas, com as mãos enluvadas e as orelhas protegidas, tremia de frio. Tirou os olhos do carro e continuou a sua marcha, com indiferença.

Indiferença era coisa que não havia no teto do carro aéreo. Este se achava na última etapa da sua jornada, entre a última torre e a estação do castelo. Era o momento mais difícil. Smith pensou que talvez daí a um minuto estivessem despedaçados e sem vida nas pedras sessenta metros abaixo.

Voltou a cabeça para cima. A lua fria ainda deslizava por um espaço claro no céu mas aproximava-se rapidamente de outro novelo de nuvens. Os baluartes do castelo, com a estação na sua base, pareciam erguer-se quase verticalmente acima da sua cabeça. O carro subia tão a prumo nessa última parte da viagem que o paredão vulcânico estava a menos de quatro metros de distância. Seguiu-o com o olhar até chegar à base. Os guardas com os cães pareciam daquela distância menores que insetos.

— Fica muito bem nela, não acha? — perguntou de repente Schaffer. — Um lindo nome.

— Do que você está falando?

— Heidi.

— Deus do céu! O nome dela é Ethel.

— Não era preciso me dizer isso — murmurou Schaffer. Seguiu então o olhar de Smith para cima e exclamou: — Ih! Como vamos

subir por aquele telhado tão em pé?

— É nisso mesmo que estou pensando, — disse Smith. — Prepare sua faca e pelo amor de Deus, não vá deixá-la cair.

A lua se escondeu por trás das nuvens e o vale foi mergulhado na escuridão. Lenta e cuidadosamente, enquanto o carro se aproximava da estação, Smith e Schaffer recuaram um pouco para a plataforma do carro, ergueram-se rapidamente e agarraram o cabo enquanto procuravam firmar os pés no teto revestido de gelo e traiçoeiramente escorregadio. A frente do carro passou sob a borda do telhado da estação. Um momento depois, o gancho de suspensão se seguiu e Smith jogou-se para a frente e para cima, indo cair em cheio no telhado. Golpeou com toda a força com o braço direito e a faca foi-se cravar na madeira depois de romper o revestimento de gelo.

Menos de um segundo depois, Schaffer foi cair ao lado dele e a faca foi descida sobre o telhado quase ao mesmo tempo que ele.

Mas a faca de Schaffer se quebrou perto do cabo. As mãos tentaram agarrar-se desesperadamente a alguma coisa mas nada encontravam na superfície lisa do gelo. Schaffer arrancou a luva da mão esquerda com os dentes e segurou-se com as duas mãos com toda a força que tinha. Isso retardou um pouco a queda, mas não o suficiente. Procurou sem resultado firmar os pés e compreendeu que estava escorregando sem remédio e só iria parar setenta metros abaixo, nas pedras da base da coluna vulcânica.

Smith perdera um pouco o fôlego na queda. Alguns segundos passaram até que ele compreendesse que Schaffer não estava onde devia estar, ao lado dele no telhado. Voltou-se, viu o vulto branco do rosto de Schaffer contorcido de angústia ao mesmo tempo que as unhas procuravam loucamente agarrar-se ao gelo, com o corpo já chegando à borda do telhado e desceu a mão esquerda com tal velocidade e tal força que, mesmo naquelas circunstâncias, Schaffer gemeu de dor ao sentir a mão fechar-se sobre o seu pulso.

Durante alguns segundos, ficaram assim imóveis no telhado íngreme, com a vida de ambos dependendo da resistência da faca de Smith cravada no telhado. Em seguida, Schaffer, impelido pela

pressão dos dedos de Smith, rastejou pelo telhado acima. Trinta segundos depois, estava ao lado de Smith.

— Estou segurando uma faca e não uma picareta de gelo. Não pode resistir muito mais. Tem outra faca?

Schaffer sacudiu a cabeça. No momento, não podia falar.

— A lanterna?

Schaffer bateu com a cabeça e conseguiu com alguma dificuldade tirar a lanterna elétrica de dentro das roupas.

— Desatarraxe o fundo — disse Smith. — Jogue fora e as pilhas também.

Schaffer levou a mão esquerda para onde a direita estava agarrada por Smith, abriu a lanterna e deixou cair as pilhas. Em seguida, enterrou a lanterna profundamente no gelo. Moveu a mão direita e Smith relaxou a pressão. Schaffer ficou onde estava. Smith sorriu e disse: — Agora, tente me segurar.

Schaffer agarrou o pulso esquerdo de Smith. Cautelosamente a princípio, com a mão pronta a agarrar-se de novo, Smith tirou a mão do cabo da faca.

A lanterna de Schaffer continuou firme. Smith cavou então um buraco através do gelo e do teto da estação onde pudesse segurar-se com firmeza.

Passou a faca a Schaffer, desvencilhou-se da capa de neve, desfez algumas voltas da corda com nós que estava passada pela sua cintura e amarrou uma ponta no cinto de Schaffer. Perguntou então: — Com a faca e a lanterna, acha que vai conseguir?

— Se vou conseguir? — perguntou Schaffer experimentando a faca e a lanterna e sorrindo meio constrangido, mas pela primeira vez desde muito tempo. — Depois do que passei... Bem, já viu macaco subir em coqueiro?

Quinze metros acima deles, Mary afastou-se da janela e colocou o binóculo em cima da cômoda. As mãos lhe tremiam tanto que o metal do binóculo chocou-se com o tampo de vidro da cômoda como se fossem castanholas. Voltou à janela e começou a deixar cair o barbante com peso na ponta.

Smith venceu os últimos centímetros do telhado na ponta da corda, agarrou a mão de Schaffer, ficou de pé na parte plana do

centro do telhado e começou imediatamente a desenrolar da cintura a corda com nós. Schaffer, embora a temperatura estivesse muitos graus abaixo de zero, enxugou a testa como se estivesse numa onda de calor.

— Muito obrigado! Se algum dia precisar de dinheiro emprestado para o ônibus...

Smith sorriu, bateu-lhe no ombro e, estendendo a mão no escuro, pegou o barbante com o peso e prontamente amarrou a corda de nylon.

Deu dois pequenos puxões e Mary começou a puxar a corda pela janela.

Smith esperou até sentir os dois puxões de Mary, que indicavam que a corda estava bem segura e começou a subir.

Estava na metade do caminho para a janela quando a lua apareceu de novo. No seu uniforme do Alpenkorps, Smith estava perfeitamente silhuetado contra a brancura das muralhas do castelo. Ficou ali imóvel, sem se mover e sem sequer olhar para cima ou para baixo, com receio de que o movimento chamasse a atenção de algum inimigo.

Sete metros abaixo, Schaffer olhou cautelosamente sobre a borda do telhado da estação. Os guardas com os seus cães ainda estavam patrulhando a base da coluna vulcânica. Bastaria que um deles olhasse para cima e Smith seria inevitavelmente descoberto. Um sexto sentido fez então Schaffer olhar para cima. Ficou paralisado. A sentinela, fazendo outro circuito dos baluartes, estava com as mãos apoiadas no parapeito e olhando para o vale, talvez apreciando as chamas do incêndio. Se baixasse os olhos uma fração que fosse, tudo estaria perdido. Lentamente, com a mão direita, Schaffer puxou a Luger com o seu longo silenciador perfurado e colocou-a em posição, dentro do melhor estilo policial, sobre o pulso esquerdo. Não tinha dúvida de que poderia matar a sentinela com um só tiro. Só restava saber qual seria o melhor momento, fazendo um balanço das probabilidades. Se esperasse até o homem vê-los, ele poderia dar um grito de alarma ou recuar a fim de proteger-se antes que Schaffer tivesse tempo de atirar. Se atirasse no homem antes que ele os visse, não haveria possibilidade de

alarma ou de fuga. Mas o homem poderia cair para a frente sobre os baluartes, indo bater lá embaixo no vale, perto dos guardas e dos cães. Era uma possibilidade apenas, não uma probabilidade. O tiro da Luger deveria fazê-lo cair para trás. Schaffer nunca atirara a sangue-frio num homem que de nada suspeitava mas preparou-se para isso. Fez pontaria e começou a apertar o gatilho.

Nesse momento, a lua se escondeu atrás de uma nuvem.

Schaffer baixou a pistola e tornou a enxugar o suor da fronte. Tinha a impressão de que não seria a última vez naquela noite.

Smith chegou à janela, galgou o peitoril, deu dois puxões na corda como um sinal para que Schaffer começasse a subir e passou para dentro do quarto. Havia ali quase total escuridão e ele teve apenas tempo de tocar na cama de ferro que tinha sido levada para junto da janela a fim de dar firmeza à corda amarrada nela quando sentiu dois braços passados pelo seu pescoço e alguém começar a murmurar-lhe coisas incoerentes ao ouvido.

— Calma, calma — protestou Smith. Ainda estava sem fôlego da subida pela corda, mas ainda teve energia suficiente para beijá-la. — Procedimento pouco profissional. Mas não darei parte desta vez, menina.

Ela ainda estava agarrada a ele em silêncio quando o Tenente Schaffer apareceu, subindo cansadamente pelo peitoril e atirando-se na cama de ferro.

A respiração era difícil e ele tinha o ar de um homem que muito sofreu. — Por que não instalam elevadores aqui? — perguntou ele em voz entrecortada.

— Falta de treino — disse Smith.

Foi até à janela e acendeu a luz, mas apagou-a no mesmo instante. — Ih!

Trate de puxar a corda e fechar as cortinas.

— Era assim que os escravos eram tratados nas galerias romanas — murmurou Schaffer, mas em dez segundos havia puxado a corda e fechara as cortinas. Enquanto Smith fazia a cama voltar à sua posição primitiva, Schaffer guardou a corda no saco de lona, que continha ainda, além das capas de neve e das Schmeissers, algumas granadas de mão e um estoque de explosivos plásticos. No

momento em que ele estava amarrando a boca do saco, uma chave girou na fechadura.

Smith fez sinal a Mary para que ficasse onde estava e tomou posição prontamente atrás da porta. Schaffer, apesar de toda a exaustão que alegava, coseu-se ao chão atrás da cama com a rapidez e o silêncio de um gato. A porta foi aberta e um jovem tenente entrou no quarto. Estacou ao ver Mary, levando a mão à boca. O seu rosto mostrou espanto, um espanto logo depois seguido de um sorriso de prazer. Logo que ele passou além da porta, Smith desceu o braço e os olhos do jovem oficial se viraram.

Smith estudou a planta do castelo que Mary lhe entregara, enquanto Schaffer amarrava bem o tenente, amordaçava-o com esparadrapo e metia-o dentro do armário com os joelhos dobrados. Ainda por cima, encostou a cama na porta do armário.

— Estou pronto, chefe.

— Muito bem. Já me orientei. No andar de baixo, o salão dourado. Onde o Coronel Kramer faz a sua corte. Há até uma galeria. Depois, mais abaixo, segunda porta à esquerda. Mesa telefônica.

— Para quê? — perguntou Schaffer. — Já não cortamos todas as linhas?

— Menos a que liga o castelo ao quartel. Quer que chamem um regimento do Alpenkorps? Mary, o helicóptero ainda está aí?

— Estava quando eu cheguei.

— O helicóptero? — murmurou Schaffer.

— Sim. Poderão usá-lo para levar Carnaby daqui — nervosos com o fato de estarmos soltos — ou para bloquear a nossa retirada.

— Se conseguirmos nos retirar...

— Exatamente. Agora, Tenente Schaffer, é capaz de imobilizar um helicóptero? Sua ficha diz que você é um competente automobilista e mecânico, quando raspam o fundo da barrica e o convocaram.

— Apresentei-me como voluntário — disse Schaffer, ofendido. — Quanto à competência, não sei. Mas se me derem um martelo imobilizo qualquer coisa, de uma bicicleta a um tanque.

— E sem o martelo?

— Às vezes, posso dispensá-lo.

— Como é que podemos ver o helicóptero, Mary?

— Basta dar cinco passos no corredor aí fora. Todas as janelas dos corredores no Schloss Adler dão para o pátio.

Smith abriu a porta, olhou para cima e para baixo no corredor e foi até à janela em companhia de Schaffer.

As intermitências da lua não faziam qualquer diferença no estado de iluminação do Schloss Adler. Duas grandes lâmpadas de arco brilhavam perto dos portões de entrada, solidamente trancados. Havia outra no extremo oposto do pátio acima da porta que dava acesso ao castelo. À altura de três metros, havia outras lâmpadas colocadas nas muralhas do castelo. Muitas janelas estavam iluminadas. E ainda uma lâmpada de arco mais forte do que as outras estava pendurada de uma armação acima do helicóptero e sob a proteção de uma lona estendida. Smith tocou no braço de Schaffer e os dois voltaram ao quarto onde Mary estava esperando para abrir a porta e fechá-la logo que entrassem.

— A operação parece-me muito simples — disse Schaffer. — Vou até os portões, imobilizo os quatro homens da guarda, estrangulo os dobermanns, derrubo dois ou três sujeitos bem armados que patrulham tudo constantemente, liquido uns vinte soldados que estão bebendo numa espécie de cantina pelo caminho, dou um jeito no camarada que está trabalhando no motor e então imobilizo o helicóptero. Muito simples, não é?

— Descobriremos um meio, tenha calma — disse Smith.

— Você descobrirá — murmurou Schaffer. — É justamente disso que eu tenho receio.

— Não vamos precisar mais disso — disse Smith, entregando a planta a Mary e franzindo a testa quando ela abriu a bolsa para guardá-la. — A Liliput deve estar na sua pessoa e não na bolsa. Tome, — acrescentou, entregando-lhe a Mauser que tomara do Coronel Weissner. — Ponha isso na bolsa. Esconda a Liliput nas suas roupas.

— Farei isso quando for para o meu quarto — disse ela.

— Faz muito bem — disse Schaffer. — Aqui está um ianque que gosta de olhar. Ou melhor, gostava. Felizmente, sou agora um

homem mudado.

— Ele está olhando para coisas mais altas — disse Smith. Acrescentou olhando para o relógio: — Dê-nos trinta minutos.

Saíram cautelosamente pela porta e, depois, foram pelo corredor calmamente e cheios de confiança, sem fazer mais qualquer esforço de dissimular a sua presença. Smith balançava displicentemente na mão o saco com as Schmeissers, as granadas e os explosivos. Passaram por um soldado de óculos que levava nas mãos um maço de papéis e por uma moça com uma bandeja carregada e nenhum deles lhes deu a menor atenção. Viraram para a direita ao fim do corredor, chegaram a um lance de escadas circulares e desceram três andares até o nível do pátio. Depois de um largo corredor com portas dos dois lados, chegaram à porta principal que dava para o pátio.

Smith abriu a porta e olhou. A situação era como Schaffer a havia imaginado, apenas com muito mais guardas armados e cachorros do que bastariam para lhe tirar a paz de espírito. O mecânico de macacão ainda estava trabalhando no motor do helicóptero. Smith fechou tranquilamente a porta e voltou a atenção para a última porta à direita do corredor.

Experimentou-a e viu que estava trancada. Disse a Schaffer: — Fique vigiando o corredor lá no começo.

Quando Schaffer tomou posição, Smith tentou as suas chaves. A terceira serviu. Fez sinal a Schaffer para voltar.

Depois de entrarem e trancarem a porta, olharam a sala, iluminada pela luz que vinha do pátio. Era evidentemente o centro do combate ao fogo do castelo. Havia nas prateleiras muitos rolos de mangueiras, roupas de asbesto, capacetes e machados de bombeiros, extintores, bombas de mão etc.

— Ideal — murmurou Smith.

— Ideal para quê? — perguntou Schaffer.

— Se deixarmos alguém aqui, é provável que só venham a encontrá-lo em caso de incêndio. Certo? O camarada que está trabalhando no helicóptero é mais ou menos do seu tamanho, não acha?

— Não sei. E se estou certo a respeito daquilo em que você está pensando, não quero saber.

— Tem alguma ideia melhor?

— Dê-me tempo para pensar.

— Não posso dar-lhe o que nós não temos. Tire a túnica e fique com a Luger apontada para aquela porta. Não demoro.

Smith saiu, cerrando a porta mas sem trancá-la. Saiu no pátio, deu alguns passos e parou ao lado de uma pequena escada onde o homem estava trabalhando no motor do helicóptero. |

— É você o piloto? — perguntou Smith.

— O que acha? — disse rispidamente o homem de macacão. Largou uma chave-inglesa e disse de cara fechada: — Tenho em Tempelhof dois mecânicos para esta máquina. Um era lavrador na Suábia e o outro, aprendiz de ferreiro no Harz. Mas se quero ficar vivo, eu mesmo é que tenho que ser o mecânico. O que você quer?

— Eu não quero nada. É o Marechal do Reich Rosemeyer que o chama.

Ao telefone.

— O Marechal do Reich? Tem certeza? Não há ainda quinze minutos que falei com ele.

— Parece que é urgente. Ele acabou de falar com a Chancelaria em Berlim. O telefone é ali na primeira porta à direita.

Smith recuou um pouco enquanto o piloto descia e olhou displicentemente em torno. Um guarda com um Dobermann na correia estava a uns cinco metros de distância, mas não lhes dava a menor atenção.

Smith seguiu o piloto, agarrando displicentemente a sua Luger pelo cano.

Smith não havia pretendido derrubar o piloto com uma coronhada, mas não tinha outro recurso. Logo que o piloto passasse pela porta e visse a Luger de Schaffer apontada para ele, a sua primeira reação não seria de violência ou resistência, mas de gritar pedindo socorro. Schaffer agarrou-o quando ele ia caindo e baixou-o lentamente para o chão.

Tirou prontamente o macacão do homem desacordado, amarrou-o e amordaçou-o, deixando-o estendido num canto. O

macacão não dava muito bem para Schaffer, mas macacões raramente dão bem para qualquer pessoa.

Schaffer trocou de quepe com o piloto, puxou a pala bem para cima dos olhos e saiu.

Smith apagou a luz, foi até à janela, levantou devagar a persiana, abriu o basculante e se colocou de Luger em punho, um pouco afastado da janela para não ser visto do lado de fora. Schaffer já estava subindo a escadinha para o helicóptero. O guarda com o cachorro estava mais perto e batia os braços cruzados nos ombros numa tentativa de aquecer-se.

Meio minuto depois, Schaffer desceu a escadinha, carregando alguma coisa na mão. Chegou ao chão, levantou uma peça do equipamento para examiná-la mais de perto, fez uma cara de aborrecimento, levantou a mão direita num vago cumprimento de despedida ao guarda e se encaminhou para a porta que dava acesso ao castelo. Quando voltou ao depósito dos bombeiros, Smith havia descido a persiana e acendera a luz.

— Foi rápido — murmurou Smith!

— O medo dá asas, como dizem. Sempre sou ligeiro quando estou nervoso. Viu o tamanho dos dentes daquele monstro que estava babando lá fora? Pronto aqui — disse Schaffer, jogando a peça no chão e amassando-a com o calcanhar. — Tampa do distribuidor. Aposto que não vão encontrar outra na Baviera. Ao menos para aquele motor. E agora, com toda a certeza, você vai querer que eu faça o papel de telefonista.

— Não, não quero esgotar os seus recursos cênicos. O único papel que ainda quero que represente nesta noite é o do Tenente Schaffer, da OSS, (*) um americano inocente no exterior. (*) Seção de Serviços Estratégicos — serviço secreto militar americano na Segunda Guerra Mundial. (N. do T.)

— Não vai ser difícil — disse Schaffer, tirando o macacão e jogando-o em cima do piloto inconsciente. — E agora, a mesa telefônica.

— Daqui a pouco. Primeiro, quero ver o que é que está havendo com o velho Carnaby-Jones. Vamos olhar.

Dois andares acima e no centro do corredor Smith parou diante de uma porta. A um sinal dele, Schaffer estendeu a mão para um interruptor de luz.

Salvo uma leve claridade no outro extremo, o corredor estava às escuras.

Smith levou a mão à maçaneta e abriu cautelosamente a porta o suficiente para que os dois passassem.

O salão devia ter vinte metros por dez. O outro extremo estava profusamente iluminado por três grandes lustres. Em comparação, o ponto do salão onde Smith e Schaffer estavam mergulhava numa escuridão quase completa.

Estavam não ao nível do salão mas numa plataforma de cerca de três metros de altura. Era uma galeria para a orquestra e se estendia pelos dez metros daquele lado e se prolongava ainda em boa distância pelos dois lados do salão. Havia ali filas de bancos, um órgão, estantes para músicos. Do centro da galeria, uma escadaria com balaústres grotescamente esculpidos descia para o que era evidentemente o salão dourado.

O nome era bem dado, pensou Smith. Tudo era de ouro ou dourado. Em tudo por tudo, era um salão que só um rei louco da Baviera poderia ter concebido.

Três homens estavam sentados confortavelmente em torno de uma grande lareira, empenhados aparentemente numa discussão amistosa depois do jantar, tomando café e conhaque que lhes era servido de um carrinho inevitavelmente dourado por Anne Marie. Esta era uma decepção. Em lugar de um vestido de lamê dourado, usava uma longa túnica de seda branca que ia bem sem dúvida com o louro dos seus cabelos e o rosto queimado pelo sol da montanha.

Smith não conhecia o homem que estava de costas, mas quando reconheceu os outros dois, compreendeu que não podia ser o Coronel Paul Kramer, Vice-Chefe do Serviço Secreto Alemão, considerado pelo MI-6 o elemento mais brilhante do mesmo. Smith sabia que era aquele o homem que devia ser vigiado e temido. Dizia-se de Kramer que não cometia o mesmo erro duas vezes — e

ninguém se lembrava da ocasião em que ele cometera um erro pela primeira vez.

No momento, o Coronel Kramer se estava servindo de uma garrafa de conhaque ao seu lado e olhou primeiro para o homem à sua esquerda, que usava um uniforme de Marechal do Reich da Wehrmacht, e depois para um homem de aspecto distinto e cabelos grisalhos, que estava com o uniforme de general do exército dos Estados Unidos. Era difícil dizer qual dos dois usava mais medalhas.

Kramer saboreou o conhaque e disse:

— Está fazendo as coisas muito difíceis para nós, General Carnaby.

Muito difíceis de fato.

— As dificuldades são de sua autoria, meu caro Kramer — disse calmamente — e também do General Rosemeyer... Na realidade, não há dificuldade. — Voltou-se para Anne Marie e sorriu. — Gostaria de um pouco mais desse excelente conhaque, minha cara. Palavra que não temos nada de parecido no SHAEF.(*). Sem dúvida alguma, sabem viver neste reduto alpino.

(*). Supremo Quartel-General das Forças Expedicionárias Aliadas. (N. do T.)

Lá em cima, na escuridão da galeria, Schaffer deu uma cotovelada em Smith e perguntou num murmúrio indignado: — Por que é que estão tratando o velho Carnaby-Jones a conhaque? Por que é que ele não está sendo assado num espeto ou se debatendo com a escopolamina?

— Psiu! — A cotovelada de Smith tinha mais peso e autoridade do que a de Schaffer.

Jones agradeceu com um sorriso a Anne Marie que lhe servira mais conhaque, tomou um gole, deu um suspiro de satisfação e perguntou: — Ou será que esqueceu, General Rosemeyer, que a Alemanha assinou também a Convenção de Haia?

— Não esqueci — murmurou Rosemeyer, — e se tivesse liberdade de ação. Mas minhas mãos estão atadas, General. Recebo ordens de Berlim.

— Pode então dizer a Berlim a única coisa que têm o direito de querer saber é que eu sou o General George Carnaby, do Exército

dos Estados Unidos.

— E Coordenador dos Planos da Segunda Frente — disse Rosemeyer.

— Segunda Frente? — perguntou Jones com interesse.

— Que é isso?

Rosemeyer disse então com muita seriedade: — General, já fiz tudo o que podia. Deve dar-me crédito. Já faz trinta e seis horas que faço sustar a decisão de Berlim. Convenci ou tentei convencer o Alto Comando de que o simples fato da sua captura obrigaria os Aliados a alterarem todos os seus planos de invasão. Mas parece que isso não é bastante. Pela última vez, peço-lhe...

— General George Carnaby, do Exército dos Estados Unidos — disse Jones calmamente.

— Não esperava outra coisa, — confessou Rosemeyer.

— De que outra maneira poderia agir um general? Creio que o caso agora está nas mãos do Coronel Kramer...

Jones tomou mais um gole de conhaque e olhou Kramer pensativamente, dizendo: — O coronel não parece também muito entusiasmado com o caso.

— E não estou — disse Kramer. — Mas o caso não está mais em minhas mãos. Recebi também as minhas ordens. Anne Marie se encarregará do resto.

— Essa encantadora moça? — disse Jones, polidamente incrédulo. — Não creio que seja perita em tortura.

— É perita em dar injeções — disse Kramer. — Tem diploma de enfermeira. — Uma campainha tocou e Kramer atendeu num telefone ao seu lado. Alô? Ah, sim. Já foram revistados? Muito bem. Agora. — Desligou e voltou-se para Jones: — Vamos ter companhia, General, companhia aliás muito interessante. Pára-quadistas. Uma turma que veio salvá-lo. Vão ter decerto muito prazer em vê-los.

— Não posso perceber de que é que está falando — disse Jones displicentemente.

— Já sabemos quem vem aí — disse Smith a Schaffer.

— Sem dúvida, reataremos o nosso conhecimento dentro em pouco. Vamos.

— Não! Logo agora que vão começar a trabalhar com ele?

— Onde está o seu traquejo social, Tenente? São gente civilizada.

Primeiro, vão acabar o conhaque. Depois, cuidarão dele.

— Bem, já lhe disse muitas vezes que não entendo dessas coisas. Eu sou de Montana.

Os dois homens saíram tão calmamente quanto haviam chegado. Não havia ninguém no corredor e Smith acendeu a luz. Atravessaram o corredor, desceram um lance de escadas, viraram à esquerda e pararam diante de uma porta na qual estava escrito: *Telefon Zentrale*.

— A mesa telefônica — disse Schaffer.

Smith encostou o ouvido à porta, ajoelhou-se e espiou pelo buraco da fechadura. Enquanto ainda estava nessa posição, experimentou com muito cuidado a maçaneta. O barulho que pudesse ter feito foi dissimulado pelo som abafado de uma voz que falava ao telefone. A porta estava trancada e Smith levantou-se.

— A cambada está desconfiada — disse Schaffer. — As chaves-mestras.

— O telefonista nos ouviria. Vamos para a porta ao lado. A porta ao lado não estava trancada. A sala estava em completa escuridão e parecia estar vazia.

— *Moment, bitte!* — disse uma voz seca atrás deles. Smith e Schaffer se voltaram prontamente, mas não com demasiada rapidez. A poucos metros deles, estava um soldado de carabina em punho, girando os olhos com evidente desconfiança dos dois homens para o saco que Smith levava na mão. Smith olhou para o homem e levou imperiosamente o dedo aos lábios.

— *Dummkopf!* — exclamou ele num sussurro, os dentes cerrados.

— *Silenz! Engländer! (*) Silêncio! Ingleses!* (N. do T.)

Virou-se impacientemente e olhou atentamente pela porta parcialmente aberta. Levantou de novo imperiosamente a mão, pedindo silêncio. Alguns segundos depois, olhou significativamente para Schaffer e se moveu um pouco para o lado. Schaffer tomou posição do outro lado e olhou também para o corredor. Smith percebeu que a curiosidade estava tomando o lugar da

desconfiança no rosto do soldado. Schaffer murmurou: — E agora? O que vamos fazer?

— Não sei — respondeu Smith num sussurro preocupado. — O Coronel Kramer disse que queria os dois vivos, mas...

— Como? — perguntou o soldado, numa voz tão baixa quanto a deles. A menção do nome do Coronel Kramer havia dissipado as suspeitas que ainda lhe restavam. — De quem se trata?

— Ainda está aqui? — perguntou Smith, irritado. — Veja se os avista. Mas ande depressa!

O soldado, cheio de curiosidade e talvez de sonhos de uma promoção rápida, foi na ponta dos pés até à porta e olhou para o corredor. Duas coronhas de Luger, descendo ao mesmo tempo, dissiparam os sonhos de promoção que ele porventura tivesse. Foi empurrado para dentro da sala e, quando voltou a si, a porta estava fechada, a luz acesa e duas pistolas apontavam para a sua cabeça.

— Há silenciadores nestas pistolas — disse Smith. — Se não quiser ser herói, não haverá tiros. Morrer pela Pátria é uma coisa, morrer inutilmente e sem motivo é muito diferente. Não concorda?

O soldado olhou para eles, calculou as suas chances, aceitou o fato de que não tinha nenhuma e concordou. Schaffer pegou um pedaço de corda e disse:

— Está-se vendo que você não é idiota. Deite-se aí no chão com as mãos para trás.

A sala era pequena e cheia de prateleiras e arquivos de metal. Devia servir de arquivo. Não havia muito risco de aparecer alguém por ali e, de qualquer maneira, era um risco que tinham de correr. Depois que Schaffer amarrou e amordaçou o prisioneiro, guardou a Luger, Smith ajudou Schaffer a amarrar o homem em dois dos postes de metal que sustentavam as prateleiras, foi até à janela e abriu-a.

O vale ao norte estendia-se diante dele. As luzes da aldeia e os restos fumegantes da estação ferroviária eram visíveis através da neve que caía.

Smith olhou para a direita. A janela acesa da mesa telefônica estava bem perto. Dessa janela, um grosso cabo revestido de

chumbo e preso a um fio quase da mesma grossura descia pelas muralhas do castelo para a escuridão.

— É esse? — perguntou Schaffer, que se havia aproximado.

— É esse, sim. Vamos ver a corda.

Smith fez uma dupla laçada em torno das pernas, sentou-se no peitoril da janela e, virando-se, baixou o corpo até onde os braços deram, enquanto Schaffer, com a corda passada por uma das colunas das prateleiras, sustentava-lhe o peso. Smith soltou-se do peitoril da janela e foi descido por Schaffer até cerca de três metros. Empregando então a mão livre e os dois pés para afastar-se da parede, começou a balançar-se como um pêndulo diante da face do castelo, sendo ajudado nesse movimento por Schaffer, que imprimia maior impulso à corda em cima. No quinto balanço, Smith conseguiu agarrar o cabo revestido de chumbo e o fio. Enquanto Schaffer afrouxava a tensão na corda, Smith pegou o cabo com mais firmeza e subiu rapidamente para a janela. Tinha quase certeza de que o que tinha nas mãos era o cabo telefônico. Mas podia ser que não fosse e ele não queria arriscar-se a tentar cortar com a faca cabos elétricos de alta voltagem.

Olhou cautelosamente pela janela e viu que o telefonista estava conversando animadamente quase de costas para ele. Seguiu a direção do cabo e viu que o mesmo saía da mesa telefônica. Desceu um pouco, agarrou o cabo e o fio firmemente com a mão esquerda, colocou a ponta da faca entre o cabo e o fio e começou a usar a faca com uma serra. Uns dez a doze cortes foram suficientes.

Guardou a faca na bainha, içou-se de novo e voltou a olhar pela janela. O telefonista havia parado de falar e estava acionando nervosamente alavancas e pegas. Ao fim de algum tempo de tais esforços inúteis, olhou para a mesa e sacudiu a cabeça, cheio de espanto e confusão. Smith fez um sinal a Schaffer e se balançou de novo em face da parede do castelo, depois de largar o cabo.

Mary olhou o relógio pela décima vez em dez minutos, apagou o cigarro que tinha fumado nervosamente pela metade. Levantou-se, abriu a bolsa e verificou a trava de segurança da Mauser. Depois, fechou a bolsa e atravessou o quarto. Já ia rodar a maçaneta para sair quando bateram na porta. Hesitou, tentando pensar no que

devia fazer. Mas não houve tempo para mais nada. A porta se abriu e o sorridente Vou Brauchitsch apareceu.

— Ah, *Fräulein*, — disse ele, olhando para a bolsa. — Tive sorte. Cheguei a tempo de acompanhá-la aonde quiser ir.

— Não, o que eu ia fazer era coisa sem importância — disse ela, sorrindo. — Queria falar comigo, Capitão?

— Naturalmente!

— Sobre quê?

— Ora essa, sobre nada. Só para vê-la. É algum crime? A moça mais bonita que já apareceu aqui... Venha, vamos provar um pouco da hospitalidade bávara. Aceita um café?

— E meus deveres? — perguntou Mary, cheia de incerteza. — Tenho de falar com a secretária do Coronel...

— Não faz mal deixá-la esperar — disse Von Brauchitsch com marcada falta de cordialidade. — Nós dois temos muito que conversar.

— Temos mesmo? Sobre que, por exemplo?

— Dusseldorf.

— Dusseldorf?

— Também sou de lá, sabe?

— Também é de lá? — exclamou Mary, sorrindo. — Como o mundo é pequeno...

Saiu com Von Brauchitsch, admirada de que pudesse estar sorrindo quando sentia no íntimo um frio de sepulcro.

7

Pela segunda vez em quinze minutos, Smith e Schaffer pararam diante da porta da galeria do salão dourado, desligaram a luz do corredor e entraram. Dessa vez, porém, Smith estendeu a mão pela porta entreaberta e acendeu de novo a luz do corredor. Não esperava usar mais aquela porta naquela noite ou em outra qualquer noite e não tinha a menor vontade de que alguém desconfiasse da luz apagada. A sobrevivência era uma questão do exame infinitamente cuidadoso de todos os perigos possíveis, por mais remotas que parecessem as possibilidades.

O estoque de conhaque do Coronel Kramer estava tendo uma baixa sensível naquela noite. O Coronel, o Marechal Rosemeyer, Jones e Anne Marie tinham agora a companhia de mais três, Caracciola, Thomas e Christiansen. Os três não estavam mais algemados, nem sob guarda. Ao contrário, estavam sentados confortável e tranquilamente num grande sofá de lamê dourado, tendo nas mãos copos bem avantajados de conhaque. A própria Anne Marie tinha um copo na mão. Parecia que estavam festejando alguma coisa.

Kramer levantou o copo para os três homens sentados no sofá.

— À saúde, cavalheiros. — Voltou-se para Rosemeyer e acrescentou: — São três dos melhores da Europa.

— Creio que sejam necessários — disse o Marechal, sem dissimular o seu desgosto. — Ao menos, têm uma coragem indiscutível. À saúde, cavalheiros.

Jones ergueu o corpo na cadeira e jogou o seu copo na lareira. O copo se despedaçou e houve uma momentânea chama quando o conhaque se inflamou.

— É assim que eu bebo à saúde de duplos agentes! Schaffer murmurou ao ouvido de Smith:

— E você disse que ele não sabia representar! Mas é um grande ator!

— Nunca ninguém lhe pagou 25.000 dólares por dia.

— Ora, General, um copo do melhor vidro de Veneza — disse Kramer.

— Mas o gesto é compreensível. Não é agradável ver que os homens heróicos, que vieram salvá-lo, são afinal de contas uma coisa inteiramente diversa.

— Duplos agentes! — murmurou Jones, com asco. Kramer sorriu tolerantemente e se voltou para os três homens no sofá.

— E a viagem de volta? Tão bem organizada quanto a de vinda?

— Foi quase a única coisa que aquele camarada reservado nos disse — respondeu Caracciola. — Um bombardeiro Mosquito vem-nos apanhar em Salen, pequena aldeia ao norte de Frauenfeld, na Suíça. Há um pequeno campo de pouso civil perto de Salen.

Schaffer falou de novo ao ouvido de Smith.

— Que grande mentiroso que é você!

— Salen então — dizia Kramer. — Sabemos tudo a esse respeito. Os suíços são ótimos em fechar os olhos quando lhes convém. Mas por motivos próprios, achamos melhor não protestar demais. Estranhas coisas acontecem em Salen... Mas uma pequena mensagem a Londres para combinar a hora do avião. Depois, irão de helicóptero até à fronteira — será muito melhor do que ir a pé — uma jangada de borracha para a travessia do Reno e depois uma pequena caminhada. Estarão então de volta a Whitehall para comunicar a transferência do General Carnaby para Berlim.

— Voltar a Londres, Coronel? — perguntou Thomas. — Não é possível!

Com Smith e o ianque ainda à solta? Que acontecerá se eles descobrirem de fato o que está acontecendo? Que acontecerá se não forem capturados e conseguirem transmitir alguma mensagem para Londres...

— Por quem nos toma? — disse Kramer, com um sorriso cansado. — Estará comunicando também a infausta notícia da morte do seu chefe. Logo que encontramos aquele rádio ainda quente, colocamos em ação os cães do quartel. Smith foi o último homem que tocou naquele aparelho de rádio e deixou uma pista bem clara. Os cães a seguiram até a uma garagem e depois à estação no vale do *Luftseilbahn*.

— O carro aéreo? — perguntou Thomas sem acreditar.

— Sim, o carro aéreo. O Major Smith ou é inteiramente louco ou um homem muito perigoso — devo confessar que nada sei dele. E ali, ao pé da estação, os cães perderam completamente a pista. Os homens deram volta à estação com os cães e os levaram até dentro do carro aéreo. Mas os animais não encontraram mais a pista. Os nossos homens pareciam ter desaparecido no ar. Foi então que um dos homens teve a ideia de examinar o telhado da estação. Encontraram sinais inconfundíveis da passagem dos dois. Depois disso, era natural que se examinasse o teto do carro aéreo e sem dúvida...

— Quer dizer que estão aqui! — exclamou Christiansen.

— Mas daqui não sairão — disse Kramer, calmamente. — Fiquem descansados. Todas as saídas estão bloqueadas, inclusive a estação do carro aéreo. Reforçamos a guarda em todos os pontos e o resto está iniciando uma busca em todo o castelo, andar por andar.

Na escuridão da galeria, Smith e Schaffer se entreolharam.

— Não sei — murmurou Thomas. — Ele é um homem de muitos recursos...

— Daqui a quinze minutos estará em nosso poder, isso eu garanto — disse Kramer, olhando para o relógio. Em seguida, voltou-se para Jones. — Não é que eu esteja ansioso por isso, General, mas acho que já está na hora da sua medicação...

Jones olhou para Caracciola, Thomas e Christiansen e disse claramente: — Canalhas imundos!

— Isto é contra todos os meus princípios, General Carnaby — disse Rosemeyer contrafeito. — Se pudéssemos dispensar o uso da força...

— Princípios! Vocês todos me causam engulhos! — disse Jones, levantando-se. — Vão todos para o inferno! A Convenção de Haia! Princípios! Oficiais e cavalheiros do Terceiro Reich. O Reich de sangue!

Tirou a túnica, arregaçou a manga da camisa e tornou a sentar-se.

Houve um silêncio breve e desagradável. Por fim, Kramer fez um sinal a Anne Marie, que largou o copo de conhaque e saiu por uma

porta lateral. Era evidente que Anne Marie não estava sentindo qualquer constrangimento. O esboço de sorriso que tinha no rosto era o máximo de prazer antecipado que podia manifestar na presença de Rosemeyer e Kramer.

De novo Smith e Schaffer se entreolharam, mas já sabendo o que tinham de fazer. Levantaram-se com cuidado e, em silêncio, ajustaram as correias das Schmeissers até que os canos ficaram em posição horizontal e começaram a descer a escada bem separados e nas extremidades dos degraus para que estes não rangessem.

Já estavam no meio do caminho e começando a emergir da escuridão da galeria quando Anne Marie voltou ao salão. Carregava uma bandeja de aço inoxidável com um bico de álcool, uma ampola com um líquido incolor e uma seringa de injeção. Colocou a bandeja numa mesinha perto de Jones e quebrou a ponta da ampola.

Smith e Schaffer haviam chegado ao pé da escada e estavam avançando para o grupo reunido em torno da lareira. Podiam ser vistos por qualquer pessoa que voltasse a cabeça. Mas todos estavam com os olhos cravados no espetáculo que se desenrolava no salão, a observar com graus variáveis de fascinação voluntária ou involuntária Anne Marie encher cuidadosamente a seringa e levantá-la para a luz a fim de examiná-la. Smith e Schaffer continuavam a avançar, com os passos amortecidos pelo espesso tapete dourado.

Cuidadosa e profissionalmente, mas ainda com um traço de sorriso no rosto, Anne Marie passou um algodão embebido em álcool no antebraço de Jones e depois, enquanto os espectadores levavam inconscientemente o corpo à frente nos lugares onde estavam sentados, pegou o pulso de Jones com uma mão e a seringa na outra. A agulha ficou suspensa enquanto ela procurava a veia que queria.

— Não desperdice a sua escopolamina, minha cara, — disse Smith. — Não conseguirá nada dele.

Houve um silêncio petrificado e incrédulo que durou um momento. Em seguida, a seringa caiu ao chão sem fazer barulho e todos se voltaram para olhar os dois homens que avançavam, com os fuzis a moverem-se lentamente de um lado para outro. Como

era de prever, o primeiro a recuperar-se e reagir foi o Coronel Kramer. Quase imperceptivelmente, começou a estender a mão para um botão ao lado de sua cadeira.

— Esse botão, Coronel... — murmurou Smith.

A mão de Kramer se afastou do botão.

— Mas, por outro lado, — continuou Smith cordialmente, — por que não? Pode tocar, se quiser.

Kramer olhou-o com a testa franzida e um ar de confusa suspeita.

— Deve ter notado, Coronel, — continuou Smith, como se estivesse dando uma explicação, — que a minha arma não está apontada para o senhor. Está apontada para ele — virou o cano para Caracciola — para ele — moveu a arma para Thomas — para ele — e apontou para Christiansen — e também para ele! — Voltou-se rapidamente e encostou o cano da Schmeisser nas costelas de Schaffer. — Largue essa arma! Já!

— Largar a arma? — exclamou Schaffer, confuso e consternado. — Não compreendo...

Smith deu um rápido passo à frente, levantou a Schmeisser e golpeou com a coroinha o estômago de Schaffer. Schaffer gemeu de dor, dobrou-se todo com as mãos no estômago e, segundos depois, começou a levantar o corpo lentamente, evidentemente sentindo muita dor. Olhando desvairadamente para Smith, tirou do ombro a bandoleira da Schmeisser e deixou a arma cair no tapete.

— Sente-se ali — disse-lhe Smith, apontando com o cano da arma uma poltrona entre a de Rosemeyer e o sofá.

— Traidor imundo, miserável, — murmurou Schaffer.

— É o que todos dizem. Não está sendo nem original. Sente-se, Schaffer.

— Nem que eu tenha de esperar até fazer cem anos...

— Se você viver cem anos, não fará nada — disse Smith com desprezo. — Não passa de um idiota e ainda assim de segunda classe. — Sentou-se muito à vontade numa cadeira ao lado do Coronel Kramer e explicou, sorrindo: — Um americano simplório. Só o trouxe para um pouco de cor local.

— Está bem — disse Kramer, num tom de quem não estava achando nada bem. — Se pudéssemos ter uma explicação...

Smith fez um gesto em que pedia silêncio. — Tudo a seu tempo, meu caro Kramer. Tudo a seu tempo. Como eu estava dizendo, gentil Anne Marie...

— Como sabia que o nome dela era Anne Marie? — perguntou Kramer.

Smith sorriu enigmaticamente, não tomou conhecimento da pergunta e continuou: — Como eu estava dizendo, você ia desperdiçar a escopolamina. O resultado da injeção revelaria apenas que aquele cavalheiro ali não é absolutamente o General George Carnaby, coordenador dos planos da Segunda Frente, mas um certo Cartwright Jones, um ator americano que está recebendo precisamente 25.000 dólares para fazer o papel do General Carnaby. — Olhou para Jones e inclinou a cabeça. — Meus parabéns, Sr. Jones. O seu desempenho foi magnífico. É uma pena que tenha de passar o resto da guerra num campo de concentração.

Kramer e Rosemeyer levantaram-se e os outros se inclinaram para a frente no jornal. Havia em todos os rostos uma expressão quase idêntica de incredulidade. Se Cartwright Jones tivesse sido o primeiro visitante da terra vindo do espaço exterior, não seria objeto da mais incrédula consternação.

— Ora, ora, — disse Smith com interesse. — Surpresa geral, hem? — Bateu no ombro de Kramer e disse, apontando Caracciola, Thomas e Christiansen. — Não acha estranho, Kramer? Estão tão espantados quanto o senhor.

— É verdade o que ele diz? — perguntou Rosemeyer a Jones. — Nega ou confirma?

Numa voz que não era mais que um sussurro Jones disse: — Como... como... Quem é o senhor afinal de contas?

— Um estranho na noite — disse Smith, com um gesto displicente. — Vim cair aqui de passagem, vamos dizer. Talvez os Aliados o deixem receber os vinte e cinco mil dólares depois da guerra, mas eu, se fosse você, não contaria muito com isso. Se as leis internacionais permitem fuzilar um soldado inimigo capturado à paisana, devem permitir também o contrário. — Estendeu a mão e

olidamente disfarçou um bocejo. — E agora, Anne Marie, se eu pudesse — com a sua permissão, meu caro Kramer — beber um gole desse excelente conhaque Napoleon... Viajar no teto de um bondinho aéreo não faz bem à circulação.

A moça hesitou, olhou para Kramer e Rosemeyer e não viu neles nem acordo, nem desacordo. Encolheu os ombros. Serviu um copo e entregou-o a Smith, que cheirou o *bouquet* com um gesto de aprovação, tomou um gole e voltou a inclinar a cabeça para Jones.

— Meus parabéns. Vê-se que é um conhecedor. — Tomou outro gole, virou-se para Kramer e disse com tristeza: — É uma pena ter gasto uma bebida tão boa com inimigo do Terceiro Reich.

— Não acredite nele, Coronel Kramer! — gritou Caracciola desvairadamente. — Está blefando! Ele só quer...

Smith apontou a arma para Caracciola e disse calmamente : — Fique calado, miserável traidor, ou eu o farei calar-se antes do tempo. Você terá sua chance e nós veremos então quem está blefando. — Baixou a Schmeisser para os joelhos e disse cansadamente: — Coronel Kramer, não posso ao mesmo tempo falar e vigiar essa trinca repulsiva. Tem alguma pessoa para guardá-los, um homem em quem possa confiar e que não fale nada depois?

Tomou mais um gole de conhaque e não deu a menor atenção aos olhares rancorosos dos quatro antigos companheiros. Kramer olhou-o durante algum tempo e, depois, pegou o telefone.

A sala de armas — transformada em *Kaffeestube* — do Schloss Adler era no estilo do resto do castelo, parecendo saída de um sonho ou de um pesadelo medieval, de acordo com o gosto pessoal de cada um. Era uma grande sala de lambris escuro e piso de lajes, com enormes traves lavradas a machado e enegrecidas pela fumaça no alto e tendo pelas paredes armaduras e armas de todas as espécies enferrujadas e antigas e dezenas de brasões pintados, alguns dos quais podiam ser genuínos. Compartimentos abertos com mesas marginavam as paredes e no centro havia uma meia dúzia de mesas de refeitórios conventuais com tampo de mármore, flanqueadas por sólidos bancos de carvalho. Os candeeiros de querosene, suspensos do teto por correntes de ferro, estavam com

a luz bem baixa, dando ao ambiente um ar de intimidade ou de ameaça, conforme a disposição que cada qual tinha ao entrar. Não havia dúvida no espírito de Mary quanto à sua disposição.

Voltou o olhar para uma meia dúzia de homens pesadamente armados que iam saindo e olhou relutantemente para o homem sentado ao lado dela no compartimento do canto.

— O que foi que eu disse? — perguntou Von Brauchitsch expansivamente. — Café para combinar com o ambiente.

Mary pensou que cicuta combinaria muito mais. Perguntou : — O que aqueles homens querem? Parecem que estão procurando alguém.

— Não pense neles. Só tem de pensar agora em Von Brauchitsch.

— Mas falou com eles. O que eles querem?

— Dizem que há espões no castelo! — disse Von Brauchitsch, rindo. — Imagine! Espões no Schloss Adler, QG da Gestapo! Só se forem feiticeiras que chegaram montadas em vassouras. O comandante militar parece uma velha. Sonha com espões no mínimo uma vez por semana. O que eu estava dizendo sobre Dusseldorf? Ah, o seu café já acabou. Desculpe, *Fräulein*. Mais um pouco?

— Não. Tenho de ir.

— Ir para onde? — disse Von Brauchitsch, pegando-lhe a mão. — Não se tem para onde ir no Schloss Adler. — Virou-se para o balcão e pediu: — Mais café. Com *Schnapps* desta vez.

Nesse momento, Mary olhou para o relógio e uma expressão momentânea de desespero lhe passou pelo rosto. Mas quando Von Brauchitsch voltou a olhá-la, ela estava sorrindo e disse: — Estava falando de Dusseldorf...

O grupo no salão dourado estava aumentado pela presença de um sargento alto, de rosto frio e olhos duros que empunhava um fuzil nas mãos fortes e capazes. Estava atrás do sofá onde Caracciola, Thomas e Christiansen se sentavam e lhes dava toda a atenção, com olhares frequentes.

— Um arranjo muito mais civilizado — disse Smith. Levantou-se, deixando a Schmeisser no chão, foi até à garrafa de conhaque no

aparador, serviu-se de outro copo e foi até à lareira, descansando o copo no console.

— Isso só vai no tomar alguns minutos — disse ele em voz calma e sinistra. — Anne Marie, vá buscar mais três ampolas de escopolamina com as seringas.

— Coronel Kramer! — gritou Caracciola desesperadamente. — Isso é um absurdo! Vai permitir...

— Guarda! — disse Smith asperamente. — Se esse homem falar de novo, faça-o calar-se!

O guarda bateu com o cano do fuzil não muito delicadamente nas costas de Caracciola.

— Por quem tomam o Marechal do Reich Rosemeyer e o Coronel Kramer? — perguntou Smith. — Por idiotas crédulos ou crianças ingênuas? Por imbecis como vocês, que pensaram em ter êxito com essa farsa cretina? A escopolamina será usada depois que eu tiver provado a minha boa-fé e provado a má-fé de vocês. Anne Marie?

A moça saiu sorridente. Não era todas as noites que tinha oportunidade de aplicar três injeções de escopolamina. De repente, parou e voltou-se, ao ouvir Smith chamá-la de novo.

— Um momento, *Fräulein*. Não se esqueça também de trazer três blocos para tomar notas.

— Três? — exclamou Kramer, com os olhos vigilantes. — Três cápsulas e três blocos? Mas nos deu a impressão de que havia quatro inimigos do Reich aqui.

— Só há três inimigos que importam. O americano? — murmurou com uma ponta de desprezo que bem mostrava o conceito que fazia do americano. — Ele talvez não saiba nem que dia da semana é hoje.

Tirou um charuto de uma caixa de madeira incrustada, acendeu-o e tomou mais um gole de conhaque.

— É justo que eu estabeleça antes a minha posição. Primeiro, as alegações e depois as provas em bom estilo judiciário. Para começar, por que pedi um guarda e larguei a minha arma ali no chão? É claro que queria aumentar as circunstâncias adversas. Em segundo lugar, por que não matei o Coronel Weissner e os seus

homens quando os tive à minha mercê nesta noite — isto é, dado que eu seja um inimigo do Reich.

— Para dizer a verdade, tive algum trabalho para conter ali o jovem americano que se queria constituir sozinho num pelotão de fuzilamento.

— Vou dizer por que não o matou — exclamou Caracciola.

— Sabia que os tiros seriam ouvidos!

Smith deu um suspiro, meteu a mão dentro da túnica, tirou uma pistola e atirou. O som do impacto da bala no estofamento do sofá a poucos centímetros dos ombros de Caracciola cobriu por completo o leve ruído da automática. Jogou depois a Luger numa cadeira ao lado e disse: — Não sabia que eu tinha isso, sabia? Não matei o Coronel Weissner porque alemão não mata alemão.

— Você é alemão? — perguntou Kramer, com os olhos ainda vigilantes, mas talvez um pouco menos neutros.

— Johann Schmidt, às suas ordens — disse ele, com uma inclinação de cabeça e uma batida de calcanhares. — Capitão Johann Schmidt, da Guarda Negra.

— Da Renânia, a julgar pelo sotaque?

— Heidelberg.

— Também sou de Heidelberg.

— É mesmo? — perguntou Smith com interesse. — Devemos ter então um amigo comum.

Um olhar distante apareceu por um momento no rosto de Kramer e ele murmurou: — As colunas de Carlos Magno...

— E a fonte do pátio do velho Friedrichsbau — disse Smith nostálgicamente. — Mas vamos adiante, Coronel. Por que simulei o desastre com o carro? Porque sabia que esses três impostores não se atreveriam a agir ostensivamente enquanto não pensassem que eu estava morto. De qualquer maneira, se eu era o impostor, por que me daria ao trabalho de vir até aqui sabendo que tudo estava perdido? E vir para quê? Para tentar salvar outro impostor? — disse ele, olhando para Jones.

Kramer disse pensativamente: — Estou começando a ficar ansioso por saber o que os nossos três amigos têm para dizer.

— Pois vai saber agora mesmo o que eu tenho para dizer — exclamou Christiansen, levantando-se impulsivamente, cheio de raiva e pouco se importando com a arma do guarda. — Ele o está enganando, Coronel, está enganando a todos. É um mentiroso completo e quem acredita nele é um idiota completo. Só disse mentiras, do princípio ao fim.

— Basta! — gritou Kramer. — Condenam-se com as próprias palavras. Todas as declarações até agora feitas por esse oficial são indiscutivelmente verdadeiras. Sargento Hartmann, acha que pode fazer esses homens se calarem, se falarem de novo, sem silenciá-los permanentemente?

Hartmann tirou da túnica um pequeno cassetete de couro trançado e passou sua correia pelo pulso.

— Posso, sim *Herr* Coronel.

— Muito bem. Continue, Capitão Schmidt.

— Obrigado. Ainda não tinha acabado — disse Smith com vontade de servir-se de mais conhaque, para festejar a ajuda que lhe dera Christiansen, mostrando sem querer a falha na blindagem de Kramer, a vaidade intelectual ferida, o orgulho profissional lacerado de um homem brilhante que via exposta a sua capacidade de ser enganado por aqueles que já o haviam enganado. — Pelas mesmas excelentes razões — continuou Smith, — isto é, que eles não começariam a agir abertamente se soubessem que eu estava aqui — cheguei no bondinho aéreo e vivo. Por falar nisso, Kramer, já lhe ocorreu que é impossível entrar no Schloss Adler do telhado da estação sem a ajuda de uma corda e de alguém aqui dentro?

— Diabo! — exclamou Kramer, sentindo a sua confiança terrivelmente abalada, logo depois da acusação de Christiansen, com mais essa prova da sua falibilidade. — Não havia pensado...

— Von Brauchitsch — disse Smith calmamente. — Recebeu ordens diretamente de Berlim. — Saiu de junto da lareira e postou-se diante dos três espiões. — Digam-me uma coisa: como eu sabia que Jones era um impostor e vocês não sabiam? E se eu não sou o que alego ser, o que estou fazendo aqui? Podem-me explicar isso?

Os três homens o olharam em penoso silêncio.

— Talvez eles expliquem — disse Kramer pesadamente, olhando os três homens com um olhar parado em que havia mais ameaça do que em qualquer demonstração de cólera. — Capitão Schmidt, para mim chega.

— Ainda não.

— Não exijo mais.

— Prometi-lhe provas. Coronel. Só fiz até agora alegações. Vou dar agora uma prova para satisfazer o Vice-Chefe do Serviço Secreto Alemão. Será uma prova dividida em três partes. Sim ou não, por favor, Coronel. Sabe ou não sabe o nome do nosso principal elemento na Inglaterra? — Kramer fez um sinal afirmativo. — Vou então perguntar a eles.

Os três homens olharam uns para os outros e olharam para Smith em silêncio. Thomas passou a língua pelos lábios secos, o que não passou despercebido a Kramer. Smith tirou um caderninho vermelho do bolso da túnica, escreveu alguma coisa na página do centro, que arrancou do caderno.

Entregou o papel a Kramer, que o olhou e bateu com a cabeça. Smith tomou o papel dele e, encaminhando-se para a lareira, queimou-o.

— Muito bem — disse em seguida. — Aqui no Schloss Adler existe o mais possante transmissor de rádio da Europa Central...

— Parece singularmente bem informado, Capitão Schmidt — disse contrafeito o Coronel Kramer.

— Smith. Vivo como Smith. Respiro como Smith. Sou Smith. Tenha a bondade de mandar fazer uma ligação radiotelefônica para o QG do Marechal Kesselring no norte da Itália. Mande chamar o chefe do Serviço Secreto Militar.

— O amigo comum a que se referiu? — perguntou Kramer.

— Um velho colega na Universidade de Heidelberg. Coronel Wilhelm Wilner. Aliás Willi-Willi — disse Smith, sorrindo.

— Sabe disso? Então não será necessário telefonar.

— O Almirante Canaris seria de opinião que o telefonema deve ser dado.

— Conhece meu chefe também? — perguntou Kramer com voz ainda mais branda.

— A vaidade me faria responder afirmativamente, mas a modéstia e a verdade me obrigam a dizer o contrário. Trabalho apenas para ele.

— Estou convencido, Coronel, mais do que convencido — disse Rosemeyer. — Mas faça o que ele pede.

Kramer pegou o telefone interno e deu as suas ordens à sala de rádio.

Depois, esperou pacientemente. Smith sentou-se numa poltrona, com o copo de conhaque numa mão e o charuto na outra, numa atitude de tranquila confiança. Se Schaffer e os três homens no sofá tinham a mesma confiança, não pareciam absolutamente demonstrá-lo. Atrás deles, o guarda observava-os, evidentemente ansioso por mostrar a sua perícia com o cassetete. Se Rosemeyer ou Jones estavam pensando alguma coisa, esses pensamentos não transpareciam na superfície. Anne Marie, não sabendo ao certo o que estava acontecendo, andava em torno, ainda com o sorriso de antecipação no rosto. Mas ninguém falou uma só vez durante aquela longa e aparentemente interminável espera.

O telefone tocou.

Kramer atendeu e depois de algumas palavras preliminares, provavelmente com os operadores, disse: — Como vai, Coronel Wilhelm Wilner, meu caro amigo Willi-Willi? Temos aqui um agente que alega conhecê-lo. Um tal Capitão John Smith. Por acaso... Ah! Conhece? Muito bem! Pode descrevê-lo?

Escutou atentamente, ao mesmo tempo em que olhava para Smith. De repente, fez um sinal a Smith, que se levantou de onde estava e se aproximou dele.

— Sua mão esquerda — disse Kramer a Smith, voltando a falar pelo telefone. — Sim, não tem a ponta do dedo mínimo... e o braço direito tem o quê? — Smith arregaçou a manga direita sem que Kramer mandasse. — Sim, duas cicatrizes paralelas, afastadas três centímetros uma da outra... Como assim? Para dizer que ele é um traidor?

— E diga que ele é um renegado — disse Smith, rindo.

— E ele diz que você é um renegado. Como, Chambertin? Sim, sim, muito obrigado. Adeus, amigo velho.

— Gostamos muito de vinhos franceses — disse Smith à guisa de explicação depois que Kramer desligou.

— Nosso principal agente duplo no Mediterrâneo — disse Kramer com admiração. — E eu nem tinha conhecimento da sua existência.

— Talvez por isso ele seja o que é — disse Rosemeyer.

— Tenho tido sorte apenas — disse Smith, acrescentando: — Então, minhas credenciais?

— Impecáveis — disse Kramer. — Impecáveis.

— Muito bem — disse Smith. — Agora, vejamos as credenciais dos nossos amigos. Como sabe, Christiansen, Thomas e Caracciola — isto é, os verdadeiros Christiansen, Thomas e Caracciola — ao mesmo tempo em que trabalhavam para...

— O que está dizendo? — perguntou Christiansen iradamente, levantando-se. — O verdadeiro Christiansen...

Revirou os olhos quando o cassetete de Hartmann o atingiu no pé do ouvido e o fez desabar no chão.

— Ele foi avisado — disse secamente Kramer. — Bateu com muita força, Hartmann?

— Não. Vai ficar desacordado dois minutos apenas.

— Muito bem. Pode prosseguir sem interrupções, meu caro Schmidt.

— Smith. Como eu estava dizendo, os nossos verdadeiros agentes ao mesmo tempo em que trabalhavam para a contraespionagem inglesa, conseguiram realizar uma profunda infiltração do Serviço Secreto Alemão na rede de espionagem inglesa na França e nos Países Baixos e estabeleceram ainda uma excelente cadeia de espiões na Inglaterra, uma cadeia muito boa, como o sabe o Almirante Canaris.

— Não é meu território — disse Kramer. — Mas é claro que sei.

— Levantem-se, impostores — disse Smith, friamente, — e vão se sentar ali naquela mesa. Sargento, ajude aquele ali a levantar-se. Parece que está voltando a si.

Com os rostos perplexos e sem compreender, Caracciola e Thomas se dirigiram para a mesa e se sentaram. Pouco depois, Christiansen, ainda trêmulo, sentou-se ao lado deles. O sargento

ficou por perto para ver se ele não caía da cadeira e, depois, recuou três passos e apontou de novo o fuzil para os três.

Do outro lado da mesa, Smith atirou para os três homens os blocos que Anne Marie fora buscar. Tirou então do bolso o seu caderninho vermelho e colocou-o numa mesa ao lado de Kramer.

— Se eles são o que alegam, meu caro Kramer, é lógico esperar que possam escrever nomes e endereços ou contatos dos nossos agentes na Inglaterra e dos agentes ingleses que foram suplantados no continente pelos nossos homens. Depois, poderá comparar a lista deles com a verdadeira, que está aqui no meu caderno.

— De fato — disse Kramer, — será uma prova decisiva. Mas escute, Capitão, não acha que carregar essa lista de agentes contraria todas as regras de segurança que temos de observar?

— De fato, mas as regras podem ser quebradas pelas pessoa que as estabelecem. Eu não me atreveria a agir assim sem a autoridade dele. O Almirante Walter Canaris deve estar neste momento no seu gabinete em Berlim. Ligue para ele.

— Claro que não vou fazer isso — disse Kramer, sorrindo. Voltou-se para os três homens sentados à mesa. — Então? Não ouviram?

— Há alguma coisa muito errada em tudo isso... — murmurou Caracciola.

— E há na verdade — disse Kramer.

— Não duvido das credenciais de Smith — disse Caracciola quase angustiado. — Mas há um erro...

— E vocês é que o cometeram — disse Smith secamente.

— Escrevam — ordenou Kramer. — Sargento Hartmann.

O sargento Hartmann se aproximou com o cassetete de couro trançado na mão. Os três homens baixaram a cabeça e começaram a escrever.

8

A sala de armas estava quase deserta. Pouco antes, dois sargentos haviam entrado, passaram por entre as mesas e levaram uns dez homens recalcitrantes para serviço não especificado. Mary não precisava pensar muito para saber que serviço era esse. Olhou disfarçadamente para o relógio talvez pela vigésima vez, passou a mão cansadamente pela testa, levantou-se e sorriu pàlidamente para Von Brauchitsch.

— Sinto muito, Capitão. Tenho de ir. Estou estalando de dor de cabeça.

— Eu é que sinto, minha cara Maria. Devia ter-me dito antes. Não está com bom aspecto. Fez uma jornada exaustiva da Renânia até aqui e depois eu a fiz beber todo esse *schnapps*...

— Acho que não estou habituada. Mas ficarei melhor se me deitar um pouco...

— É claro. Vou levá-la até seu quarto.

— Não! — exclamou ela, mas logo compreendeu que havia falado com excessiva veemência e acrescentou: — Não se incomode, que não é preciso. Basta que eu me deite um pouco.

— O Capitão Von Brauchitsch é que sabe — disse ele, rindo. — Eu insisto. Vamos.

Tomou-lhe protetoramente o braço e saiu com ela da sala de armas.

Percorreram assim de braço dado o corredor que levava à parte central do castelo. Estava completamente deserto, ao contrário do que acontecera quando iam para o café e Mary comentou o fato.

— É por causa das feiticeiras com suas vassouras — disse Von Brauchitsch, rindo. — O comandante ainda não pegou nenhuma, mas com mais alguns anos nas costas talvez o consiga. Todos aqueles pobre diabos que foram arrebanhados no café devem estar agora olhando em todos os cantos até nos paus de bandeira pois

nunca se sabe onde é que os espiões podem-se esconder hoje em dia.

— Julga então que não há possibilidade de que encontrem alguém?

— Sou oficial da Gestapo. Fui adestrado e sou pago para usar a cabeça, sem me deixar levar pela imaginação. — Calou-se de repente, olhou por uma janela do pátio e disse: — É muito estranho!

— O que é estranho?

— O helicóptero ali. Os regulamentos do Alto Comando estabelecem que os helicópteros devem ser mantidos a todo o momento em estado de utilização instantânea. Mas aquele está com parte do motor desarmada e uma lona estendida sobre ele. Não parece em estado de utilização instantânea, não é mesmo?

— Bem, os helicópteros devem precisar de vez em quando de reparos, como qualquer outra máquina — murmurou Mary, sentindo a garganta seca e desejando que Von Brauchitsch não estivesse tão perto dela que poderia sentir-lhe o coração a pulsar aceleradamente. — O que há de estranho nisso?

— O que há de estranho é que o helicóptero está assim desde que passamos por aqui há meia hora. Já ouviu falar de um piloto pessoal de um Marechal-do-Ar capaz de deixar assim o seu serviço pela metade?

— Talvez tenha entrado para consertar alguma peça ou talvez não aguentasse mais o frio que faz esta noite — disse Mary, rindo.

— Parece que estou ficando tão obcecado quanto o velho comandante com sua caça às bruxas. Está vendo à sua frente, minha cara Maria, um terrível exemplo de como é perigoso exercer por muito tempo a minha profissão. A explicação óbvia é óbvia demais para espíritos vivos e ágeis como o seu. Tenho de me lembrar disso ainda esta noite.

— Vai por em ação esse seu grande espírito ainda hoje? — perguntou ela num tom amistoso de troça.

— Aí dentro — disse Von Brauchitsch, apontando uma porta pela qual passavam. Aí no salão dourado. Daqui a vinte minutos. Como o tempo correu depressa na sua encantadora companhia, *Fräulein*.

— Bondade sua. Tem algum encontro marcado? — perguntou ela, com o coração a bater de novo descompassadamente.

— Uma noite de música. Até a Gestapo tem o seu lado amável. Vamos ouvir um rouxinol cantar. — Apressou o passo. — Desculpe, *Fräulein*, mas agora me lembrei de que tenho um ou dois relatórios para preparar.

— Sinto muito que o tenha afastado do seu trabalho, Capitão — disse ela com um sorriso. Ao mesmo tempo, pensava nervosamente em quanto ele saberia, de quanto suspeitaria, que ação havia resolvido subitamente empreender. Um homem da Gestapo não se lembra de repente do trabalho que tem para fazer porque em primeiro lugar, nunca o esquece. — Foi muito gentil comigo.

— O prazer foi todo meu — disse Von Brauchitsch, parando diante da porta do quarto dela. — Boa noite, minha cara Maria. É realmente encantadora.

— Muito obrigada, Capitão. Boa noite.

— Devemos conhecer-nos mais — disse Von Brauchitsch em despedida.

Abriu a porta do quarto, cumprimentou-a com a cabeça, beijou-lhe a mão, encostou a porta depois que ela entrou e pensou: "Sim, devemos conhecer-nos mais, minha cara Maria. Mais, muito mais".

Caracciola, Thomas e Christiansen escreviam furiosamente curvados sobre os seus blocos. Ao menos, os dois primeiros escreviam. Christiansen ainda não se recuperara por completo da pancada que levara e escrevia com dificuldade. Kramer, que estava a alguma distância conversando em voz baixa com Smith, olhava-os com curiosidade e uma ponta de inquietação.

— Parecem estar muito inspirados — murmurou ele, — A perspectiva da morte sempre desata os pensamentos — disse Smith.

— Como assim, Capitão Schmidt?

— Smith. Daqui a quinze minutos, estarão mortos. Sabem disso e estão lutando desesperadamente por mais alguns minutos de vida. Quando resta tão pouco tempo de vida como acontece com ele, um minuto a mais é uma vitória arrancada da eternidade. Pode

ser também a última parada do jogador arruinado. Chame isso como quiser.

— Está ficando lírico, Capitão. Mas confesso que estou perturbado. O que há no fundo de tudo isso?

— A simplicidade do verdadeiro gênio, meu caro Kramer. Do Almirante Rolland, chefe do MI-6. Não se iluda que ele é um gênio mesmo.

— Está bem, é um gênio disse Rolland. — E daí?

— Caracciola, Thomas e Christiansen foram capturados há três semanas. Como sabe, trabalhavam principalmente no noroeste da Europa e não eram conhecidos aqui.

— Mas de reputação, eram.

— Só de reputação. O Almirante Rolland calculou que se três homens bem preparados fizessem o papel dos três agentes capturados e fossem despachados para cá por uma razão perfeitamente plausível, seriam considerados *persona gratae*, sendo recebidos como hóspedes de honra e completamente aceitos pelo senhor. Depois disso, poderiam agir no Schloss Adler com perfeita liberdade e segurança.

— Para quê?

— Não percebe então? — perguntou Smith com impaciência. — Rolland sabia que se o General Carnaby ou aquele impostor que está fazendo o papel do General Carnaby fosse capturado aqui, um elemento de igual importância do Exército Alemão seria chamado para interrogá-lo. E o Chefe do Estado-Maior da Wehrmacht, o Marechal-do-Ar Julius Rosemeyer, seria tão precioso para os Aliados, quanto o General Carnaby poderia ser para nós.

— O Marechal! — exclamou Kramer, atônito. — Iriam raptá-lo!

— Aqueles seus preciosos agentes de confiança. E poderiam ter êxito!

— Mas isso é diabólico!

— Não acha mesmo?

Kramer levantou-se abruptamente e foi sentar-se numa cadeira ao lado de Rosemeyer. Conversaram durante cerca de dois minutos em voz baixa, olhando de vez em quando para ele. Smith via que era quase só Kramer quem falava. Rosemeyer mostrava no rosto as

suas reações de confusão, espanto e indignação, como num livro aberto. Depois de alguns segundos de silêncio, os dois homens se levantaram e marcharam para onde Smith estava.

O Marechal estava um pouco mais pálido do que de costume e, quando falou, era fácil perceber o tremor em sua voz.

— O que acabo de saber é incrível, Capitão Smith — disse ele. — Mas compreendo que é a única explicação que cobre todos os fatos. É muito desagradável ser a chave principal de um enigma. Por isso mesmo, sou-lhe eternamente grato, Capitão Smith.

— A Alemanha lhe será eternamente grata pelo serviço que lhe prestou — disse Kramer. — Não esqueceremos isso e tenho certeza de que o Fuhrer vai distingui-lo com sua estima.

— É muita bondade dos senhores — murmurou Smith. — O cumprimento do dever é prêmio suficiente. Talvez o nosso Fuhrer me conceda duas ou três semanas de licença. Da maneira pela qual me sinto esta noite era o que me poderia acontecer de melhor. Mas, com licença, a minha tarefa ainda não está concluída.

Foi para junto da mesa onde os três homens escreviam e começou a passear em torno deles, com o copo de conhaque na mão. De vez em quando, olhava para um dos cadernos e esboçava um sorriso, cuja significação não passava despercebida a ninguém, salvo aos três homens que escreviam.

— Vamos acabar logo com isso! — exclamou Rosemeyer com impaciência.

— Por favor, Marechal, deixe-nos levar isso até o fim.

— Tem as suas razões?

— Claro que tenho.

Com rapidez, mas sem pressa, Von Brauchitsch se afastou da porta do quarto de Mary, com os seus passos ecoando no corredor lajeado. Mas quando dobrou o corredor e não pôde mais ser visto, começou a correr.

Chegou ao pátio e correu para o helicóptero. Não havia ninguém ali.

Subiu a escadinha e olhou para dentro da cabina. Desceu e chamou o guarda mais próximo, que puxava um Dobermann pela correia.

— Viu o piloto? — perguntou Von Brauchitsch.

— Não, *Herr Major*, — respondeu o guarda, que tinha verdadeiro pavor da Gestapo. — Há muito tempo que não o vejo.

— O que você chama de muito tempo?

— Não sei bem. Talvez meia hora, talvez três quartos de hora, *Herr Major*.

— Diabo! — praguejou Von Brauchitsch. — É um bocado de tempo. Escute, quando o piloto está fazendo reparos, há algum lugar aqui perto que ele use como oficina?

— Claro que sim — disse o guarda, satisfeito de poder dar uma informação positiva. — Aquela porta ali, *Herr Major*. O antigo depósito de cereais.

— Está lá agora?

— Isso eu não sei, *Herr Major*.

— Pois devia saber — disse Von Brauchitsch friamente. — É seu dever ficar de olhos abertos. Bem, não fique aí parado! Vá ver se ele está lá!

O guarda se afastou, enquanto Von Brauchitsch atravessou o pátio e foi interrogar os guardas do portão, três jovens e eficientes homens das tropas de assalto que, ao contrário do velho guarda, prestavam atenção a tudo.

Recebeu deles a mesma resposta negativa. Voltou ao helicóptero e falou com o velho guarda que voltava.

— Não há ninguém lá, *Herr Major*.

— Era de esperar — disse Von Brauchitsch, que, em seguida, bateu no ombro do guarda. — Sei que a culpa não é sua. Continue a patrulhar tudo.

Dirigiu-se então para a porta de acesso ao castelo, tirando do bolso uma penca de chaves-mestras. Acertou em cheio na primeira porta que abriu. O piloto estava lá, ainda inconsciente, com a tampa do distribuidor amassada ao lado dele e coberto por um macacão que explicava suficientemente como a peça tinha sido tirada sem que ele soubesse. Von Brauchitsch cortou as cordas que amarravam o piloto, tirou-lhe a mordaca e deixou-o estendido no chão, sem se dar ao trabalho de fechar a porta. Sempre passava

muita gente por ali e, mais cedo ou mais tarde, apareceria alguém para socorrer o piloto.

Subiu depois ao corredor onde ficavam os quartos, passou pela porta do quarto de Mary e parou diante da quinta porta depois dela. Abriu com a chave-mestra e acendeu a luz. Levantou a vidraça e viu que toda a neve tinha sido removida do peitoril da janela. Esticou a cabeça para fora, acendeu uma lanterna elétrica. O telhado da estação quinze metros abaixo e as marcas eos rastros na neve explicavam tudo.

Olhou depois para dentro do quarto e viu que a cama estava encostada ao armário. Puxou a cama e viu a porta do armário abrir-se, ao mesmo tempo em que uma pessoa amarrada e amordaçada rolava lá de dentro. Não teve um só gesto de surpresa. Aquilo era inteiramente previsível. Desamarrou o homem, tirou-lhe a mordaca e saiu. Havia assuntos mais urgentes para resolver do que fazer alguma pergunta ao tenente quanto recobrasse a consciência.

Parou diante da porta de Mary, colou o ouvido à porta e escutou. Não havia o menor ruído lá dentro. Espiou pelo buraco da fechadura. Não havia luz. Bateu. Ninguém respondeu. Usou suas chaves e entrou. Mary não estava.

— Muito bem — murmurou Von Brauchitsch. — Isso está ficando muito interessante.

— Acabaram? — perguntou Smith. Thomas bateu com a cabeça. Christiansen e Caracciola arregalaram os olhos, mas era evidente que os três tinham acabado. Smith recolheu os blocos em cima da mesa e levou-os para a mesinha ao lado de Kramer.

— A hora da verdade — disse Smith. — Creio que basta examinar um dos blocos.

Kramer apanhou o bloco que estava em cima e começou a ler. Smith levantou-se e foi servir-se de mais conhaque no aparador. Tomou um gole, voltou para perto de Kramer e perguntou: — Basta?

Kramer fez um sinal afirmativo.

— Compare então com o meu original.

— Como diz, é a hora da verdade — murmurou Kramer, pegando o caderninho vermelho. Abriu a primeira página e viu que estava

em branco. A segunda também, a terceira... Com as sobrancelhas arqueadas de espanto, voltou os olhos para Smith, que estava a três passos do sargento.

Nesse momento, o copo de conhaque caiu ao chão, ao mesmo tempo em que Smith dava uma violenta cutilada com a mão direita no pescoço do Sargento Hartmann. Este caiu como se tivesse sido esmagado por uma pedra. Os copos do aparador tilintaram com a vibração de sua queda.

O momento de completa incompreensão de Kramer se desvaneceu. A amarga tristeza da compreensão total lhe inundou o rosto. Estendeu a mão para o botão de alarma.

— Não! Não toque nisso, rapaz!

A cutilada que derrubara o sargento não fora mais violenta do que o era o tom de voz de Schaffer. Estava estendido a fio comprido no chão para onde mergulhara, a fim de pegar a Schmeisser caída, que estava naquele momento apontada para Kramer. Pela segunda vez naquela noite, Kramer afastou a mão do botão da campainha.

Smith apanhou o fuzil do sargento, atravessou o salão e trocou-o por sua Luger com silencioso. Schaffer, com a arma ainda apontada para Kramer, levantou-se e disse com indignação a Smith: — Sou então um idiota de segunda classe, um americano simplório? Foi o que você disse. Não sei nem qual é o dia da semana, hein?

— Foi tudo o que pude pensar no momento.

— Está bem. Mas precisava me bater de maneira tão realista?

— Cor local, rapaz. Do que se está queixando? Não deu resultado? — Smith foi até à mesa de Kramer e pegou os três blocos, guardando-os no bolso da túnica e dizendo a Schaffer: — Um pelo outro, não esqueceram nada... Bem, está na hora de ir saindo. Pronto, Sr. Jones?

— Depressa — disse Schaffer. — Temos de tomar o bonde, isto é, o bondinho aéreo.

— Agora, vou criar minhas galinhas no subúrbio — murmurou Jones. — Representar foi coisa que eu nunca soube.

— É só isso o que quer? — perguntou Kramer, de novo frio, calmo, profissional. — Esses blocos? Só esses blocos?

— Quase que só isso. Uma bela lista de nomes e endereços. Coisa que o MI-6 vai adorar.

— Compreendo. Quer dizer que esses homens são mesmo o que alegam?

— Estão sob suspeita há muitas semanas. Informações secretas de valor inestimável estavam sendo transmitidas e só nos chegavam informações falsas e totalmente sem valor. Levamos dois meses para descobrir as falhas e os canais de informações falsas justamente em um ou mais dos departamentos onde trabalhavam esses homens. Mas sabíamos que não podíamos provar coisa alguma contra eles. Não sabíamos nem se o traidor era um só ou mais de um, nem de quem se tratava. E de qualquer maneira, apurar isso sem saber quais eram seus contatos no país e no estrangeiro seria quase inútil. Em vista disso, elaboramos tudo isso.

— Elaboramos? A ideia foi toda sua, Capitão Smith — disse Rosemeyer.

— Bem, que importância tem isso?

— De fato, não tem nenhuma. Mas diga-me: quando o Coronel Kramer lhe perguntou se eram os blocos tudo o que queria, respondeu: "Quase que só isso". Quis indicar com isso que havia mais alguma coisa. Será sua intenção matar dois coelhos de uma só cajadada, por exemplo, convidando-me a acompanhá-lo?

— Se pode acreditar numa coisa dessa — disse Smith sem muita delicadeza, — não merece mais empunhar seu bastão de marechal. Não tenho a menor intenção de amarrá-lo de pés e mãos e carregá-lo nos ombros através dos Alpes. A única maneira pela qual poderia levá-lo seria sob a mira de uma pistola e receio muito que o senhor seja um homem de honra para quem a própria pele vem muito depois da lealdade à pátria. Se eu apontasse esta arma para o senhor e o ameaçasse de ir conosco pois do contrário seria metralhado, ninguém aqui duvida de que o senhor continuaria sentado. Temos, portanto, de nos separar.

— É tão lisonjeiro quanto lógico. Gostaria de que isso me houvesse ocorrido de maneira tão categórica quando estávamos discutindo o assunto alguns minutos atrás.

— Para mim foi melhor que isso não lhe tivesse ocorrido.

— Mas... o Coronel Wilner? — disse Kramer. O Chefe do Serviço Secreto do Marechal Kesselring? Não creio que ele...

— Fique descansado. Willi-Willi não está em nossa folha de pagamento. Acredita que o que disse é a pura expressão da verdade. Acredita mesmo que eu seja o maior agente duplo da Itália. Há quase dois anos forneço a ele informações falsas, inúteis ou antiquadas. Diga-lhe isso, sim?

— Uma espécie de agente triplo, compreende? — disse Schaffer. — É melhor do que duplo.

— E Heidelberg? perguntou Kramer.

— Estudei dois anos na Universidade. Cortesia do *Foreign Office*.

— Ainda não compreendo... — murmurou Kramer, sacudindo a cabeça.

— Desculpe, mas vamos indo.

— De fato, está na hora — disse Schaffer. — Leiam o resto nas minhas memórias.

Nesse momento, a porta se abriu. Mary apareceu de Mauser em punho. Baixou o braço com um suspiro de alívio.

— Demorou para chegar aqui, não? — perguntou Smith com severidade. — Estávamos começando a ficar preocupados.

— Desculpe. Não pude vir mais cedo. Von Brauchitsch...

— Não tem importância, moça. Schaffer estava aqui.

— A nova empregada que chegou hoje! — exclamou Kramer. — A prima daquela moça...

— Exatamente — disse Smith. — Ela tem me ajudado a satisfazer Willi-Willi há muito tempo. Foi ela que nos abriu a porta esta noite...

— Não quero apressá-lo, chefe, — disse Schaffer, — mas...

— Já vamos — disse Smith, sorrindo para Rosemeyer. — Tinha razão, não eram só os blocos que eu queria. Quero também companhia, mas não a sua, Marechal. Quero comigo gente que tem amor à pele e não tem honra de espécie alguma. Vocês três aí — disse ele, apontando para Caracciola, Thomas e Christiansen. — Levantem-se, vocês vêm conosco.

— Para que vai levá-los para a Inglaterra? — perguntou Schaffer, incredulamente. — Para quê?

— Para serem julgados pelo crime de traição. Não faz parte das minhas funções servir de carrasco público... Só Deus sabe quantos milhares de vidas foram sacrificadas por culpa deles, sem contar Torrance-Smythe e o Sargento Harrod. Nunca saberei ao certo, Caracciola, mas creio que o cérebro de tudo foi você. Foi você que matou Harrod lá nas montanhas. Se você pegasse aquele livro de código poderia destroçar nossa rede no sul da Alemanha. Seria alguma coisa, pois nossa rede aqui nunca foi infiltrada. O livro de código foi uma armadilha que não deu certo... E você matou Smythe. Você deixou o bar poucos minutos depois de mim e ele o seguiu. Mas não podia esperar que um homem...

— Larguem essas armas — disse Von Brauchitsch com voz calma, fria e imperiosa.

Ninguém o vira abrir furtivamente a porta. Estava a um metro de Mary, com uma pequena automática na mão direita. Smith rodou nos calcanhares com a Luger apontada para a porta, mas hesitou uma fração de segundo fatal porque Mary estava diretamente na sua linha de fogo para Von Brauchitsch. Este, em marcado contraste com o seu cavalheirismo anterior, encarou a situação realisticamente e não teve tais inibições. Atirou e a bala passou pela manga do vestido de Mary pouco acima do cotovelo. Smith deu um grito de dor e apertou a mão ferida, ao mesmo tempo que a Luger voava pelos ares. Mary tentou virar-se, mas Von Brauchitsch foi muito rápido e era muito forte. Deu um salto para frente, agarrou-a pelo braço e torceu-o, até que ela gemeu de dor e deixou a Mauser cair, abrindo os dedos. Durante todo esse tempo, Von Brauchitsch não deixou um só momento de olhar para todos no salão e de apontar a automática.

Schaffer deixou cair a arma.

— Não devia ter feito isso... — disse Von Brauchitsch a Smith. — Foi uma tolice... Mas, nas suas condições, eu teria feito a mesma tolice. — Olhou para Kramer e disse: — Desculpe a demora, *Herr* Coronel. Mas notei que esta moça aqui estava muito ansiosa e inquieta. E depois, conhece pouco Dusseldorf, a cidade onde diz que nasceu. E que mão encantadora, mas com pulsações muito variáveis...

— Não compreendo bem o que está dizendo — disse Kramer, — mas estou muito contente de que tenha aparecido. Meu Deus! Mais um minuto... — Levantou-se, olhando prudentemente para não obstruir a linha de fogo de Von Brauchitsch e revistou Schaffer. Depois, fez o mesmo com Smith, ofereceu-lhe um lenço para estancar o sangue, depois olhou para Mary e hesitou. — Quanto a ela não sei mas... Anne Marie?

— Pronto, *Herr* Coronel. Será um prazer. Ela já me conhece e sabe dos meus métodos. — Com o sorriso mais perverso que poderia ter uma bela ariana, aproximou-se de Mary e atingiu-a violentamente com a mão aberta no rosto. Mary deu um grito de dor e recuou até a parede, enquanto um filete de sangue lhe corria do canto da boca.

— É preciso isso, Anne Marie? — perguntou Kramer com protesto e aversão.

— Sei como se lida com espiãs baratas como esta! Mas pelo que vejo não gostam de me ver obter resultados. Entre ali!

Pegou Mary pelos cabelos, puxou-a para uma porta lateral, abriu-a e a empurrou rudemente para dentro. Ouviu-se o baque do corpo de Mary no chão e seu grito de dor. Anne Marie fechou a porta. Durante dez segundos mais ou menos, ouviram-se sons de pancadas e gritos abafados de dor. Von Brauchitsch fez sinal a Schaffer e a Smith para recuarem, sentou-se na beira de uma das poltronas, escutou o barulho da luta e disse a Kramer: — Creio que a moça teria preferido ser revistada por mim.

— Às vezes, Anne Marie deixa-se levar pelo entusiasmo — murmurou Kramer com a boca franzida de desgosto.

— Às vezes? — disse Von Brauchitsch. — Sempre. Principalmente, quando tem pela frente alguém tão jovem e bela quanto ela.

— Mas parece que já acabou — disse Kramer, ao notar que havia silêncio na outra sala. Olhou para Smith e Schaffer e disse: — Primeiro, faremos um curativo nessa mão... Depois, uma coisa que se pode dizer sobre o Schloss Adler é que aqui não faltam bons calabouços. — De repente, arregalou os olhos, ergueu os ombros e disse cuidadosamente a Von Brauchitsch:

— O senhor é um homem muito bom e eu não quero perdê-lo, Capitão. Parece que desperdiçamos um pouco a nossa compaixão. Há uma pistola a um metro de você, apontando para as suas costas.

Von Brauchitsch, com a mão da arma baixa, olhou por cima do ombro e viu que havia realmente uma arma apontada para as suas costas, uma Liliput 21. E a mão que a empunhava estava inesperadamente firme, para alguém que tinha os olhos frios e vigilantes. Além da boca que sangrava e dos cabelos desgrenhados, Mary parecia inalterada.

— Acho que todos os pais deviam fazer as filhas aprenderem judô — disse Schaffer sentenciosamente. Tomou a arma da mão de Von Brauchitsch, que não resistiu, recuperou sua Schmeisser. Depois, chegou à porta e trancou-a. — Há muita gente entrando aqui sem bater. — De passagem olhou pela porta da outra sala e assobiou: — Palavra, Mary, que se eu já não estivesse pensando em alguém mais, nem assim gostaria de ser casado com você quando perdesse a calma. Aquela ali tem que ir para a enfermaria direto. Faça um curativo rápido na mão do major que eu tomarei conta deles.

Enquanto Mary cuidava da mão de Smith na sala onde Anne Marie encontrara seu Waterloo, juntou os seis homens a quem guardava no sofá e encostou-se à lareira, tomando goles de conhaque e mostrando sorrisos animadores de vez em quando. Mas ninguém correspondia aos sorrisos. Apesar de toda a displicência de Schaffer, ninguém tinha dúvida de que apertaria o gatilho para valer sem um segundo de hesitação.

Smith e Mary saíram da sala. Smith estava pálido e tinha a mão enfaixada. Schaffer olhou interrogativamente para Mary, que trazia uma bandeja na mão.

— O ferimento é um pouco sério. O dedo indicador e o polegar estão esmagados. Fiz um curativo da melhor maneira possível, mas creio que isso é serviço para um cirurgião.

— Se eu puder sobreviver ao curativo de Mary — disse Smith. — poderei sobreviver a tudo mais. Mas temos um problema mais imediato aqui. Tenho aqui no bolso esses nomes e endereços. Pode

ser que só daqui a uma ou duas horas possamos transmiti-los para a Inglaterra e mais umas duas horas até essa gente ser presa. Vocês, poderiam comunicar-se com eles em menos tempo e avisá-los. Temos, portanto, de reduzi-los ao silêncio durante algumas horas.

— Poderia fazer isso para sempre, chefe — disse Schaffer.

— Não será necessário. Aquela sala é uma verdadeira farmácia.

— Apanhou a bandeja em que havia seringas e ampolas. Pegou a primeira ampola e disse: — Nembutal. Quase não sentirão a picada da agulha.

— Nembutal? — exclamou Kramer. — Não me submeto a isso.

— Não? — disse Smith com um tom de absoluta convicção : — Morrerá em caso contrário.

9

Smith parou diante da porta marcada RADIO RAUM, ergueu a mão pedindo silêncio, olhou para os três prisioneiros de cara amarrada e disse: — Não pensem em fazer coisa alguma nem em dar um alarma. Não estou mesmo com muita vontade de levá-los para a Inglaterra. Tenente Schaffer, acho que podemos imobilizar um pouco mais esses homens.

— Podemos de fato — disse Schaffer. Arrancou os botões do alto da túnica de cada um dos três e puxou as túnicas pelas costas para baixo até que as cavas das mangas ficassem nos cotovelos e disse: — Agora, durante algum tempo, nada poderão fazer com as mãos.

— Mas podem com os pés — disse Smith. — Mary, não deixe que se aproximem de você. Eles não têm nada a perder. Quando estiver pronto, Tenente...

— Já estou pronto.

Com cuidado e em silêncio, Schaffer entreabriu a porta da sala do rádio.

Era uma sala grande e bem iluminada, mas quase vazia. Havia na parede dos fundos uma grande mesa perto da janela, sobre a qual pousava um enorme aparelho transmissor-receptor de rádio. Além de duas cadeiras e um arquivo, a sala nada mais tinha, nem mesmo um tapete para cobrir o assoalho.

Foi talvez a falta de um tapete que os traiu. Na primeira metade do avanço cauteloso de Schaffer, o operador estava de costas para eles, fumando um cigarro em preguiçosa despreocupação, ouvindo música vienense que vinha pelo rádio. De repente, alertado pelo estalo de uma tábua ou por algum sexto sentido, virou-se e levantou-se. E o seu raciocínio foi tão rápido quanto o seu movimento. No mesmo instante em que erguia os braços em aparente rendição, moveu-se um pouco para a direita, mudando o pé direito de posição. Ouviu-se então o estridente clangor de uma campainha de alarma lá fora no corredor. Schaffer deu um pulo para a frente, brandiu a sua Schmeisser. Bastou uma coronhada para que

o operador caísse inconsciente no chão, depois de bater na mesa do rádio. Mas era tarde demais. A campainha continuava a tocar.

— Era só o que faltava! — exclamou Smith. Atravessou correndo a sala de rádio, viu onde estava a campainha de alarma protegida por uma caixa de vidro e arrebentou-a com a coronha da sua Schmeisser. Os cacos de vidro se espalharam pelo chão e a campainha parou imediatamente.

— Entrem! — ordenou Smith, apontando a porta da sala de rádio. — Todos! Depressa! — Viu então uma porta na parede do lado direito e disse a Mary: — Vá ver o que há ali. Schaffer!

— Horácio defende a ponte — disse Schaffer tomando posição à porta da sala. — Poderíamos ter evitado isso, chefe.

— Poderíamos evitar quase tudo neste mundo — murmurou Smith.

Olhou para Mary e perguntou: — Então?

— Parece que é um depósito de peças de rádio.

— Você e Jones, levem esses três para lá. Se respirarem mais forte, não hesitem em matá-los.

Jones olhou para a pistola que Smith lhe entregara e disse: — Acontece que eu não sou soldado, Major.

— Nem eu, sabe?

Correu para o rádio, sentou-se e estudou a confusão de botões, mostradores e chaves. Levou uns vinte segundos olhando apenas.

— Sabe mesmo mexer nisso, chefe? — perguntou Schaffer da porta.

— Que pergunta! Isso é o que vamos ver em breve.

Ligou a máquina num botão marcado "Transmissão", selecionou a faixa de ondas extracurtas, sintonizando para a sua frequência de transmissão.

Ligou outra chave e pegou um microfone.

— Broadsword chama Danny Boy — disse ele. — Broadsword chama Danny Boy. Está ouvindo?

Ninguém deu qualquer indicação de estar ouvindo. Smith alterou um pouco a frequência de transmissão e tornou a tentar. Fez o mesmo mais algumas vezes. Na sexta ou sétima repetição, teve um sobressalto ao ouvir tiros de metralhadora no corredor. Olhou para

a porta. Schaffer estava estendido no chão, com o cano da sua Schmeisser ainda fumegante.

— Temos visitas, chefe — disse ele. — Não sei se acertei algum, mas aposto que ativei a circulação da adrenalina de todos eles.

— Broadsword chama Danny Boy — dizia Smith insistentemente. — Alô, alô, Danny Boy! Por que não respondem?

— Quem dobrar o corredor será cortado pela metade — murmurou Schaffer. — Posso mantê-los a distância até ao Natal. Para que essa pressa?

— Broadsword chama Danny Boy. Alô, Danny Boy! Quanto tempo você acha que teremos até que se lembrem de desligar a eletricidade?

— O que há, Danny Boy? — perguntou Schaffer. — Responda logo, vamos!

— Danny Boy chama Broadsword. — A voz no rádio era calma, alta e clara, tão livre de interferência como se viesse da sala vizinha. — Danny Boy...

— Uma hora, Danny Boy — disse Smith, interrompendo. — Uma hora.

Entendido? Câmbio.

— Entendido. Conseguiu, Broadsword? — a voz era inconfundivelmente do Almirante Rolland. — Câmbio.

— Consegui — disse Smith. — Consegui tudo.

— Tudo está perdoado. Mamãe Machree vai esperá-lo. Partirá agora mesmo.

Nesse momento, Schaffer deu outra rajada com a sua Schmeisser.

— Que foi isso? — perguntou pelo rádio o Almirante Roland.

— Estática — disse Smith.

Não se deu ao trabalho de desligar. Levantou-se, recuou três passos e deu uma rajada com a metralhadora, contorcendo o rosto de dor, ao receber o impacto do coice na mão ferida. Ninguém mais falaria por aquele rádio.

Olhou um momento para Schaffer. O rosto do americano estava calmo e despreocupado. Havia quem precisasse de palavras de

animação ou de elogio, mas Schaffer não era assim. Smith foi até à janela e abriu-a com a mão esquerda.

A lua estava quase escondida nas nuvens e uma débil claridade se estendia pelo vale. Estava nevando de novo mas levemente. O ar estava cortante. Era um frio ártico que chegava até à medula dos ossos. O vento que entrava pela sala poderia ter vindo diretamente da calota polar.

Smith viu que estavam no lado leste do castelo, a parte mais afastada da estação do bondinho aéreo. A base da coluna vulcânica estava mergulhada em trevas tão densas que era impossível ver se havia guardas lá embaixo ou não. Para os objetivos de sobrevivência no momento, isso não tinha realmente grande importância. Smith se afastou da janela, tirou do saco a corda de nylon, amarrou firmemente uma ponta na perna de metal da mesa do rádio e jogou a outra perna para fora. Depois, com a mão esquerda, bateu e varreu a neve do peitoral e mais um metro abaixo na parede. Era preciso que houvesse alguém desconfiado demais para, ao entrar ali, não ter logo a impressão de que haviam descido pela janela. Talvez a corda não tivesse comprimento suficiente para chegar ao chão. Mas pôs logo de lado esse pensamento. Isso não tinha de fato qualquer importância. Atravessou a sala até onde Schaffer estava estendido no chão. A chave estava na fechadura por dentro e Smith observou com satisfação que era feita na mesma escala exagerada de tudo mais no Schloss Adler.

— Está na hora de fechar a porta, Schaffer.

— Vamos esperar que apareçam de novo para tirar-lhes a vontade mais uma vez — sugeriu Schaffer. — Faz alguns minutos que ninguém mexe a cabeça. Outra espiada, outra rajada e isso nos poderia dar uns dois minutos de tempo — para tornar plausível a impressão de que fugimos por aquela corda.

— Bem pensado — disse Smith. Uma rajada de vento entrou pela janela e ele estremeceu. — Como está frio!

— É que você perdeu sangue e também bebeu conhaque demais lá no salão...

Calou-se, olhou atentamente para o corredor e disse: — Quer-me passar a sua lanterna, chefe?

— Que é?

Schaffer acendeu a lanterna e empurrou-a pelo chão para o mais longe possível.

— Estão com uma vara com um espelho na ponta passada além da curva do corredor. Só o ângulo do espelho é que está errado...

Smith olhou cautelosamente pela porta e viu que a vara e o espelho eram puxados para dentro, decerto para fazerem os ajustamentos necessários.

Alguns segundos depois, a vara reapareceu com o espelho num ângulo de quarenta e cinco graus mais ou menos. Espelho e vara se desintegraram a uma rajada de metralhadora de Schaffer. Este se levantou em seguida, fez cuidadosamente pontaria na única lâmpada que iluminava o corredor e atirou. A única luz que havia no corredor passava a ser a da lanterna no chão, o que dificultaria aos alemães saber do que estava acontecendo na porta da sala de rádio e até se esta se achava aberta ou fechada.

Smith e Schaffer, sem fazer barulho, fecharam a porta e passaram a chave. Schaffer dobrou a chave com o cano da Schmeisser de modo que ela ficasse firmemente emperrada na fechadura.

Ficaram esperando. Cerca de dois minutos depois, ouviram vozes agitadas no corredor e depois um tropel de passos pesados. Foram então para o depósito de peças, deixando apenas uma fresta suficiente na porta para que se filtrasse uma réstia de luz.

— Mary e Jones — disse Smith em voz baixa, — tomem conta de Thomas. Uma pistola em cada ouvido.

Tomou conta de Christiansen, forçando-o a ajoelhar-se e encostando-lhe o fuzil na nuca. Schaffer fez Caracciola encostar-se à parede e empurrou-lhe no rosto o cano da Schmeisser. Dentro do pequeno quarto, o silêncio era completo.

Os cinco ou seis alemães que estavam diante da porta da sala do rádio não tinham nenhuma semelhança com o velho guarda que Von Brauchitsch interrogara no pátio. Eram soldados de elite do Alpenkorps, homens implacáveis que tinham sido implacavelmente adestrados. Nenhum fez qualquer menção de se aproximar da maçaneta ou da fechadura. A eficiência mecânica com que agiram

diante da porta, sem assumir qualquer risco era evidentemente o resultado de um processo bem firme de instrução para enfrentar situações daquela natureza.

A um gesto do tenente que comandava o grupo, um dos soldados deu um passo à frente e com duas rajadas em diagonal esvaziou na porta a sua metralhadora portátil. Outro soldado descreveu a bala um círculo na madeira da porta e depois com a coronha da metralhadora fez cair para dentro o círculo de madeira. Em seguida, outro soldado armou duas granadas e atirou-as com muita precisão pelo buraco aberto e outro fez voar a fechadura. Os soldados se alinharam então dos dois lados da porta. As duas granadas explodiram quase simultaneamente e a fumaça escapou pelo buraco circular da porta.

A porta então foi aberta a pontapés e os homens entraram. Não havia mais necessidade de tomar precauções — quem estivesse dentro daquele espaço confinado estaria morto depois da explosão das duas granadas. A acre fumaça foi prontamente dissipada pela corrente de ar que entrava pela janela e o tenente correu para lá. Acendeu uma lanterna, viu a corda descendo pelo peitoril, inclinou-se da janela, tentando divisar alguma coisa, sem resultado. Sacudiu a corda. Estava quase sem peso. Por um momento, lançou a luz da lanterna sobre a neve remexida no peitoril da janela e voltou-se para a sala.

— *Gott in Himmel!* — exclamou. — Fugiram! Já devem estar lá embaixo! Temos de avisar pelo telefone!

Schaffer deu um suspiro de alívio, ao ouvir o tropel dos passos que se afastavam. Acompanhou Smith à sala de rádio depredada e disse: — Não vão demorar muito a apurar que não há rastros na neve lá embaixo.

— Vão demorar ainda menos a descobrir que a corda desapareceu — disse Smith, começando a puxar a corda. — Vamos precisar dela e também de algumas manobras diversionistas. Schaffer, leve algumas cargas de explosivo plástico com estopins de diversos tamanhos e coloque-as em várias salas do corredor.

— Considere isso executado — disse Schaffer, tirando os explosivos plásticos do saco e começando a preparar as cargas.

As primeiras três salas a que chegou estavam fechadas e ele não perdeu tempo em tentar abri-las. Mas as outras cinco portas seguintes não estavam trancadas. Nas três primeiras, que eram de quartos, colocou as cargas debaixo de uma fruteira de porcelana, de um quepe de oficial e de um travesseiro. A quarta porta era de um banheiro e ele colocou a carga embaixo do vaso sanitário; na quinta porta, de um depósito, a carga foi posta no alto de uma prateleira entre caixas de papelão de aspecto inflamável.

Enquanto isso, Smith tinha feito os outros saírem do depósito, passarem pela sala de rádio e chegarem ao ar relativamente puro do corredor onde ficou à espera de Schaffer. De repente, franziu a testa ao ver perto dele, num recesso do corredor, um grande extintor de incêndio, baldes de areia e um machado de bombeiro. Tentou então uma porta ao lado do recesso marcada AKTEN RAUM — Sala do Arquivo. A porta estava naturalmente trancada.

Disparou a Luger contra a fechadura e entrou.

A sala era cheia de prateleiras, arquivos e pilhas de papel. Smith abriu a janela, para aumentar a corrente de ar e espalhou no chão algumas pilhas de papéis e riscou um fósforo. Os papéis se incendiaram imediatamente.

Voltou ao corredor, pegou o extintor e foi com ele até à janela.

— Cuidado com as cabeças! — exclamou, jogando o extintor pela janela.

O fogo já era tão forte dentro da sala que Smith teve dificuldade em dar com a porta. Nesse momento, uma campainha de alarma começou a tocar estridentemente no fundo do Schloss Adler.

— Meu Deus! — exclamou Schaffer. — O que virá agora? O corpo de bombeiros?

— Mais ou menos. Por que não pensei nesse alarma de incêndio? Agora, já sabem onde nós estamos. Vamos!

Correram pela passagem, impelindo os prisioneiros. Desceram um lance de escadas e já se encaminhavam para outro quando ouviram o tropel dos soldados que subiam do pátio do castelo.

— Depressa! Ali atrás! — disse Smith, apontando para um recesso fechado por uma cortina. — Depressa! Oh!... Esqueci uma coisa...

E saiu correndo por onde tinha vindo. Schaffer ficou atônito, mas não tardou um instante em levar todos para o recesso.

— Não gritem, nem pensem em tocar nessa cortina. Com o barulho que esse alarme está fazendo, eles nem ouvirão vocês morrerem.

Ninguém tocou nas cortinas. Os homens passaram ofegantes, pertinho deles. Subiram furiosamente pelo outro lance de escadas, por onde Smith e os outros tinham descido poucos antes. De repente, os passos pararam. Pelos gritos era evidente que viam o incêndio e percebiam a tarefa que tinham de enfrentar.

— Emergência! — gritou o tenente que havia entrado na sala de rádio.

— Sargento, corra para um telefone! Chame os bombeiros com urgência. Mangueiras, extintores. Onde estará o Coronel Kramer? Cabo, vá procurar o Coronel Kramer!

Schaffer arriscou um olhar pela cortina entreaberta. Smith chegava correndo na ponta dos pés.

— Onde é que você foi? — perguntou Schaffer.

— Vamos! Vamos! Saiam daí! — disse Smith com voz urgente. — Não, Jones, por essa escada mão. Quer encontrar-se no meio dela com todo um regimento do Alpenkorps? Tomem o corredor para a ala esquerda. Desceremos pelas escadas laterais. Depressa! Dentro em pouco, isto aqui estará tão movimentado como Piccadilly Circus!

Quando Schaffer se colocou ao lado de Smith na marcha acelerada pelo corredor, tornou a perguntar:

— Aonde você foi?

— Lembrei do soldado que deixamos amarrado junto à sala da mesa telefônica. O arquivo fica diretamente em cima. Livrei-o das cordas e arrastei-o para o corredor. Do contrário, teria morrido queimado.

— Fez isso mesmo? — perguntou Schaffer. — Pensa em muitas coisas sem importância, chefe.

— É uma questão de ponto de vista. O nosso amigo lá no corredor não deve pensar como você. À direita. Desçam a escada e sigam em frente. Mary, você sabe qual é a porta.

Mary sabia qual era a porta. A quinze passos do pé da escada, ela parou.

Smith olhou pela janela o corredor à sua esquerda. Já se viam fumaça e fogo nas janelas da torre de nordeste do castelo. No pátio embaixo, dezenas de soldados estavam correndo, aparentemente desorientados. Só um homem não estava correndo. Era o piloto do helicóptero que estava curvado sobre seu motor.

Smith perguntou a Mary :

— Tem certeza de que é este o quarto? Dois andares abaixo da janela por onde entramos?

— Tenho, sim. É este o quarto.

Mary tentou abrir a porta. Estava trancada. Já não era hora para chaves-mestras e outras sutilezas. Smith encostou o cano da Luger à fechadura.

O cabo a quem o tenente mandara ir procurar Kramer deparou-se com o mesmo problema quando tentou a maçaneta da porta do salão dourado.

Schaffer a havia trancado, jogando a chave por uma das janelas. O cabo primeiro bateu respeitosamente. Ninguém respondeu. Bateu com mais força e sem melhor resultado. Meteu o ombro na porta e só conseguiu machucar-se. Bateu na fechadura com a coronha da Schmeisser, mas os carpinteiros que tinham feito as portas do Schloss Adler entendiam do seu ofício. Hesitou um pouco e, depois, disparou uma rajada de metralhadora na fechadura, esperando que o Coronel Kramer não estivesse dormindo na mesma linha.

O Coronel Kramer estava dormindo de fato mas não na mesma linha da fechadura. Estava estendido no tapete dourado com uma almofada colocada gentilmente sob a cabeça. O cabo entrou no salão dourado e arregalou os olhos de espanto. O Marechal Rosemeyer estava estendido no tapete, ao lado de Kramer.

Von Brauchitsch e um sargento estavam estirados em poltronas e Anne Marie — uma Anne Marie muito desgrenhada e de rosto machucado — estava estendida num dos grandes sofás de lamê.

Como um homem em transe, sem compreender absolutamente nada, o cabo se aproximou de Kramer, ajoelhou-se e sacudiu-o pelos ombros a princípio com delicadeza e, depois, rigorosamente.

Algum tempo depois, ocorreu-lhe que poderia sacudir o Coronel pelo resto da noite sem fazê-lo acordar.

Notou depois que todos os homens estavam sem casaco e todos ali, inclusive Anne Marie, tinham as mangas arregaçadas até ao cotovelo. Viu então numa mesa uma bandeja com ampolas e seringas. Começou a compreender e então saiu pela porta com a velocidade do favorito dos 100 metros rasos numa final olímpica.

Schaffer amarrou a corda de nylon na cabeceira da cama de ferro, verificou a segurança do nó, levantou a vidraça, fez baixar a corda e olhou desconsoladamente para o vale. No outro lado da aldeia, uma claridade vermelha ainda assinalava o local da incendiada estação ferroviária.

Imediatamente abaixo e à direita de onde ele estava, havia quatro guardas de patrulha cada qual com o seu cachorro. A lua saíra de trás das nuvens e atravessava uma extensão desanimadoramente grande de céu limpo. Viam-se até estrelas.

— Vou ficar muito exposto, chefe — disse ele. — E há uma matilha de lobos lá embaixo!

— Ainda que tivessem uma bateria de refletores voltados para esta janela, não temos outro recurso — disse Smith. — Trate de descer! Depressa!

Schaffer passou as pernas pela janela, segurou a corda e parou momentaneamente ao ouvir uma explosão abafada na ala oriental do castelo.

— Um a zero — disse Schaffer com satisfação. — Lá se foi a fruteira de porcelana. Só espero que ninguém esteja no banheiro quando ocorrer a segunda explosão.

Smith abriu a boca para fazer algum comentário impaciente, mas Schaffer já havia começado a descer. Depois de descer apenas cinco metros, já estava no telhado da estação. Smith se sentou na janela, deu uma volta da corda pelo braço direito e aguentou o peso na mão esquerda, sorrindo então para Mary. Ela respondeu com um sorriso animador. Mas nada havia de animador no rosto dela quando olhou para dentro do quarto e - viu os três prisioneiros encostados à parede, com as mãos na nuca e guardados por

Carnaby-Jones. Este segurava a pistola como se tivesse receio de que ela fosse mordê-lo a qualquer instante.

Smith chegou ao telhado da estação ao lado de Schaffer. Os dois homens se encolheram agachados para diminuir as probabilidades de serem vistos de baixo. Nos primeiros três metros depois que saía da parede, o telhado era bem, plano, mas depois descia abruptamente num ângulo de trinta graus.

Smith olhou pensativamente para o telhado e disse: — Não queremos uma repetição do que nos aconteceu da última vez. Se tivéssemos um gancho com argola para pregar na muralha do castelo ou aqui mesmo no telhado para servir de ponto de apoio a nossa corda...

— Não precisamos de gancho. Olhe para isto aqui...

Schaffer cavou com as mãos o telhado incrustado de neve da estação até que apareceu uma rede de finas malhas de arame e, mais abaixo, barras de ferro que cobriam uma chapa de vidro.

— Uma claraboia — disse Schaffer. — Essas barras me parecem bem firmes.

Pegou uma das barras com as duas mãos e puxou com força. A barra não se abalou. Smith pegou na mesma barra com a mão esquerda e os dois puxaram juntos. A barra continuou presa. Os dois sorriram satisfeitos.

Schaffer passou a corda pela barra e não facilitou com o nó que deu. Smith se sentou no telhado e estendeu a mão para a corda. Schaffer pegou firmemente a mão de Smith e afastou-a da corda. — Isso é que não. Quem vai sou eu.

Tirou a mochila que tinha em torno do pescoço, agarrou a corda e começou a descer pela superfície inclinada do telhado. Quando se aproximou da borda, virou o corpo com infinito cuidado até ficar com a cabeça para baixo. Com a corda firmemente presa entre os pés baixou o corpo centímetro a centímetro até ficar com a cabeça para fora da borda. Olhou então para baixo.

Viu que estava bem acima de um dos cabos. Sessenta metros abaixo, mas à sua esquerda, guardas e Dobermanns estavam correndo por dentro da neve em direção ao pátio do castelo. Schaffer compreendeu que fora dado o alarma e que todos os

homens disponíveis tinham sido chamados para combater o fogo e para procurar os homens que haviam ateado. Isso só podia significar que alguém verificara o chão abaixo da janela da sala de rádio e vira que ali não havia senão neve pura e intacta...

Olhou para cima. Não havia sinal de qualquer guarda patrulhando os baluartes, que era o que se podia esperar, desde que não havia razão de destacar homens para vigiar um inimigo que, segundo tudo indicava, ainda estava dentro do castelo.

Schaffer desceu perigosamente mais uns quinze centímetros até que a cabeça e os ombros estavam além da borda do telhado. Só duas coisas tinham importância no momento: haveria alguém de vigia na estação e, se havia, poderia Schaffer, segurando a corda com uma mão, tirar a Luger com a outra e matar o vigia? Schaffer tinha as suas dúvidas. Apesar de todo o seu árduo e completo treinamento na OSS, ninguém julgara necessário ensinar-lhe proezas de acrobata de circo. Com a boca seca e o coração a bater aceleradamente, Schaffer esticou o pescoço e olhou para dentro da estação.

Não havia nem guarda, nem vigia. Ou, se havia, estava tão bem escondido que Schaffer não podia vê-lo. Mas a lógica lhe dizia que não podia haver ninguém escondido, desde que não existia razão para que alguém se escondesse. A lógica dizia também que qualquer pessoa que porventura ali estivesse deveria ter sido chamada ao castelo, como os guardas das patrulhas e as sentinelas. Schaffer viu apenas um bondinho parado, as máquinas que acionavam os carros e montões de pilhas. Logo se convenceu de que nada mais havia para ser visto e de que não havia motivo para preocupações.

Mas viu, com considerável desânimo, que só havia um meio de chegar à estação. Não podia escorregar pela corda até ao chão da estação porque o telhado, de maneira tipicamente alpina, se estendia cerca de dois metros além da estação. O único meio de acesso era baixar até ao cabo de aço do *Luftseilbahn* e ir por ele, trocando as mãos, até à estação. Schaffer não perdeu tempo em considerar se isso era fisicamente possível. Tinha de ser possível pois não havia outro meio.

Cuidadosamente e não sem dificuldade, Schaffer subiu de novo pela corda e pelo íngreme telhado até quase um metro acima da borda. Tirou os pés da corda e rodou o corpo cerca de 180 graus até ficar de frente para a encosta e com as pernas penduradas sobre a borda do telhado. Olhou para cima. O vulto agachado de Smith parecia cheio de tensão. Schaffer fez um gesto tranquilizador e baixou o corpo até tocar com os pés o cabo.

Baixou mais um pouco o corpo até ficar sentado no cabo e então transferiu as mãos para ele e deixou cair o corpo até ficar suspenso pelas mãos e pelos pés e com o rosto voltado para a lua. Como espetáculo, Schaffer o julgava infinitivamente preferível ao que encontraria se estivesse olhando por sessenta metros de altura até ao fundo do vale. Começou a subir pelo cabo.

Era difícilimo. Ganhava quinze centímetros e escorregava dez. O cabo estava coberto por uma escorregadia camada de óleo e gelo. Só agarrando-se com tanta força que os braços lhe doíam conseguia avançar, sendo tudo agravado pelo fato de que o cabo subia num ângulo de quase 45 graus. Esse meio de locomoção seria um suicídio para quem só podia utilizar uma das mãos como Smith e seria quase impossível para Mary ou Carnaby-Jones.

Uma vez, depois de já haver avançado quase quatro metros, olhou para baixo para verificar quais seriam as suas chances se, por acaso não aguentasse mais e tivesse de largar o cabo. Mais tarde, disse que a visão do que o esperava se caísse lhe foi mais proveitosa do que um par de braços a mais. Dez segundos depois, suando e arquejante como um corredor de fundo e quase à beira da exaustão, chegou ao teto do bondinho.

Ficou ali estendido por um minuto até que o tremor dos braços cessasse e o ritmo do pulso e da respiração melhorasse um pouco. Desceu então para o chão, tirou a Luger, destravou-a e iniciou uma rápida verificação, certificando-se de que a estação estava vazia de inimigos. Era uma precaução inútil desde que ninguém que estivesse escondido e o visse chegar esperaria tanto para fazer alguma coisa, mas o instinto e o treinamento foram mais fortes nele. Não havia ninguém ali.

A providência seguinte era agir para que as coisas continuassem assim.

Os portões que iam da estação para o pátio do castelo fechando o túnel estavam abertos. Desceu até lá.

O espetáculo no pátio do castelo lhe teria feito bem ao coração em circunstâncias mais auspiciosas. O movimento era tão grande quanto vira do alto, mas mostrava mais ordem e finalidade. Vultos que gritavam e gesticulavam dirigiam o desenrolar de mangueiras e a ligação com os hidrantes e filas de homens carregavam extintores e baldes de areia. Os portões estavam abertos e sem guardas pois até as sentinelas deviam estar um ação. Mas isso não oferecia qualquer possibilidade de fuga. Só um suicida tentaria fugir por um pátio onde se moviam de sessenta a setenta soldados do Alpenkorps.

À esquerda, o helicóptero se mostrava abandonado e inútil. Não havia sinal do piloto. De repente, houve uma explosão surda dentro do castelo.

Schaffer prestou atenção, viu a fumaça rolar de uma janela oriental e tentou ver se identificava o local daquela carga plantada por ele. Mas só por um breve instante. Algum instinto o fez olhar para a direita. Os guardas que vira subir a encosta pouco antes com os Dobermanns estavam chegando aos portões do castelo, evidentemente exaustos da subida precipitada com neve até ao joelho. Escondeu-se durante algum tempo. Depois fechou o portão com todo o cuidado e passou o ferrolho. Voltando ao começo da passagem, passou o cadeado pelo portão, enfiou a chave e guardou-a no bolso.

Olhou para cima assustado, ao ouvir caírem no chão cacos de vidro. Levantou automaticamente o cano da Luger. — Baixe esse canhão — disse Smith, irritado, o rosto comprimido entre as barras de ferro. — Quem acha que está aqui? Kramer e companhia?

— São os meus nervos — disse Schaffer. — Não desejo ao meu pior inimigo que passe pelo que o Tenente Schaffer acaba de passar. Como vão as coisas aí em cima?

— Caracciola e seus amigos estão deitados aqui no telhado de bruços e Mary os está guardando com a Schmeisser. Jones ainda

está lá em cima. Não quer nem botar a cabeça do lado de fora. Diz que as alturas lhe dão vertigens. Já desisti de discutir com ele. E por aí como vão as coisas?

— Muito bem. Se alguém pensa no bondinho, não mostra qualquer sinal disso. Tranquei os dois portões para o pátio. De qualquer maneira, se alguém vier aqui, terá os seus passos retardados. Chefe, o caminho pelo qual vim para aqui só serve para passarinhos. Com sua mão do jeito que está, você não chegará aqui. Mary e o velho não conseguiriam em hipótese nenhuma...

Caracciola e o resto... mas quem se importa com Caracciola e o resto?

— Quais são os controles do guincho do bondinho?

— Vou ver — disse Schaffer, aproximando-se do guincho. — Há uma alavanca com duas marcas: Normal e *Notfall*...

— Há pilhas aí?

— Na quantidade que você quiser.

— Ponha a alavanca em *Notfall* — Emergência. Podem desligar a energia do castelo.

— Pronto. Há um botão de partida e outro de parada, um grande freio de mão mecânico e uma alavanca marcada "Para a Frente" e "Para Trás", com uma posição neutra.

— Ligue o motor — ordenou Smith. Schaffer apertou o botão de partida e um gerador começou a funcionar, chegando ao máximo de revoluções em questão de segundos. — Agora, solte o freio e ligue a alavanca para a frente. Se der certo, pare o carro e experimente a outra alavanca.

Schaffer assim fez e viu que o bondinho obedecia sem esforço aos controles. Levou-o então de novo à posição original.

— Muito bem — disse Smith. — Vá agora com o carro até metade dele passar além da borda do telhado da estação. Desceremos então pela corda para o alto do carro e de lá você nos ajudará a descer para dentro.

— Não sei como você tem essas ideias — disse Schaffer, pondo o carro em movimento.

— Vou mandar Caracciola, Thomas e Christiansen em primeiro lugar — disse Smith. — Faça questão disso. Pode aguentar até

descermos?

— Você não melhora o moral de ninguém insultando os oficiais subordinados — disse Schaffer friamente.

— Não sabia se ainda restava algum moral. Enquanto estiver fazendo isso, vou ver se convengo Julieta a descer do balcão. — Disse a Caracciola: — Você é o primeiro. Desça por essa corda até o teto do bondinho.

Caracciola olhou para o telhado que descia abruptamente e disse com decisão:

— Isso você não me obrigará a fazer. Nunca! Se quiser, atire. Mate-me agora mesmo!

— Eu o matarei se tentar fugir, Caracciola — disse Smith. — Sabe disso, não sabe?

— Claro que sei. Mas também sei que não me matará assim a sangue-frio. O senhor é um homem de princípios, Major. Do contrário, não arriscaria a vida para livrar um soldado inimigo de morrer queimado. Por que não atira, Major?

— Porque não é preciso. — Com a mão esquerda, agarrou Caracciola pelos cabelos e curvou-lhe a cabeça para trás até Caracciola gemer de dor, enquanto Smith erguia sobre ele a coronha da pistola. — Vou neste instante mesmo fazê-lo ficar desacordado. Depois, amarro uma corda na sua cintura e faço-o descer uns três ou quatro metros. Schaffer lá embaixo fará o possível para puxar você para dentro do carro. Como pode ver, a minha mão não está muito boa, de modo que eu não sei que nó poderei dar para sustentá-lo. Também não sei como Schaffer vai se arranjar para puxá-lo para dentro. Mas isso pouco me interessa, Caracciola!

— Canalha! — exclamou Caracciola com lágrimas de dor nos olhos e um ódio venenoso na voz. — Um dia, ainda nos encontraremos e juro que vai se arrepender de ter me conhecido!

— É muito tarde — disse Smith empurrando-o com desprezo e Caracciola teve de agarrar-se precipitadamente à corda para não rolar pelo telhado. — Venho desejando dar cabo de você desde que descobri quem você realmente é. Diga mais alguma coisa e leva um tiro. Para que me vou dar ao trabalho de levá-lo para a Inglaterra?

Caracciola acreditou no que ele dizia. Deslizou pela corda até sentir sob os pés a segurança do teto do carro. Smith fez então sinal a Thomas. Este desceu sem uma palavra. Dez segundos depois, Christiansen seguiu-o. Smith viu o bondinho começar a se mover para dentro da estação e então olhou para cima, para a janela de onde pendia a corda.

— Sr. Jones?

— Ainda estou aqui — disse o ator numa voz trêmula que mostrava que ele nem tinha coragem de chegar à janela.

— Mas não vai ficar aí por muito tempo. Estão a sua procura, Sr. Jones, e poderão chegar aí a qualquer momento. Sinto muito ter de lhe dizer isso, mas é o meu dever. Se for capturado, será tratado como um espião inimigo, Sr. Jones. Sabe o que significa isso? Será torturado não com torturas simples como lhe arrancarem os dentes e as unhas, mas com indizível tortura que não posso descrever com minúcias porque a Srta. Ellison está aqui. E acabará numa câmara de gás... se ainda estiver vivo. Mas vai demorar muito a morrer. Horas, talvez dias. Eles são mestres em prolongar uma agonia. E gritará, gritará o tempo todo!

— O que devo fazer? — perguntou Jones com voz desesperada.

— Desça pela corda. São cinco metros. Há atletas que pulam isso com uma vara.

— Não posso. Não posso...

— Pode, sim. Segure a corda, feche os olhos, passe o corpo pela janela e desça. Nós o apanharemos aqui embaixo.

— Não posso... Não posso...

— Meu Deus! Agora é tarde demais!

— Por que diz isso?

— Estão acendendo as luzes aí fora no corredor. A luz do outro quarto, do outro. Já vão chegar aí, Sr. Jones. Prepare-se para ser amarrado à mesa de tortura...

Dois segundo depois, Carnaby-Jones estava escorregando pela corda de nylon, com os olhos fechados. Mary voltou-se para Smith e disse: — Você é o maior mentiroso que já conheci... — Havia ternura e admiração em sua voz.

— Schaffer me diz a mesma coisa — murmurou Smith. — Acho que devem ter razão.

O bondinho, com os três homens agarrados ao gancho de suspensão, subiu lentamente para a estação e parou. Um por um, os três homens, persuadidos pelo balanço da Luger de Schaffer, ficaram suspensos pelos braços e deixaram-se cair coisa de um metro no chão. O último foi Thomas, que pareceu cair de mau jeito, deu um grito abafado de dor e rolou para o lado. Quando caiu, estendeu as mão e agarrou Schaffer pelos tornozelos.

Schaffer perdeu o equilíbrio, bateu os braços para não cair e, nesse mesmo instante, foi agarrado pela cintura num mergulho de Christiansen. Caiu para trás, batendo com a cabeça num gerador, com um impacto que lhe roubou o pouco fôlego que ainda lhe restava. Um segundo depois, Christiansen apoderava-se da sua Luger e empurrava com toda a força o cano numa garganta já sem ar.

Caracciola já estava junto ao primeiro portão, sacudindo-o. Viu o grande cadeado fechado e voltou para onde estava Schaffer. Tomou a pistola da mão de Christiansen e agarrou Schaffer pelo pescoço.

— Onde está a chave do cadeado? — A voz humana não pode reproduzir exatamente o silvo de uma serpente, mas a de Caracciola chegava bem perto. — A porta está fechada por dentro. Só você poderia fazer isso! *Onde está a chave?*

Schaffer procurou se sentar, afastando sem força a mão de Caracciola.

— Não posso respirar — murmurou ele. — Não posso respirar... Vou vomitar...

— Onde está a chave? — insistiu Caracciola.

— Estou me sentindo mal... — disse Schaffer, conseguindo ficar de joelhos, enquanto lhe subiam engulhos da garganta. Sacudiu a cabeça de um lado para o outro e perguntou com os olhos ainda anuviados: — O que você quer? O que disse?

— A chave! — exclamou Caracciola cheio de raiva, batendo repetidamente no rosto de Schaffer com a palma e as costas da mão. — Onde está a chave?

— Calma, calma! — disse Thomas, segurando a mão de Caracciola. — Você quer que ele fale, não quer?

— A chave, sim a chave — murmurou Schaffer, levantando-se com esforço e ficando de pé, cambaleante, os olhos semicerrados, o rosto pálido e o sangue escorrendo nos cantos da boca. — Acho que escondi atrás das pilhas. Não, não sei... Não posso pensar direito... Tive vontade de esconder, mas não escondi...

Meteu a mão no bolso, encontrou a chave e tirou-a, estendendo-a vagamente na direção de Caracciola. Este, com um sorriso no rosto, já ia pegá-la quando Schaffer, de repente, levantando intempestivamente o braço, atirou-a bem longe pela entrada da estação, dezenas de metros abaixo.

Caracciola olhou para a chave com total incredulidade e então, perdendo inteiramente o controle, agarrou a Schmeisser de Schaffer no chão e golpeou com o cano furiosamente a cabeça e o rosto do americano. Schaffer caiu como uma árvore.

— Muito bem — disse Thomas. — Agora que tiramos isso do sistema, vamos quebrar aquele cadeado a bala.

— Já ouviu falar em ricochete, rapaz? — perguntou Caracciola, já sem raiva. — O portão é de ferro. Vamos agir com habilidade. Além disso, se saíssemos por aquele portão, a primeira coisa que levaríamos seria uma saraivada de balas. As pessoas que realmente nos conhecem estão dormindo sob a ação do nembutal e devem assim continuar por muito tempo. Para o resto da guarnição, somos desconhecidos — e para os poucos que nos viram chegar, somos prisioneiros. De qualquer modo, somos automaticamente inimigos.

— E então? — perguntou Thomas.

— Então, temos de agir com habilidade. Vamos descer nesse bondinho.

Lá embaixo, telefonaremos para Weissner. Pediremos que ele telefone para o castelo dizendo onde Smith está. E se Smith conseguir descer para a aldeia em outro bondinho, Weissner estará lá embaixo à espera dele. Iremos então ao quartel — onde há um bom rádio — e entraremos em contato vocês sabem com quem. Veem alguma falha nesse plano?

— Nenhuma — disse Christiansen. — Vamos então. O que estamos esperando?

— Entrem no bondinho vocês dois — disse Caracciola. Em seguida, foi até um ponto diretamente abaixo da despedaçada claraboia, com a Luger de Schaffer na mão, e chamou: — Smith!

Lá em cima, no telhado, Smith levantou o corpo, entregou Carnaby-Jones, que ainda estava com os olhos fechados, aos cuidados de Mary, deu dois passos para a claraboia e parou. Wyatt-Turner havia dito que Smith era dotado de um radar para o perigo e o radar nesse momento estava ligado.

— Schaffer? — perguntou Smith. — Tenente Schaffer, está aí?

— Aqui mesmo, chefe — disse uma voz com sotaque do Meio Oeste, igualzinha à de Schaffer.

Mas Smith não podia desprezar as indicações do radar. Ficou de joelhos e engatinhou até a claraboia sem barulho. A primeira coisa que viu foi o chão da estação. Depois, a mão e todo o corpo estendido de Schaffer. Sentiu e viu uma arma apontada em sua direção e jogou o corpo para o lado. A bala de Caracciola passou assobiando perto de sua cabeça.

— Foi a última chance que você teve, Caracciola! — gritou. De onde estava, via o rosto ensanguentado de Schaffer, sem poder dizer se estava morto ou vivo. Parecia morto.

— Está muito enganado. Vou apenas adiar um prazer. Agora, vamos descer, Smith. Vou ligar o motor. Schaffer vai ter o que merece, pois Christiansen está com a Schmeisser apontada para ele. Se não quiser que isso aconteça, não tente nada.

— Saia com esse carro e quando aparecer na minha linha de visão, morrerá. Sei que Schaffer está morto.

— Está apenas sem sentidos. Foi derrubado por uma coronhada.

— Eu o matarei, Caracciola.

— Mas se eu estou dizendo que ele não está morto — exclamou Caracciola, exasperado.

— Vou matar você, Caracciola. E se eu não matar, o primeiro guarda que entrar aí se encarregará disso. Têm ordem para matar qualquer desconhecido. Você não escapa, Caracciola!

— Não quer acreditar em mim? Mas ele está vivo. Posso provar.
O que está vendo daí?

— A cabeça dele.

— Olhe então e não atire. Vou jogar a minha arma no chão. Mas não se esqueça de que Christiansen está com a Schmeisser apontada para ele.

Em seguida, inclinou-se sobre Schaffer e, com a mão, apertou-lhe o nariz, enquanto com a outra lhe cobria a boca. Segundos depois, o homem inconsciente, lutando para respirar, começou a mover a cabeça e a levar as mãos ao rosto. Caracciola afastou então as mãos, olhou para cima e disse: — Está vendo? Não se esqueça de que Christiansen está com a Schmeisser apontada para ele.

Caracciola ligou o motor, soltou o freio de mão, empurrou a alavanca e correu para o bondinho. Este deu um salto violento para a frente.

Lá em cima, no telhado, Smith largou a Schmeisser já então inútil e levantou-se.

— Bem está tudo acabado — disse Mary, com voz surpreendentemente calma. — Tudo acabado. A Operação Overlord e nós... Se é que isso tem alguma importância...

— Para mim, tem — disse Smith, empunhando a Luger. — Vigie aí o nosso amigo.

10

— Não! — Durante dois atordoados e incrédulos segundos, Mary ficou sem compreender a intenção de Smith. Quando afinal compreendeu, gritou: — Não! Não! Pelo amor de Deus, não!

Smith não ouviu a voz angustiada, nem sentiu a mão que procurava desesperadamente segurá-lo e caminhou até à borda da parte plana do telhado. Na borda inferior da seção inclinada do telhado o bondinho apareceu, levando três homens que se abraçavam exultantes.

Smith deixou-se cair pela rampa do telhado coberto de gelo e, chegando à borda, saltou. O bondinho já estava uns dois metros à frente dele e talvez à mesma distância abaixo. Se o carro não se estivesse afastando dele, teria certamente quebrado as duas pernas. Mas caiu ainda assim com um impacto que fez tremer o carro e o fez escorregar no teto revestido de gelo. Com a mão direita ferida, não conseguiu agarrar-se ao gancho de suspensão e no esforço desesperado que fez para agarrar-se com a esquerda, deixou cair a Luger. Smith agarrou-se então ao gancho de suspensão e procurou respirar ansiosamente. A queda lhe tirara o fôlego.

Os homens dentro do carro ficaram quase tão atordoados quanto o próprio Smith. Os sorrisos se lhe congelaram o rosto. Como era de prever, Caracciola foi o primeiro a reagir. Tomou a Schmeisser das mãos de Christiansen e apontou-a para cima.

O bondinho já estavade doze a quinze metros afastado do castelo e o vento começava a balançá-lo como um pêndulo no céu. Smith, enfraquecido pelo impacto da queda e pela perda de sangue, agarrava-se ao gancho de suspensão, com o corpo atravessado no teto do carro. Sentia-se nauseado e exausto e uma névoa parecia cobrir-lhe os olhos.

Só a alguns centímetros do seu corpo, uma rajada de metralhadora perfurou o teto do bondinho. Todo o torpor desapareceu do cérebro de Smith mais depressa do que ele teria

julgado possível. Uma Schmeisser tinha mais balas do que as que tinham sido disparadas. Esperariam que um corpo caísse do teto do carro e, se isso não acontecesse, atirariam de novo. Mas onde? Era impossível adivinhar. Talvez naquele momento o cano da Schmeisser estivesse a apenas cinco centímetros da sua espinha. Essa ideia fez Smith rolar imediatamente o corpo e estender-se no mesmo local onde tinham penetrado as balas. Não era provável que a pessoa atirasse no mesmo lugar, embora pudesse pressentir o que Smith faria e atirar precisamente no mesmo lugar. Mas o cálculo foi diferente, porque a rajada seguinte passou a um metro de distância na retaguarda do carro.

Servindo-se do gancho de suspensão para firmar-se, Smith levantou-se até ficar em posição quase vertical, apoiando-se no próprio cabo. Dessa maneira, a possível área de alvo da metralhadora sofria uma redução de oitenta por cento. Prontamente e sem fazer barulho, deslizando as mãos pelo cabo, avançou até ficar de pé bem na frente do carro.

O arco descrito no céu pelo bondinho aumentava a cada oscilação do pêndulo. A superfície de apoio para os pés de Smith era mínima e todo o esforço de sustentação lhe recaía nos braços, a maior parte no esquerdo, que estava são. Nada havia de maciamente progressivo nos movimentos laterais do bondinho no espaço. Pulava, tremia, arremessava-se e tinha convulsões, como um dervixe dançarino segundos antes do colapso total. O esforço a que era submetido o braço esquerdo de Smith se mostrava intolerável. Parecia que os tendões dos ombros estivessem sendo dilacerados. Mas os tendões tensos são reparáveis, ao passo que os efeitos de uma rajada de Schmeisser à queima-roupa não o são. Parecia a Smith muito improvável que alguém fosse gastar balas exatamente no lugar onde ele estava de pé, desde que a posição lógica para quem viajasse no teto e não quisesse ser atirado no abismo lá embaixo era estender-se a fio comprido no teto, segurando-se com toda a força à base do gancho de suspensão.

O raciocínio era correto. Houve mais três rajadas, mas nenhuma bala chegou perto dele. Então os tiros cessaram. Smith sabia que dentro em pouco teria de abandonar aquela posição forçada. Estava

quase exausto. A mão esquerda que se agarrava ao cabo estava quase sem forças e isso obrigava a utilizar a mão direita com uma agonia, que lhe percorria o corpo como um choque elétrico e concorria para agravar a fraqueza geral. Tinha de sair dali e naquele instante. Rezou para que o pente da metralhadora estivesse vazio.

Mas logo, e por outra razão, compreendeu que tinha de abandonar aquela posição e que a sua prece não tinha sido ouvida. A porta da frente do bondinho se abriu e apareceram a mão e a cabeça de alguém. Era Caracciola que empunhava a Schmeisser. Caracciola olhou para cima e no mesmo instante viu Smith. Inclinou o corpo mais para a frente, girou a Schmeisser com uma mão até levar o cano ao ombro e apertou o gatilho.

Era impossível fazer boa pontaria naquelas condições, mas boa pontaria era o que menos importava a um metro de distância. Smith já havia largado o cabo e estava atirando-se convulsivamente para trás quando a primeira bala lhe rasgou a platina do ombro esquerdo. A segunda lhe raspou o ombro esquerdo com uma breve sensação de queimadura, mas o resto da rajada lhe passou inofensivamente acima da cabeça. Caiu pesadamente e estendeu as mãos como um alucinado até que encontrou uma das hastes da base do gancho de suspensão e se agarrou a ela, tendo apenas essa proteção ínfima entre ele e Caracciola.

Era evidente que Caracciola não iria desistir enquanto não o matasse.

Empunhava ainda a metralhadora, mas deviam restar bem poucas balas no pente. Caracciola iria decerto procurar não desperdiçá-las. Enquanto Smith o olhava, Caracciola pareceu elevar-se sem esforço cerca de um metro no ar — proeza de levitação que só podia ser atribuída ao fato de que Thomas e Christiansen embaixo o haviam levantado pelos pés. Em seguida, dobrou o corpo na altura da cintura e deitou o tronco no teto do carro, com as pernas para fora. Smith viu com breve satisfação que aquilo era um ato suicida.

Caracciola cometera um erro fatal. Não tendo qualquer ponto de apoio na superfície coberta de gelo, devia escorregar

irremediavelmente à primeira sacudidela mais violenta do bondinho. Mas a satisfação logo se dissipou, porque Caracciola não cometera erro algum. Sabia o que Smith não sabia: onde encontrar um ponto de apoio para a mão na lisa extensão daquele teto.

Em poucos segundos, estendeu a mão e firmou-se num dos rombos abertos no teto do carro pelas rajadas da sua metralhadora. Puxou então o corpo para a frente e ficou de joelhos no teto do carro, com as pontas dos pés curvando-se sobre a borda da frente.

Smith moveu a mão ferida e procurou desesperadamente uma granada no saco de couro que levava ao ombro ao mesmo tempo que recuava tanto quanto possível com a mão esquerda segura à haste da base do gancho de suspensão. Mas sabia que naquela distância a explosão de uma granada lhe causaria tanto dano quanto a Caracciola. As suas pernas escorregaram até que os pés se projetaram além da borda e deu um grito de dor ao sentir uma tremenda pressão, que lhe parecia quebrar os ossos e rasgar a pele, entre os joelhos e os pés. Haviam-no agarrado pelos pés como se houvesse e determinação de arrancar-lhe os pés do resto do corpo. Virou um pouco a cabeça e o máximo que pôde ver foram duas mãos fechadas em torno dos seus tornozelos. Smith sabia que um só homem não poderia exercer tamanha pressão. Um dos dois homens dentro do carro devia estar segurando o outro pela cintura ou para aumentar a pressão ou para dar-lhe segurança se Smith deslizasse de repente para fora do carro. Não importavam as razões: o efeito era o mesmo. Tentou mover as pernas, mas percebeu que com aquela pressão qualquer movimento era impossível.

Olhou para a frente. Caracciola não se tinha movido. O bondinho estava a meio caminho entre a estação e a primeira torre e as oscilações do pêndulo atingiam o máximo. Por isso, Caracciola ainda estava ajoelhado, segurando-se desesperadamente ao teto para não cair. Smith desistiu da sua tentativa de procurar uma granada, sabendo que isso nada adiantaria e tirou a faca da bainha, segurou o cabo com os três dedos bons da mão esquerda e, rodando um pouco o corpo, tentou atingir as mãos que lhe estavam

causando tão penetrante agonia. Mas não chegou a mais de trinta centímetros delas.

As pernas se quebravam, o braço esquerdo se quebrava e a mão que se agarrava à haste ia pouco a pouco abrindo-se. Só lhe restavam poucos segundos e Smith sabia que não tinha mais nada a perder. Mudou a faca de posição, pegou a ponta da lâmina entre o polegar esmagado e os outros dedos e arremessou a faca com a força e a pontaria que eram possíveis com aquela mão machucada e a vista enevoada pela dor. A dor que sentiu no tornozelo esquerdo e o grito de angústia na retaguarda do carro foram simultâneos. Toda a pressão nos seus tornozelos cessou imediatamente. Um segundo depois, Christiansen, a quem Thomas havia conseguido recolher para dentro do carro, olhava incrêdula para a faca que lhe havia perfurado o pulso direito.

Naquele momento, Smith ganhara e perdera, isso porque já então estava indefeso. Caracciola não tinha pressa. Calculou todas as suas chances e avançou até chegar ao gancho de suspensão. Levantou-se então lentamente, com o braço esquerdo passado pelo gancho de suspensão e a perna esquerda firmemente escorada por uma das hastes da base. A Schmeisser estava apontada diretamente para Smith.

— Só resta uma bala — disse Caracciola, sorrindo quase como se estivesse fazendo uma pilhéria. — E eu não poderia perdê-la.

Smith pensou então que talvez não estivesse vencido ainda, apesar de tudo. Em vista da pressão sobre os seus tornozelos, não percebera até aquele momento que se tornara muito mais fácil manter-se no teto do bondinho, pois a oscilação do pêndulo estava consideravelmente reduzida. Caracciola parecia ter tomado conhecimento disso com o corpo, mas não com o cérebro.

Com um esforço consciente da vontade, Smith transferiu o olhar meio hipnotizado do cano da Schmeisser para um ponto um pouco acima do ombro de Caracciola. O braço de suspensão da primeira torre estava a menos de cinco metros de distância.

— É uma pena, Smith — disse Caracciola, olhando para o cano da metralhadora. — É uma coisa que chega para todos nós. Adeus.

— Cuidado! Atrás de você! — disse Smith.

Caracciola sorriu com uma ponta de desdém por aquele truque tão velho.

Smith olhou brevemente pela segunda vez acima do ombro de Caracciola e desviou o olhar. O desdém se apagou de repente do rosto de Caracciola.

Algum sexto sentido ou um acender instantâneo de compreensão o fez voltar-se. Deu um grito de terror, que foi a última coisa que lhe saiu dos lábios. O braço de aço da torre pegou-o pelas costas. As costas e a perna escorada se quebraram simultaneamente com um barulho que pôde ser ouvido metros de distância. Um segundo depois, caiu do teto do bondinho, mas já estava morto. Da porta de trás do carro, com atônita surpresa estampada no rosto, Thomas e Christiansen viram o corpo descer para a escuridão do vale lá embaixo.

Tremendo como um homem febril e movendo-se como um velho em sonho, Smith avançou até conseguir sentar-se, com os braços e as pernas passados pelas hastes da base do gancho de sustentação. Ainda no mesmo movimento lento de sonho, olhou para o vale. O outro bondinho, que subia do vale na sua marcha, tinha passado pela primeira torre a contar de baixo. Com sorte, poderia ser o primeiro a chegar à torre central. Não, não, a questão da sorte não entrava mais nos cálculos.

Não tinha outro recurso senão fazer o que devia, sem levar absolutamente em conta o fator sorte.

Tirou do saco duas cargas de explosivo plástico e colocou-as com firmeza entre o teto do carro e as duas hastes posteriores da base do gancho de sustentação, esforçando-se para que as tiras de estopim ficassem expostas e ao alcance da mão. Levantou-se então, contra o gancho de sustentação, firmando-se bem com os braços e as pernas enquanto o bondinho, no meio da segunda etapa entre a primeira torre e a do centro, voltava a oscilar desvairadamente no espaço.

Sabia que era arriscado para ele ficar naquela posição. A neve tinha momentaneamente cessado e a luz cheia brilhava livremente, tornando-o claramente visível tanto do castelo quanto da estação no vale. Mas era duvidoso que ainda tivesse qualquer importância

esconder-se e, de qualquer maneira, já não tinha forças nem vontade de deitar-se de novo no teto do carro.

Pensou então em Schaffer de uma maneira bastante vaga para a qual contribuía igualmente a exaustão, a perda de sangue e o frio cortante.

Pensou nos outros também, no velho e em Mary que continuavam no telhado da estação do castelo e nos dois homens que estavam dentro do carro. Mas Mary e Carnaby-Jones nada podiam fazer para ajudar e as probabilidades de que Christiansen e Thomas fizessem outra sortida contra eles desarmados eram muito remotas. Caracciola tinha uma Schmeisser e estava no fundo do vale. Schaffer, era Schaffer que importava.

Schaffer sentia-se ainda mais atordoado do que Smith, embora por motivos diferentes. Estava despertando lenta e penosamente de um tremendo pesadelo e, nesse momento, sentia um gosto salgado na boca e uma voz de mulher que o chamava insistentemente. Em tempos normais, Schaffer seria incapaz de ficar indiferente a vozes femininas, insistentes ou não, mas desejava que aquela voz se calasse pois fazia parte do seu pesadelo e nele alguém lhe abria a cabeça pelo meio e Schaffer sabia que a terrível dor não se dissiparia enquanto ele não acordasse. Gemeu, firmou as palmas das mãos no chão e tentou levantar-se. Gastou muito tempo no esforço, quase uma eternidade porque havia um peso enorme nas suas costas, mas afinal conseguiu esticar os braços e levantar metade do corpo, com a cabeça pendente. A cabeça não estava bem e nem sequer parecia cabeça, pois além do fato de ter um cutelo de açougueiro cravado nela, parecia cheia de algodão. Sacudiu-a para ver se melhorava e foi pior porque a tampa da cabeça caiu ou assim pareceu a Schaffer em vista do ofuscante coruscar de luzes multicores que lhe passou pelos olhos. Abriu os olhos e as coisas começaram a tomar forma. Viu o chão e, por fim, os contornos das suas mãos.

Estava acordado, mas o pesadelo ainda não o havia abandonado. Sentia na boca um gosto salgado — gosto de sangue — e a cabeça parecia prestes a rolar dos ombros. Além de tudo, aquela voz insistente continuava.

— Tenente Schaffer! Tenente Schaffer! Acorde! Está-me ouvindo, Tenente Schaffer?

Schaffer compreendeu que conhecia aquela voz, mas não pôde identificá-la. Devia ter sido há muito tempo. Tentou descobrir de onde vinha a voz — parecia vir de cima — e as cores voltaram a faiscar mais depressa ainda. Schaffer pensou que devia evitar todo e qualquer movimento com a cabeça. Arrastou-se até uma peça de máquina vagamente vista e, apoiando-se nela, levantou-se tremulamente.

— Tenente! Tenente Schaffer! Estou aqui em cima!

Schaffer virou-se e ergueu a cabeça num movimento quase grotescamente lento e dessa vez todo o universo de estrelas que dançavam se reduzira a uma ou duas constelações. Reconheceu afinal a voz que vinha do passado. Era de Mary Ellison e ele julgou até reconhecer o rosto pálido que o olhava de cima, mas não podia ter certeza. Estranhou que ela estivesse lá em cima, olhando por trás das grades de ferro de uma claraboia. Que estaria fazendo ali? Compreendeu que a sua cabeça se normalizava com a rapidez de alguém que nadasse contra a corrente por um rio de melado.

— Está bem? — perguntou Mary.

Schaffer estudou cuidadosamente a pergunta, achando-a ridícula.

— Parece que sim — disse ele com grande cuidado. — Que foi que aconteceu?

— Espancaram-no com a sua arma.

— É verdade — disse Schaffer, examinando com os dedos o rosto e a cabeça. De repente, parou, todo o seu corpo se imobilizou e ele perguntou: — Que foi isso?

— Um cachorro. Pareceu o latido de um cachorro.

— Foi o que eu pensei... Vêm atrás de nós. Onde está o Major?

— Foi atrás deles. Saltou no teto do bondinho.

— E daí? — perguntou Schaffer, como se o que Smith fizera fosse a coisa mais natural e mais simples do mundo. — Como foi que ele se saiu?

— Houve uma luta e alguém caiu do bondinho. Não sei quem foi.

— Foi um deles — disse Schaffer convictamente.

— Como pode saber disso?

— O Major Smith não iria cair de um precipício. Citação da futura Madame Schaffer. O Major Smith não iria cair do teto de um bondinho aéreo. Citação do futuro marido de Madame Schaffer.

— Acho que tem razão. Ainda há alguém no teto do bondinho e não pode ser um deles, não acha?

— Como sabe que há alguém...

— Porque estou vendo. A lua deixa ver tudo perfeitamente. Olhe e veja.

Schaffer olhou, esfregou as mãos nos olhos e disse: — Quer saber de uma coisa? Não posso nem ver o bondinho!

O bondinho estava a dez metros da torre central. Smith se abaixou, rasgou os dois estopins que se acendiam com o atrito e tomou posição do lado interno do teto do carro. No último momento, largou o cabo e estendeu os braços para quebrar o impacto do seu corpo contra o braço de suspensão.

O carro que subia pelo outro cabo estava tão perto da torre central quanto o seu. Não parecia que ele fosse ter tempo de fazer o que pretendia.

O impacto do braço de suspensão horizontal tirou-lhe todos os pensamentos da cabeça e todo o fôlego do corpo. Smith tinha certeza de que, se não fosse o efeito amortecedor dos seus braços estendidos, teria quebrado algumas costelas. Forçou-se a esquecer a dor e a exigência de oxigênio dos seus pulmões e balançou os pés até fazê-los descansar na haste horizontal mais baixa, enquanto firmava as mãos na haste superior. Tratou então de passar para o outro lado. Ao menos, movia os pés e as mãos com rapidez, mas o aço estava coberto de uma camada de gelo tão escorregadio que quase não podia firmar os pés na haste inferior. Tinha chegado ao centro da torre quando o carro que subia começou a passar pelo braço de suspensão. Pela primeira vez naquela noite, Smith ficou satisfeito com a claridade da lua.

Deu mais dois passos rápidos para o lado e atirou-se na direção do cabo coberto de gelo que brilhava fortemente à luz da lua.

Segurou o cabo com a mão esquerda e passou por ele o braço direito, sentindo-o bater no alto do peito. Não havia errado quanto à localização do braço e da mão, mas havia escorregado na hora do salto e o corpo não ficara na posição exata. O cabo lhe deslizou num repelão por baixo do queixo como se fosse decapitá-lo. Balançou as pernas e tocou com os pés o teto do bondinho, baixando em todo o comprimento do braço esquerdo. Largou o cabo, caiu de quatro pés e estendeu a mão às cegas mas com resultado para a base do gancho. Durante muitos segundos, ficou ali vomitando incontrolada-mente. Por fim, o pior passou e o bondinho começou a aumentar as suas oscilações à medida que se afastava da torre central. Não teria acreditado que um homem pudesse estar tão completamente exausto quanto ele e ainda ter forças para manter-se naquela posição difícil e precária no teto do bondinho.

Pouco a pouco, foi-se recuperando. Conseguiu afinal sentar-se e olhar para o vale embaixo.

O bondinho de que saíra pouco antes estava a cerca de cinquenta metros da última torre. Thomas e Christiansen estavam no centro do carro, o outro fazendo um curativo improvisado no pulso ferido. As portas de frente e de trás continuavam abertas como estavam depois do frustrado ataque a Smith.

O fato de que nenhum dos dois tivesse tido coragem de ir fechar alguma das portas mostrava o medo que Smith lhes inspirava.

No teto do bondinho acendeu-se de repente um clarão ofuscante e quase ao mesmo tempo houve duas explosões, tão juntas que poderiam ser simultâneas. As duas hastes posteriores do gancho de suspensão se quebraram e o bondinho, suspenso apenas pelas duas hastes anteriores, deu uma guinada violenta, voltando a frente para o alto e a retaguarda para baixo.

Dentro do carro, o ângulo do chão mudou num instante da horizontal para um ângulo de trinta graus no mínimo. Christiansen foi atirado bruscamente para a porta de trás ainda aberta. Tentou desesperadamente segurar-se, mas a mão com que o tentou estava ferida. Desapareceu pela porta aberta e caiu para as profundezas do vale.

Thomas, com duas mãos em bom estado e reações mais prontas, conseguiu salvar-se — por um momento, ao menos. Olhou para cima e viu que o teto já estava começando a quebrar-se e a soltar-se, desde que as duas hastes anteriores estavam suportando uma pressão para a qual não tinham sido feitas e iam dentro em pouco desprender-se do teto do carro. Thomas subiu como pôde até à porta da frente. Em virtude da inclinação, a borda do teto já estava quase tocando o cabo. Thomas estendeu as mãos, agarrou o cabo com as duas mãos. Mal havia tirado as pernas da porta, as duas hastes anteriores se desprenderam do teto e o bondinho caiu, rodando lentamente até ao fundo do vale.

Apesar da violenta sacudidela do cabo ao ficar livre de repente do peso do bondinho, Thomas continuou agarrado a ele. Virou a cabeça e viu o braço de suspensão da última torre apenas a alguns metros de distância. O entorpecimento súbito das suas faculdades físicas e mentais se refletiu no ríctus de pavor que lhe contorceu o rosto. De repente, não houve mais mãos agarradas ao cabo. Apenas o braço de suspensão, o cabo e um grito longo que se perdia dentro da noite.

Quando o bondinho se aproximava da estação do castelo Smith avançou bem pelo teto com o corpo estendido para evitar a borda do telhado da estação. De onde estava deitado, era impossível ver a ala oriental do castelo, mas a julgar pelas densas colunas de fumaça que o vento espalhava na direção do vale, o incêndio estava bem longe de ser dominado. As nuvens cobriam de novo a lua e isso podia ser um bem e um mal; um bem, porque a escuridão os protegeria e um mal porque aumentaria o fulgor das chamas do castelo em fogo. Dentro em pouco, a atenção de alguém na aldeia ou no quartel seria atraída pelo fogo ou pela fumaça. Por outro lado, as explosões que continuavam no interior do castelo poderiam ser ouvidas. Não sabia a causa delas. Schaffer não tinha tido tempo de colocar tantas cargas.

O teto do bondinho chegou ao nível do telhado da estação e Smith deu um suspiro de alívio ao ver quem estava aos controles do guincho, Schaffer.

Era um Schaffer ainda vacilante, com o rosto todo ensanguentado e com alguma dificuldade em concentrar a vista. Mas era Schaffer sem dúvida alguma e em atividade de modo a compensar todas as desvantagens. Não tinha compreendido até então como dependia daquele americano. Com Schaffer a seu lado, iam precisar de muito para fazê-los parar.

Smith olhou para o telhado da estação. Mary e Carnaby-Jones ainda estavam lá, encostados à muralha do castelo. Deu adeus mas não houve resposta. Smith pensou que os fantasmas que voltam do meio dos mortos não ganham em geral um adeus.

Schaffer, apesar do seu estado, manejava os controles com perfeição.

Podia ser pura sorte, mas moveu a alavanca para ponto morto e aplicou o freio no momento exato para que o carro ficasse a meio caminho sob a borda do telhado. Primeiro, Mary e depois Jones desceram pela corda de nylon para o teto do carro, Jones com os olhos fechados. Nenhum deles disse uma palavra, nem mesmo quando Schaffer levou o carro para dentro e os fez descer no chão da estação.

— Depressa! Depressa! — disse Smith, pulando para o chão e abrindo a porta de trás do bondinho. — Entrem todos!

Virou-se para ouvir o furioso ladrar dos cães e o barulho dos pesados martelos com que estavam arrebatando o portão. O primeiro já devia ter sido quebrado. Restava o segundo.

Mary e Schaffer já estavam dentro do bondinho. Mas Jones não demonstrava qualquer intenção de embarcar. Com a Schmeisser de Smith na mão, escutava as pancadas dos martelos no portão.

Parecia indiferente a tudo e disse:

— Não me dou bem com as alturas.

— Entre! — ordenou Smith.

— Não. Deverão chegar aqui a qualquer momento. E eu vou ficar.

— Está bem — disse Smith, estendendo a mão para Jones. — Adeus e boa sorte.

De posse da mão de Jones, arrastou-o violentamente para o bondinho e correu para os controles. Ligou a alavanca, soltou o

freio e correu para o carro que já se movia.

Quando ultrapassaram o telhado da estação, o barulho do ataque ao portão pareceu redobrar de intensidade. Era evidente que o portão acabaria cedendo mais cedo ou mais tarde. Smith fechou pensativamente a porta de trás. Schaffer estava sentado com os cotovelos nos joelhos e a cabeça entre as mãos. Mary estava ajoelhada no chão, tendo no colo a cabeça de Jones.

Dois minutos passaram em completo silêncio. Afinal, Carnaby-Jones abriu os olhos. Mary olhou para Smith e murmurou: — Sabe que houve um momento em que dei tudo por perdido?

— Não foi só você. Depois disso, vou-me aposentar. Vivi nesta noite mais intensamente do que a maioria dos homens durante toda a vida. Mas que é que há? Você não está com bom aspecto...

— Não me estou sentindo bem. Não tem graça nenhuma, mas estou enjoada.

— Se você tivesse viajado aí em cima como eu — disse Smith, batendo no teto, — não se queixaria de ir na primeira classe. Ah! A torre número dois. Estamos quase no meio do caminho.

— Ainda? Que acontecerá se conseguirem arrombar o portão e chegarem lá em cima?

— Virarão a alavanca e nós começaremos a subir.

— De qualquer jeito?

— De qualquer jeito.

Carnaby-Jones levantou o corpo, sentou-se no chão, olhou para Smith e disse:

— Foi um truque sujo aquele seu.

— Sei disso. Desculpe, Sr. Jones.

— Não é preciso pedir desculpas. Fez o que devia. Afinal de contas, não tenho mesmo jeito para herói.

— Nem eu, nem eu — disse Schaffer, levantando a cabeça de repente. — Escute, Smith, e os nossos três amigos? Que foi que houve com eles?

— Morreram.

— Morreram? Quero saber como foi. Mas agora não.

— Ele não sabe o que está perdendo — murmurou Smith. — O drama que estamos vivendo lhe escapa por completo. Será que o

portão lá em cima ainda está resistindo ou os gonzos estão cedendo? Alguém estará correndo neste momento mesmo para os controles?

— Pare com isso! — gritou Mary, estridentemente. — Não fale mais assim!

— Desculpe — disse Smith. — Estou apenas assobiando no escuro para criar coragem. Já está a última torre. Mais um pouco chegaremos sãos e salvos.

— Sãos e salvos? — exclamou Schaffer. — Só direi isso quando tiver na mão o *menu* do *grill* do Savoy.

— Há gente que só pensa no estômago — disse Smith.

Naquele momento, não era outra coisa o que ele fazia e sem se sentir absolutamente bem. Não há estômago que resista a um peso de bola de chumbo combinado com o aperto de uma forte mão gelada. O coração lhe batia descompassadamente no peito e ele tinha dificuldade em falar pois toda a saliva parecia ter-lhe desaparecido da boca. — Percebeu de repente que se estava inconscientemente curvando para trás na previsão do momento em que o carro parasse com um solavanco e então voltasse a subir para o Schloss Adler. Contarei até dez, disse consigo mesmo, e se até então a nossa marcha não for detida, contarei até nove e então... Nesse momento, viu o rosto de Mary, pálido, assustado e carrancudo, fazendo-a parecer quinze anos mais velha e teve vergonha de si mesmo. Sentou-se ao lado dela e apertou-lhe o ombro.

— Tudo vai acabar bem, Mary. Quem lhe está dizendo isso é o Tio John, ouviu? Espere que você verá.

Ela levantou os olhos para ele, tentando sorrir.

— E o Tio John tem sempre razão?

— Sempre.

Vinte segundos passaram. Smith levantou-se, foi até à frente do bondinho e olhou para baixo. Embora a lua estivesse obscurecida, podia divisar os contornos da estação do vale. Virou-se para os outros e viu que todos estavam com os olhos fitos nele.

— Faltam no máximo trinta metros — disse Smith. — Vou abrir aquela porta dentro de um minuto ou de alguns segundos. Quando

eu fizer isso, a distância será no máximo de quatro metros. Se o carro parar, nós saltaremos.

Há seguramente um metro de neve no chão, o que amortecerá suficientemente a nossa queda.

Schaffer entreabriu os lábios como se fosse dizer alguma coisa, mas mudou de ideia e voltou ao seu silêncio, com a cabeça entre as mãos. Smith abriu a porta da frente, fez o possível para não tomar conhecimento da rajada de vento gelado que investiu pela porta e olhou para baixo, compreendendo então que tinha sido otimista demais no seu cálculo da distância até ao solo.

Havia ainda quinze metros no mínimo, distância suficiente para despertar mesmo nos mais otimistas pensamentos desanimadores de pernas quebradas.

Mas o seu pensamento foi desviado, porque nesse instante surgiu um fator ainda mais alarmante. Ouvia-se ao longe o gemer de sirenas, acompanhado do brilho de faróis que se aproximavam. Schaffer levantou a cabeça. Todo o torpor o abandonara, apesar da cabeça ferida.

— Isso não estava na escrita, chefe! — exclamou ele. — Sem rádio, sem telefone, sem helicóptero, como puderam comunicar alguma coisa?

— Pelo método antigo — disse Smith, apontando para o castelo. — Com sinais de fumaça.

— Ihh! — exclamou Schaffer, olhando para trás. — Embora o castelo seja todo de pedra, como queima bem!

Schaffer não estava exagerando. O Schloss Adler estava todo iluminado pelas chamas que o envolviam quase até à altura da grande torre de nordeste.

No alto da sua coluna vulcânica contra o fundo invisível das alturas do Weissspitze, o castelo em fogo que parecia iluminar todo o vale e anulava a luz da lua, oferecia um espetáculo incrível e fantástico saído de um conto de fadas.

— É de esperar que esteja no seguro — murmurou Schaffer. — A que distância, chefe?

— Uns cinco metros do chão, Tenente. Conseguimos.

— Conseguimos. — Nesse momento, o carro parou com um solavanco e ele acrescentou: — Quase!

— Saltem todos! Saltem! — gritou Smith.

Schaffer passou correndo por Smith, agarrou-se à porta com a mão esquerda, puxou Mary com a direita, pegando-a pelo pulso, deixando-a cair e só a soltando quando o braço estava todo estendido. A queda de Mary foi de pouco mais de um metro. Dentro de três segundos, fizera o mesmo com Carnaby-Jones. O bondinho deu novo solavanco e começou a subir para o castelo. Schaffer empurrou praticamente Smith para fora do carro. Em seguida, ficou pendurado da porta em toda a extensão dos braços e deixou-se cair então da altura de dois metros na neve macia. Cambaleou um pouco, mas manteve o equilíbrio.

Smith estava ao lado dele. Tinha tirado do saco uma carga de explosivo plástico e já rasgara a tira do estopim de atrito. Estendeu a carga para Schaffer e disse:

— O seu braço direito está bom.

— E pode não ser bom para cavalos, mas sempre foi bom em baseball.

Fez pontaria e jogou a carga através da porta do carro que subia.

Smith segurou então Mary pelo braço, enquanto Schaffer se encarregava de Carnaby-Jones e todos correram para longe da estação até à casa mais próxima, atrás da qual se esconderam. Quase no mesmo instante, um carro de comando, seguido de vários caminhões repletos de soldados frearam diante da estação. Os soldados saltaram e também um oficial, claramente identificável como o Coronel Weissner.

O castelo ardia mais do que nunca e era evidentemente impossível dominar aquele incêndio. De repente, ouviu-se uma explosão e o bondinho que subia foi envolto em chamas. Continuou, porém, a subir com as chamas atizadas pelo vento até que as suas chamas se perderam nas chamas maiores do Schloss Adler.

Por trás da casa onde se escondiam, Schaffer tocou o braço de Smith e perguntou:

— Já que estamos na veia, não acha bom queimar a estação do bondinho também?

— Não — disse Smith. — Vamos! Para a garagem.

11

O Coronel Wyatt-Turner inclinou-se na cadeira do copiloto, encostou o rosto à janela e olhou para o chão desanimadamente. O bombardeiro Mosquito, que tinha apenas motores e madeira compensada, era conhecido como o mais veloz avião de guerra do mundo, mas, ainda assim, o Coronel não havia pensado que fosse tão veloz.

Um voo normal não dá sem dúvida uma grande sensação de velocidade, mas o Comandante Carpenter não estava fazendo um voo normal.

Empenhava-se numa espécie de voo que parecia a Wyatt-Turner inteiramente anormal e capaz ainda de levá-los ao desastre a qualquer momento. Carpenter estava dando uma demonstração espetacular de voo baixo, sobrevoando campos a poucos metros de altura, roçando quase a copa das árvores, corcoveando acima de quaisquer elevações que surgissem pela frente. Wyatt-Turner não estava nada satisfeito com isso. Estava ainda menos com a apavorante velocidade da sombra que projetavam no chão à luz do luar e com as numerosas ocasiões em que a sombra e o avião quase se tocavam. Num esforço para não pensar mais no que devia acontecer, afastou o olhar quase hipnotizado e olhou para o relógio.

— Vinte e cinco minutos — disse ele, olhando para o homem que ia tranquilamente aos controles do avião, com um rosto franzido em contraste com o corpo relaxado e com o magnífico penacho dos compridos bigodes ruivos. — Acha que pode chegar a tempo?

— Posso — disse Carpenter. — O que resta saber é se eles poderão.

— Só Deus sabe. Não sei como poderão consegui-lo. Eu e o Almirante estamos convencidos de que estão presos no Schloss Adler. Além disso, toda a região deve estar em armas a estas horas. Que chance eles podem ter?

— Foi por isso que o senhor veio.

— Fui eu que os mandei — disse Wyatt-Turner desconsoladamente.

Olhou de novo pela janela e perguntou: — Tem de voar assim tão perto do chão?

— E o radar inimigo, meu velho? Estamos mais em segurança assim.

Smith, com Mary e Jones atrás dele e com Schaffer cerrando a retaguarda, contornou os fundos das casas no lado de leste da rua da aldeia e atravessou o quintal da garagem até às portas dos fundos da garagem de Sulz. Smith tirou as chaves-mestras do bolso e já ia abrir as portas, quando estas foram abertas para dentro e Heidi apareceu. Olhou-os como se fossem seres de outro mundo e levantou para Smith os olhos cheios de interrogações.

— Esta tudo aqui em preto e branco — disse Smith, batendo na túnica.

— Vamos para o ônibus.

Smith esperou que todos entrassem e fechou a porta, indo depois olhar por uma pequena janela gradeada na frente da garagem. A rua estava cheia de gente, na sua maioria soldados desarmados que tinham saído dos vários *Weinstuben* para olhar o incêndio do castelo. Mas havia também muitos soldados armados em dois caminhões a trinta metros da garagem e mais três caminhões mais embaixo na rua, ao lado da estação. Uma patrulha de motocicletas estava parada diante de *Zum Wilden Hirsch*. Mas o único obstáculo material que impedia verdadeiramente a fuga era um pequeno carro de comando com dois homens parado bem diante da garagem de Sulz.

Smith olhou pensativamente para o carro e chegou à conclusão de que era um obstáculo que podia ser superado. Saiu da janela e foi até às portas para verificar se os ferrolhos ainda estavam abertos.

Mary e Carnaby-Jones já haviam entrado no ônibus. Quando Heidi ia embarcar também, Schaffer pegou-a pelos ombros, beijou-a rapidamente e sorriu.

— Então? Não ficou contente de me ver? Não sabe o que passei lá em cima I Poderia ter morrido, menina!

— É que você não está tão simpático quanto a duas horas com esse rosto todo ferido, — disse ela, sorrindo. — E você não me conhece há mais tempo do que isso.

— Duas horas! Envelheci vinte anos nessas duas horas e vinte anos de namoro são suficientes. Ah! — exclamou ao ver Smith sentar-se ao volante.

— E lá vou envelhecer outros vinte anos. Daqui a pouco, estarei tão velho que você não vai me querer mais.

Embarcou com Heidi e gritou: — Deitem-se todos no chão.

— E você? — perguntou Heidi.

— Eu? — perguntou Schaffer com surpresa, quebrando o parabrisa com a coronha da Schmeisser, trocando a arma de posição, destravando o gatilho e ajoelhando-se no chão. — Eu sou o trocador do ônibus e não posso me deitar. É contra o regulamento.

Smith ligou o motor Diesel que pegou imediatamente. Em seguida, foi de marcha-à-ré até aos fundos da garagem. Dois carros em perfeito estado, um Mercedes e um Opel estavam no caminho e quando Smith — que parecia não tomar conhecimento da existência deles — chegou aos fundos da garagem não serviam mais senão para o ferro velho. Smith parou, engrenou a primeira, acelerou e partiu.

Apontou a ponta de maciço limpa-neve para o meio da porta que, em vista da resistência que ofereceu, poderia ser de papel, voou pelo ar em pedaços como se fossem confetes e o carro saiu velozmente pela rua.

A rua estava cheia, mas os curiosos que olhavam para a pira fúnebre do castelo ouviram o possante motor do ônibus e correram em tempo. O carro de comando não teve a mesma oportunidade. Antes que qualquer dos dois ocupantes do banco da frente — um sargento com as mãos pousadas no volante e um major com um radiotelefone numa mão e um charuto na outra — tivessem alguma ideia do que estava acontecendo, o carro foi colhido e arrastado pelo limpa-neve do ônibus. Foi assim arrastado por uns cinco metros, precariamente equilibrado na lâmina larga do limpa-neve, antes de escorregar e cair para o lado. De modo verdadeiramente miraculoso, ficou com as quatro rodas ainda no chão. O atônito

major ainda tinha o telefone numa mão e o charuto na outra, nem a cinza caíra.

Mais adiante, diante do *Zum Wilden Hirsch*, um grupo de motociclistas do Alpenkorps arregalavam para a rua os olhos incrédulos. A primeira impressão que tiveram foi de que Zep Salzmann, o popular motorista do ônibus, havia enlouquecido ou então que o acelerador enguiçara na tábua. A desilusão foi rápida. Ouviram o barulho inconfundível da embreagem e divisaram Smith curvado sobre o volante e Schaffer, agachado atrás, metendo o cano da Schmeisser pelo lado direito do para-brisa quebrado. Mas logo o ônibus desapareceu e não puderam ver mais nada. O que tinham visto já chegava. O sargento deu uma ordem rápida e os homens correram para as suas motocicletas, tentando ligá-las com os pés.

Mas Smith já vira também o bastante. Deu uma buzina e virou o ônibus para o lado do bar. As suas intenções eram inconfundíveis e a decisão dos motociclistas entre o instinto de conservação e a bravura suicida e inútil foi imediata. Abandonaram desesperadamente as motocicletas e saíram correndo para dentro de *Zum Wilden Hirsch*.

Houve um trovejante barulho de choques metálicos enquanto a lâmina do limpa-neve reduzia a destroços máquinas que não podiam mais ser reconhecidas como motocicletas. Duas delas, porém, continuaram enganchadas no limpa-neve.

O ônibus ainda estava sendo acelerado. As luzes se acendiam alternadamente com os faróis altos e os faróis baixos e a rua se esvaziava com correspondente rapidez. E quando passou pelos últimos pedestres, Smith ligou a buzina de estrada.

Nas montanhas alpinas, os ônibus de passageiros têm absoluta prioridade sobre todos os outros veículos e a sua buzina estridente com três notas é o símbolo da sua total autoridade. Essa buzina é um sinal que faz todos os pedestres se afastarem e todos os veículos pararem porque o direito de passagem do ônibus de passageiros que leva a mala do correio é uma coisa incutida desde a infância no espírito de todos os que vivem nos Alpes. O ônibus

chegou às últimas casas da aldeia sem que um só tiro tivesse sido disparado.

Na curva fechada do fim da rua, as duas motocicletas escorregaram da lâmina do limpa-neve e foram bater num muro de pedra, candidatando-se também ao ferro velho. A estrada se estendia em linha reta ao lado das águas escuras do Blau See. Ligava de vez em quando a buzina alpina da estrada, pensando que aquilo valia bem duas metralhadoras.

— Não sabe outra música? — perguntou Schaffer irritadamente, sentando-se no chão. — Telefone quando precisar dos meus serviços. Daqui a dois quilômetros, provavelmente.

— Por que daqui a dois quilômetros?

— Os portões do quartel. Aquele camarada no carro de comando tinha na mão um radiotelefone.

— Tinha? Por que não deu um tiro nele?

— Porque agora sou um homem diferente, chefe. Aconteceu uma coisa maravilhosa em minha vida.

— Além disso, não teve oportunidade.

— Além disso, como observou, não tive oportunidade.

Schaffer virou a cabeça e olhou pelas vidraças do fundo do ônibus para ver se estavam sendo perseguidos, mas a estrada estava vazia. Apesar disso, o que se via na retaguarda do carro não era destituído de interesse. O Schloss Adler era naquele momento um imenso braseiro e estava irremediavelmente perdido. Antes do amanhecer, dele só restaria a casa vazia, fantasmal e enegrecida a marcar e profanar através das gerações futuras um dos vales mais lindos que havia.

Voltou o olhar para dentro do ônibus e viu que os seus companheiros de viagem estavam todos encolhidos no chão, debaixo dos bancos, inteiramente ocultos.

Schaffer teve um sobressalto de atenção ao ver o pé de Smith mover-se rapidamente do acelerador para o freio. Os portões do quartel estavam a apenas duzentos metros de distância. A área em torno da casa da guarda e do campo de exercícios estava brilhantemente iluminada. Dezenas de soldados armados corriam de um lado para outro em desordenada confusão, o que era uma

impressão totalmente errônea, como Schaffer dentro em pouco verificou. Estavam correndo para caminhões e carros de comando e sem perder a menor parcela de tempo.

De repente, arregalou os olhos. Um tanque gigantesco saía do quartel e rodou 180 graus, bloqueando completamente a estrada. A torre artilhada girou até voltar-se para os faróis do ônibus que se aproximava.

— Agora, sim! — exclamou Schaffer. — Um tanque Tiger, chefe. E aquele canhão é de 88 milímetros!.

— De fato, não se trata de uma atiradeira — murmurou Smith. — Estenda-se no chão.

Ligou uma chave e um indicador luminoso de trinta centímetros começou a mover-se para cima e para baixo. Desligou então os faróis dianteiros e começou a viajar só com os laterais, esperando que todos esses sinais de normalidade pacífica pudessem afastar dedos nervosos dos botões de tiro do tanque mais mortífero já concebido.

Fosse qual fosse o motivo, os dedos não se aproximaram dos botões.

Smith, numa marcha de menos de trinta quilômetros, avançou até ao portão e parou. Tendo o cuidado de esconder a mão ferida, debruçou-se na janela do ônibus e disse a três guardas e um sargento, todos armados de metralhadoras portáteis, que acorreram: — Depressa! — gritou ele. — Médicos e enfermeiras com urgência para atender o Coronel Weissner! Levou dois tiros no peito. Andem, pelo amor de Deus! Não fiquem aí parados!

— E esse ônibus? — perguntou o sargento. — Recebemos ordem pelo telefone...

— Foi um bêbado! Será julgado em conselho de guerra amanhã bem cedo. Como é? Vão deixar o Coronel morrer? Depressa!

Smith engrenou o carro e entrou pelo portão, ainda em marcha lenta. O sargento, tranquilizado por ver um uniforme de major, pelo fato de que o ônibus estivesse entrando no quartel, pela marcha lenta do ônibus e pela autoridade da buzina alpina que Smith não desligara, correu para o telefone mais próximo.

Ainda em marcha lenta, Smith passou por entre as filas de soldados, por uma coluna de soldados embarcados em motocicletas, carros blindados e caminhões, todos com os motores ligados e alguns já se movendo para os portões, embora não com a velocidade que ele desejava. À frente, apareceu um grupo de oficiais que conversavam animadamente. Smith diminuiu a marcha ainda mais e debruçou-se da janela.

— Os espiões estão cercados! — disse ele nervosamente. — No *Zum Wilden Hirsch!* Mas capturaram o Coronel Weissner como refém! Depressa!

Reconheceu de repente num dos oficiais o capitão do Alpenkorps com quem tinha falado algumas horas antes naquela noite no bar, apresentando-se como o Major Bernd Himmler. Um segundo depois, o capitão também o reconheceu e abriu a boca numa expressão de total incredulidade. Antes que tivesse tempo de fechá-la, Smith pisou com força no acelerador e o ônibus partiu como uma flecha na direção dos portões do sul, enquanto os soldados pulavam para os lados a fim de evitar a lâmina ameaçadora do limpa-neve.

Tão grande foi o fator surpresa que o ônibus já havia percorrido bem uns trintas metros antes que os primeiros tiros fossem estilhaçar-lhe as vidraças.

Mas já então Smith saía dos portões do sul e retomava a estrada, obtendo uma proteção ao menos temporária dos homens que atiravam do campo de exercícios.

Mas parecia que a emenda era pior do que o soneto. Podia haver proteção temporária de um inimigo — mas para outro e muito mais mortífero não tinham proteção alguma. Smith quase perdeu a direção do ônibus quando uma bala atingiu o ônibus em baixo e ricocheteou violentamente indo explodir na neve a alguns metros de distância.

— O tanque! — gritou Schaffer.

— Abaixo-se! — gritou Smith, dobrando o corpo no banco até ficar com os olhos a apenas dois centímetros da base do para-brisa. — Esse pegou baixo. O outro...

O outro entrou pelo alto da porta traseira, atravessou o ônibus em toda a sua extensão e foi sair pelo teto, logo acima do para-

brisa. Desta vez não houve explosão.

— Falhou? — exclamou Schaffer. — Ou foi uma bala de treino?

— Nem uma coisa, nem outra — disse Smith, dirigindo o ônibus perigosamente em ziguezague pela estrada a fora para evitar uma pontaria certa do artilheiro do tanque. — Balas contra blindagem, que perfuram cinco centímetros de chapa de aço de um tanque antes da explosão. Se uma dessas balas...

— Não diga mais nada, chefe! Poupe-me dos horrores do desconhecido. Mas espere. O tanque parou! E parece que estão organizando a parada da vitória!

Smith olhou pelo espelho e lançou o ônibus numa marcha mais reta.

— Nada disso. Nunca pensei que você ficaria feliz de ver uma coluna de caminhões do Alpenkorps em minha perseguição. Mas vou abrir uma exceção desta vez.

Schaffer olhou para trás e viu pelo menos três pares de faróis que vinham pela estrada, seguidos de mais alguns. Na realidade, bloqueavam o campo de tiro do canhão do tanque.

— Você se sente feliz? Pois eu estou positivamente delirante. Tanques são uma coisa, caminhões são outra. — disse Schaffer, atravessando o ônibus, por entre os bancos sob os quais Mary, Heidi e Carnaby-Jones ainda estavam deitados e olhou as caixas arrumadas na retaguarda.

— Seis caixas! — exclamou ele. — E nós só pedimos duas. Heidi querida, também por isso você faz de mim o mais feliz dos homens vivos!

Abriu a porta traseira do ônibus e começou a jogar na estrada as garrafas vazias. Algumas rolaram intactas na neve, mas a velocidade do ônibus era tal que a maior parte se despedaçou com o impacto.

Os dois primeiros caminhões estavam a trezentos metros do ônibus quando chegaram ao local dos cacos de garrafas. Schaffer, de onde estava, não podia saber exatamente o que acontecia, mas as indicações foram plenamente satisfatórias. Os faróis dos carros que vinham na frente começaram a girar violentamente de um lado para outro, houve freios que rangeram audivelmente e o barulho de

muitas batidas. Durante alguns segundos, todos os carros pareceram embolados. Depois, uns derraparam, enquanto outros capotaram. Era evidente que a estrada estava bloqueada.

— Ótimo! — disse Schaffer. — Meus parabéns, Tenente Schaffer. Isso os bloqueará, chefe.

— Sem dúvida, durante um minuto apenas. Não é possível fazer estourar dessa maneira pneus de caminhões pesados e eles não tardarão a rebocar da estrada os caminhões caídos. Heidi?

Heidi saiu do seu esconderijo, tremendo ao vento frio que entrava pelas vidraças despedaçadas.

— Pronto, Major.

— Quanto falta daqui até à primeira curva?

— Um quilômetro e meio.

— E para a ponte de madeira?

— Mais um quilômetro e meio.

— Três minutos no máximo — disse Smith. — Acha que pode dar um jeito, Tenente?

— Posso, sim, — disse Schaffer, tratando já de amarrar cargas de explosivos plásticos com esparadrapo, deixando pendentes dos pacotes as longas fitas do estopins. Tinha acabado de fazer o último pacote quando perdeu o equilíbrio. O ônibus, que já havia deixado as margens do Blau See e corria por uma floresta de pinheiros, tinha virado abruptamente para a esquerda numa estrada lateral.

— Desculpe — disse Smith. — Quase errei esta. Menos de dois quilômetros, Tenente.

— Não foi nada — disse Schaffer jovialmente. Tirou uma faca e começou a encurtar os estopins, depois olhou pelas vidraças de trás e parou.

— Chefe, infelizmente tenho más notícias para lhe dar, — disse ele, ao ver os faróis de caminhões que se aproximavam rapidamente pela estrada.

— Já sei. Tenho um espelho aqui. Ainda está muito longe, Heidi?

— Na primeira curva.

Enquanto Schaffer trabalhava com os estopins, Smith se concentrava em dobrar a próxima curva com a maior velocidade

possível sem sair da estrada.

Afinal, venceram a curva e a ponte apareceu a menos de cem metros de distância.

Smith viu logo que não era uma ponte que ele gostaria de atravessar numa bicicleta, quanto mais num ônibus de oito toneladas. Ainda se fosse uma ponte baixa que atravessasse um regato plácido, vá lá. Mas era demais uma ponte como aquela de quinze metros de comprimento, com o leito feitos de dormentes de estrada de ferro soltos sobre uma ravina de sessenta metros de altura e apoiada em estruturas muito antigas de madeira em que ele não confiaria nem para aguentar uma mesa de piquenique.

Atravessou a decrepita ponte a sessenta quilômetros por hora. Talvez uma velocidade menor fosse mais prudente, mas Smith chegou à conclusão de que quanto menos demorasse sobre aqueles velhos dormentes melhor. As pesadas correntes de neve deslocaram sucessivamente os dormentes com tremendo barulho e o ônibus tremeu como se dançasse um dos passos modernos ou como um destróier que avançasse por mar picado. Smith tivera a princípio a intenção de parar no meio da ponte para a colocação das cargas, mas logo que se viu nela achou que parar ali seria tão insensato quanto colher uma edelweiss no caminho de uma avalanche alpina. A três metros do fim da ponte, aplicou os freios, derrapou um pouco e foi parar em terreno firme de novo menos de seis metros depois.

Schaffer já havia aberto a porta de trás e pulou com os dois pacotes de explosivos plásticos na mão antes que o ônibus parasse. Cinco segundos depois de pular, já estava subindo pela ponte até chegar às duas principais estruturas de sustentação da ponte. Levou menos de vinte segundos para amarrar um dos pacotes à estrutura da direita, atravessar a ponte e fazer o mesmo na da esquerda. Ouvindo o ronco dos motores dos caminhões que se aproximavam, rasgou os estopins, correu para o outro lado, rasgou os outros e voltou correndo para o ônibus. Smith já pusera o veículo em movimento e ele deu um pulo para a porta, sendo ajudado por mãos que se estenderam.

Schaffer virou o corpo e sentou-se no chão do ônibus, com as pernas para fora da porta, a tempo de ver os faróis do primeiro

caminhão aparecerem na curva. Estava a menos de cem metros da ponte e corria bem.

Schaffer teve um momento quase de pânico ao pensar que talvez não tivesse encurtado suficientemente os estopins. Não havia calculado que os perseguidores estivessem tão perto assim.

As duas detonações, cada qual precedida pelo clarão branco característico dos explosivos plásticos, se sucederam com um segundo de intervalo. Pedacos de madeira e dormentes foram atirados a dez metros de altura, rodaram um pouco no ar com um movimento curiosamente lento e muitos foram cair de novo sobre a ponte, ajudando a destruir o que restava.

Um momento antes, havia ali uma ponte; depois, uma ravina vazia, na outra borda da qual os faróis do primeiro caminhão dançavam alucinadamente, num esforço do motorista para não rolar no precipício. Por um momento, pareceu que a queda era inevitável, mas por fim o carro derrapou literalmente na estrada, bateu numa pedra grande e rodou duas vezes sobre si mesmo até parar a menos de dois metros da borda.

Schaffer sacudiu a cabeça, levantou-se, fechou a porta e se sentou no último banco, murmurando:

— Confessem que é uma sorte de vocês contar comigo aqui.

— Além do mais, é modesto — murmurou Heidi.

— De fato, é uma rara combinação — disse Schaffer. — Mas espere que você vai ter muitas outras surpresas agradáveis até envelhecermos juntos. A que distância está o aeroporto?

— Oito quilômetros. Talvez levemos oito minutos. Mas esta é a única estrada e com a ponte destruída, não há mais pressa.

— Isso diz você. O velho Schaffer está ansioso por levantar voo. Escute, querida. Você só trouxe garrafas de cerveja vazias?

— Só as que nós jogamos na estrada.

— Meu bem, estou convencido de que não a mereço — disse Schaffer cheio de admiração.

— Também acho. Ao menos, já começamos a concordar em alguma coisa.

Schaffer riu, pegou duas garrafas de cerveja e foi tomar o lugar de Smith, que lhe cedeu o volante com muito gosto, sem parar o

carro. A mão de Smith não tinha um só pedaço de atadura que não estivesse saturado de sangue e o rosto estava muito pálido. Mas não houve comentários.

Três minutos depois, saíram da floresta e começaram a correr por entre campos lavrados. Mais cinco minutos e, seguindo as instruções de Heidi, Schaffer entrava por um estreito portão ao lado esquerdo da estrada. Os faróis iluminaram sucessivamente dois pequenos hangares, uma estreita pista de pouso e, por fim, um bombardeiro Mosquito com marcas de balas e um trem de aterrisagem danificado.

— O avião de Carnaby-Jones — disse Schaffer, olhando para o aparelho danificado.

— É verdade — disse Smith. — Tudo começou com um Mosquito e vai acabar — assim o espero — com um Mosquito. Este é o aeroporto de Oberhausen, QG dos pilotos do Socorro de Montanha da Baviera.

— Três hurras para os pilotos do Socorro de Montanha da Baviera — disse Schaffer, parando o ônibus de frente para a pista e desligando o motor.

Ficaram à espera, em silêncio.

O Coronel Wyatt-Turner olhou pela janela e deu um suspiro de alívio ao ver que, pela primeira vez naquela noite, o Mosquito se elevava bem acima do chão.

— Perdeu a coragem, Comandante? — perguntou sarcasticamente.

— Perdi desde o dia 3 de setembro de 1939, quando começou a guerra — disse jovialmente o Comandante. — Mas tenho de subir. Não posso ver sinais de reconhecimento metido assim entre as árvores.

— Tem certeza de que está na rota certa?

— Absoluta. Ali está o Weissspitze. Três minutos de voo agora. — Olhou para baixo e acrescentou: — Parece que estão comemorando o São João lá embaixo.

O Comandante não estava exagerando. Via-se vagamente o vulto do Weissspitze, mas não havia confusão possível em relação à grande fogueira que ardia na encosta. De vez em quando, se

elevavam dela fagulhas e estampidos como de gigantescos fogos de artifício.

— Há explosivos ou caixas de munição estourando lá — disse Carpenter. — É claro que se trata do Schloss Adler. Qualquer dos seus rapazes estava com fósforos no bolso?

— É bem possível. De qualquer maneira, é um belo espetáculo.

— Sem dúvida. Mas há um espetáculo melhor e que me agrada muito mais — disse Carpenter, tocando no braço de Wyatt-Turner e apontando para baixo.

Wyatt-Turner olhou e viu a menos de três quilômetros de distância e 150 metros abaixo dois faróis que se acendiam e apagavam alternadamente, de dois em dois segundos. Olhou hipnoticamente para os faróis e sacudiu a cabeça em lenta e total incredulidade.

Schaffer ligou os faróis de modo a iluminar a pista e o Mosquito passou sobre o ônibus e foi aterrissar suavemente.

Um minuto depois, Schaffer freava o ônibus ao lado do avião parado.

Mais meio minuto e Carpenter, com todos em segurança a bordo, iniciou as manobras de decolagem, tomando o rumo do noroeste e da Inglaterra.

12

O Comandante Carpenter levou o Mosquito a 1.500 metros de altura e aí o conservou. Não era mais hora de se esconder rente ao solo. Na viagem de ida, Carpenter fizera tudo para que nenhuma estação alemã tivesse ideia do seu destino. Mas na volta pouco importava que todas as estações de radar soubessem para onde ia. Ia para a Inglaterra com a missão cumprida e não havia na Europa um só avião de guerra suficientemente veloz para alcançá-lo. Carpenter começou a fumar seu fedorento cachimbo contente da vida.

Os cinco novos passageiros talvez não estivessem tão contentes, decerto porque lhes faltava a cadeira acolchoada do piloto. O interior do Mosquito não fazia qualquer concessão ao conforto dos passageiros. Era nu, gelado, apertado e totalmente desprovido de assentos. Os três homens e as duas moças se acomodaram da melhor maneira possível, mostrando no rosto o desconforto que sentiam. O Coronel Wyatt-Turner, tendo ainda nos joelhos, a metralhadora Sten que empunhara na hipótese de que o sinal no aeroporto fosse algum truque dos alemães, virou-se de lado em sua cadeira para falar com o piloto e os passageiros ao mesmo tempo.

Aceitara sem perguntas e aparentemente sem interesse a explicação dada por Smith da presença das duas moças, como sendo necessária para livrá-las da vingança da Gestapo. O Coronel Wyatt-Turner tinha coisas mais importantes em que pensar.

Smith levantou os olhos da mão em que Mary estava fazendo um curativo e disse: — Foi muita bondade sua vir a nosso encontro nos esperar, Coronel.

— Não foi bondade nenhuma. Eu teria enlouquecido se ficasse mais tempo em Londres. Tinha de saber. Fui eu que os mandei para lá. Primeiro, o Sargento Harrod, depois Torrance-Smythe e agora, segundo me dizem, Caracciola, Christiansen e Thomas. Todos

mortos. Foi um preço terrível que tivemos de pagar, Smith. Os meus melhores homens.

— Todos eles, Coronel? — perguntou Smith, com voz muito branda.

— Acho que estou ficando velho — murmurou Wyatt-Turner. — Descobriu quem...

— Caracciola.

— Caracciola, Ted Caracciola? Nunca! Não posso acreditar!

— E Christiansen — disse Smith com voz ainda mais branda. — E Thomas.

— Christiansen e Thomas também? Acaba de passar por momentos difíceis, Major Smith. Não deve estar se sentindo bem.

— Reconheço que não estou muito bem agora. Mas estava quando os matei.

— Matou?!

— Sabe muito bem que não são os primeiros traidores que eu mato.

— Mas traidores, eles, os três? Não posso acreditar e não vou acreditar!

— Então talvez acredite nisto, Coronel — disse Smith, tirando do bolso da túnica um dos três blocos e entregando-o a Wyatt-Turner.

— Aí estão os nomes e endereços ou contatos de todos os agentes alemães no sul da Inglaterra e os nomes de todos os agentes ingleses no noroeste da Europa que foram suplantados por agentes alemães. Deve reconhecer a letra de Caracciola. Ele escreveu isso sob coação.

Lentamente, como um homem em transe, Wyatt-Turner folheou o bloco. Examinou o conteúdo durante três minutos e, por fim, pousou o bloco na perna com um suspiro.

— Este é o documento mais importante na Europa, o documento mais importante que já me chegou às mãos. A nação muito lhe deve, Major Smith.

— Muito obrigado, Coronel.

— Ou, melhor, poderia dever. É uma pena que não possa aproveitar seu sacrifício nem externar-lhe gratidão. — Levantou a

Sten e apontou-a para o coração de Smith. — Não vai cometer nenhuma imprudência, não é mesmo, Major Smith?

— Que quer dizer isso? — exclamou Carpenter, olhando para Wyatt-Turner atônito.

— Trate de pilotar seu avião, meu caro Comandante — disse Wyatt-Turner virando um pouco o cano da metralhadora na direção de Carpenter. — Sua rota pode continuar por enquanto. Em alguns minutos, tomaremos o rumo do aeroporto de Lille.

— O camarada enlouqueceu! — exclamou Schaffer.

— Se enlouqueceu, — disse secamente Smith —, aconteceu foi há alguns anos. Senhoras e senhores, apresento-lhes o espião mais perigoso da Europa, o agente duplo mais bem-sucedido de todos os tempos. Será submetido a conselho de guerra hoje à tarde, Coronel Wyatt-Turner, condenado, levado para a Torre de onde sairá para ser vendado e fuzilado às oito horas da manhã.

— Sabia, então? Sabia de tudo a meu respeito? — perguntou Wyatt-Turner.

— Sabia, sim. E todos devíamos saber, não é mesmo, Coronel? Afirmou que havia trabalhado durante três anos na retaguarda das linhas alemãs, servindo na Wehrmacht e afinal penetrando no Alto Comando Alemão em Berlim. É claro que fez isso, mas com ajuda e conhecimento pleno da Wehrmacht e do Alto Comando. Entretanto, quando a maré da guerra virou e não pôde mais fornecer aos Aliados informações falsas e desorientadoras a respeito de avanços alemães, consentiram que fugisse e voltasse à Inglaterra para fornecer aos alemães informações verdadeiras e exatas sobre os planos aliados, inclusive as informações necessárias para que fossem capturados todos os agentes ingleses no noroeste da Europa. Quantos milhões de francos estão depositados na sua conta numerada em Zurique, Coronel?

O Comandante Carpenter olhou para a frente através do para-brisa e disse lentamente: — Francamente, isso é um absurdo, meu velho.

— Facilite e veja se essa metralhadora dele é absurda — replicou Smith.

Olhou de novo para Wyatt-Turner e continuou: — Creio que subestimou o Almirante Rolland. Tinha suspeitas a seu respeito e dos quatro chefes de seção do Departamento C. Estava errado quanto a Torrance-Smythe.

— Pode ir dando seus palpites — disse Wyatt-Turner, cheio de confiança. — Vai nos ajudar a passar o tempo até chegarmos a Lille.

— Infelizmente para você, não se trata de palpites. O Almirante Rolland me chamou e a Mary da Itália. Não podia ter confiança em ninguém em Londres. Sabe como a corrupção se espalha, não sabe? O Almirante agiu com muita habilidade. Eu disse a ele que suspeitava de um dos chefes de seção, mas não sabia qual. Quando o avião do General Carnaby caiu, sugeriu a ideia de mandar os chefes de seção para salvá-lo. E tomou providências para que você não tivesse oportunidade de falar com nenhum deles antes da partida.

— Foi por isso então que fui chamado? — perguntou Schaffer, arrasado. — Porque não podiam confiar...

— Tanto quanto sabíamos, o MI-6 estava infestado... Bem, Coronel, não ficou muito feliz quanto o Almirante Rolland lhe pediu que escolhesse o chefe da missão, não é? Você então me escolheu. Rolland sabia que isso aconteceria. Você não me conhecia pessoalmente, mas sabia pelo chefe do serviço militar de Kesselring, por intermédio de seu amigo Almirante Canaris, que eu era o principal agente duplo dos alemães na Itália. Ou pensava que sabia. Rolland era o único homem de qualquer lado que sabia que eu não era o que os alemães me julgavam. Para você, eu era o homem ideal. Rolland tomou providências também para que não conversasse comigo, mas você não se preocupou. Estava certo de que eu faria o que tinha de fazer.

— Sabia disso? Sabia de tudo isso? — perguntou Wyatt-Turner.
— Continue, Smith.

— Tudo foi arranjado para forçar a sua mão. Sabíamos de tudo a seu respeito, mas não tínhamos provas. Consegui as provas esta noite. O Coronel Kramer sabia da nossa vinda, sabia que íamos

tentar salvar o General Carnaby. Por falar nisso, apresento-lhe o ator americano Cartwright Jones.

— Como? — exclamou Wyatt-Turner como se lhe estivessem apertando o pescoço.

— O General Carnaby está passando tranquilamente o fim de semana na casa de campo do Almirante, no Wiltshire. O Sr. Jones foi admirável no seu papel. Enganou-os tanto quanto aquela descida forçada do Mosquito — já deve ter compreendido que foi um desastre forjado. Por que Kramer sabia de tudo? Sabia porque você informou a Berlim logo que Rolland lhe expôs os planos. Ninguém mais tinha chance de fazer isso senão você. E ele sabia que estaríamos no *Zum Wilden Hirsch*. Sabia porque eu lhe contara isso na transmissão desta manhã e você não perdeu tempo em transmitir a informação.

— Tem certeza disso? — perguntou Heidi. — O informante não podia ser um dos três que mataram Torrance-Smythe — Caracciola, Christiansen ou Thomas? Há um telefone bem em frente ao bar...

— Sei disso. Mas a pessoa não teve tempo. Fiquei fora do bar exatamente sete minutos. Três minutos depois que eu saí, Torrance-Smythe começou a seguir um dos três. Smythe era inteligente e sabia que alguma coisa não estava certa.

— Como ele soube? — perguntou Schaffer.

— Isso nunca saberemos. Na minha opinião, era perito em leitura labial. De qualquer maneira, surpreendeu o suspeito quando entrava na cabine telefônica, antes que tivesse tempo de falar com Weissner ou Kramer. Houve luta. Quando o assassino, depois de arrastar o corpo de Smythe para os fundos, voltou à cabine, encontrou-a ocupada por outro homem. Vi esse homem na cabine. O assassino teve então de voltar ao bar. Foi Kramer quem disse a Weissner e foi o Coronel quem disse a Kramer.

— Muito interessante — disse Wyatt-Turner com ironia na voz, mas com a inquietação estampada no rosto. — Fascinante, mesmo. Já acabou, Major Smith?

— Quase — disse Smith. — Não podia deixar de vir me esperar, Coronel. Era a sua última chance. Na minha derradeira transmissão ao Almirante, eu contei que havia conseguido tudo. Ele lhe disse o

que isso significava — todos os nomes, todos os endereços. Nunca poderíamos alcançá-lo por intermédio de Caracciola, Christiansen ou Thomas. Estavam muito perto de você no MI-6, você era muito esperto e eles nunca souberam para quem estavam trabalhando. Você usava intermediários — os nomes de todos eles estão aí nesse bloco.

Wyatt-Turner não fez comentários. Voltou-se para Carpenter e disse: — Mude a rota para o aeroporto de Lille.

— Não é preciso se dar ao trabalho, Comandante.

Wyatt-Turner voltou a metralhadora para Smith. — Dê-me uma boa razão para que eu não atire em você agora mesmo.

— Vou dar. Por que acha que o Almirante Rolland o acompanhou até o aeroporto? Foi a primeira vez que ele fez isso?

— Continue.

— Foi para ter certeza de que você traria essa Sten... e apenas essa. Está vendo duas riscas paralelas no ponto de junção da coronha e do cano?

Wyatt-Turner baixou o olhar para a Sten. Havia de fato duas riscas.

— Fui eu que as fiz quando serrei o percursor há exatamente trinta e seis horas.

Ao mesmo tempo em que dizia isso, Smith tirou da túnica a sua Luger com silenciador. Wyatt-Turner levantou a Sten a menos de um metro da cabeça de Smith e puxou o gatilho. Houve apenas um estalo seco. Com expressão de pavor, Wyatt-Turner deixou cair a metralhadora no chão, virou-se na cadeira, abriu a porta e jogou fora o bloco. Voltou-se para Smith e disse: — Bem, o documento mais importante da Europa não existe mais.

— Está enganado — disse Smith, tirando dois outros blocos da túnica.

— Duplicatas.

— Duplicatas? — exclamou ele com a fisionomia marcada pela derrota. Olhou para Smith e perguntou: — Vai atirar em mim?

— Não.

Wyatt-Turner virou-se, abriu mais a porta e perguntou ao mesmo tempo em que se lançava por ela: — Achou mesmo que eu iria para

a Torre?

— Não, nunca achei isso, — disse Smith.

— Cuidado com o degrau — disse Schaffer, com voz fria e vazia.

— Bem, está na hora de fazer um telefonema — disse Smith, fechando a porta e sentando-se na cadeira do copiloto. — O Almirante já deve estar ficando preocupado.

— Como consegue? — exclamou Mary, muito pálida, como se tivesse visto um fantasma. — Como pode se sentar aí tão calmamente?

— Porque isso não foi surpresa para mim. Sabia que ele faria isso mesmo. Além disso, você entende o que isso significa, não entende?

— Entendo o quê?

— Nós dois como agentes estamos queimados, acabados. Na Itália, no noroeste da Europa, não posso nem lutar como soldado, pois se for capturado serei fuzilado como espião.

— E daí?

— Daí que para nós a guerra acabou. Pela primeira vez, podemos pensar em nós dois. OK? — Apertou a mão dela e Mary sorriu. — Posso usar seu telefone, Comandante?

— Foi assim então? — murmurou o Almirante Rolland no seu QG em Londres, parecendo velho e cansado. — Talvez fosse melhor, Smith. Tem toda a informação de que precisamos?

— Toda.

— Ótimo. Já alertei toda a polícia. Logo que tivermos esse bloco na mão... Mandarei um carro esperá-lo no aeroporto. Nós nos veremos em uma hora.

— Está bem, Almirante. Mais uma coisa, uma pequena coisa. Quero me casar nesta madrugada, logo que chegar.

— O quê?!

— Quero me casar. Com Mary Ellison.

— Mas não é possível nesta madrugada. Há formalidades e tudo está fechado.

— É isso que o senhor chama de gratidão, depois de tudo o que fiz?

— Isso é chantagem, sabe? Está explorando a gratidão de um velho. Chantagem! — Desligou e pegou outro telefone. — Ligue-me com o Departamento de Falsificações.

O Comandante Carpenter, com seu cachimbo aceso e tomando o café que acabara de tirar de uma garrafa térmica, estava de novo no seu jeito imperturbável. Smith conversava tranquilamente com Mary. Jones tinha os olhos fechados e parecia estar dormindo. Mais adiante, Schafferpassara o braço pelos ombros de Heidi, que não repelira o gesto.

— Então é isso — dizia Schaffer. — Vamos para o boteco esta noite.

— Mas você não falou no grill do Savoy?

— Por mais que se mude o nome de uma rosa, nunca deixa de ser uma rosa, minha filha. Comeremos patê, truta defumada, um bom bife de Aberdeen-Angus...

— Aberdeen-Angus? Já se esqueceu de que estamos em guerra e há racionamento? É mais provável conseguirmos um bife de carne de cavalo...

— Querida, nunca mais em sua vida pronuncie essa palavra diante de mim. Sou alérgico a cavalos.

— Por quê? Você comia cavalos em Montana?

— Não. Eu caio deles, meu bem. Em toda parte.

FIM